UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

PAULA DA COSTA CAFFARO

**Para uma elaboração de um dicionário bilíngue da terminologia
gramatical árabe-português**

Versão corrigida

SÃO PAULO

2018

PAULA DA COSTA CAFFARO

**Para uma elaboração de um dicionário bilíngue da terminologia
gramatical árabe-português**

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Safa Alferd Abou Chahla Jubran

De acordo: _____

SÃO PAULO

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Caffaro, Paula da

C129p Para uma elaboração de um dicionário bilingue da terminologia gramatical árabe-português / Paula da Caffaro ; orientadora Safa Alferd Abou Chahla Jubran. - São Paulo, 2018.

185 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

CAFFARO, Paula da Costa. *Para uma elaboração de um dicionário bilíngue da terminologia gramatical árabe-português*. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras

Aprovada em:

Banca examinadora

Profª. Drª. Safa Alferd Abou Chahla Jubran (Orientadora)

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Drª. Suely Ferreira Lima

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Drª. Bianca Graziela Souza Gomes da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Drª. Mona Mohamad Hawi

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Drª. Shirley Lica Ichisato Hashimoto

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha família, o fundamento de minha existência, com
muito amor.

AGRADECIMENTOS

Ao refletir sobre minha trajetória de vida, de onde vim e aonde cheguei, até o presente momento, sinto imensa felicidade e profundo agradecimento, em primeiro lugar a Deus, porque Ele foi sempre meu guia seguro, o Bom Pastor que me conduziu e sustentou por todos os caminhos que percorri, em especial, durante os anos de doutoramento.

À minha família: minha mãe, meu pai, minha irmã, meus avós, tios e primos, a Ivan, meu cunhado-irmão, a Éder, meu anjo, e aos amigos verdadeiros, que souberam entender minhas ausências, por me incentivarem a continuar, quando eu não tinha mais forças; por me ajudarem a rever meu alvo, quando meus olhos cansados já não conseguiam mais enxergá-lo.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Safa A-C Jubran, tão sábia, paciente e generosa comigo em minhas limitações. Obrigada por sempre acreditar em mim, por me apoiar durante todos esses anos de crescimento e amadurecimento profissional e pessoal. Ela, mais do que ninguém, sabe das minhas lutas para superar-me. Não tenho palavras para agradecer a esta que se tornou também amiga.

Aos meus amigos da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao nosso saudoso Abuna, Prof. Dr. Alphonse Nagib Sabbagh, um referencial e exemplo de vida, dedicação e empenho aos seus dois ministérios: o sacerdócio e o magistério. Aos professores e amigos Prof. Dr. João Baptista de Medeiros Vargens, Prof^ª. Dr^ª. Suely Ferreira Lima, Prof^ª. Dr^ª. Bianca Graziela Souza Gomes da Silva e Prof^ª. Geni Harb, agradeço por eles torcerem por mim e me impulsionarem em todos os momentos, desde os tempos da graduação.

A todos os meus alunos, os de ontem e os de amanhã. Desejo ser para eles um degrau, para que cresçam, se desenvolvam e me superem.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e de Ensino Superior) pela concessão da bolsa de estudos, pelo suporte financeiro, sem o qual essa pesquisa não seria viável.

Aos professores Dr^a. Suely Ferreira Lima, Prof^a. Dr^a. Bianca Graziela Souza Gomes da Silva, Dr^a. Mona Hawi e Dr^a. Lica Hashimoto que tão gentilmente aceitaram compor a Comissão Examinadora.

Obrigada a todos que fazem parte da minha vida e contribuem para a construção e aperfeiçoamento do meu ser.

“Na verdade, é Deus que produz em vós tanto o querer
como o fazer, conforme o seu agrado.”

Filipenses, 2,13.

“Desistir?

Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério.

É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas,
mais esperanças nos meus passos do que tristeza nos meus ombros,
mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.”

Cora Coralina

CAFFARO, Paula da Costa. *Para uma elaboração de um dicionário bilíngue da terminologia gramatical árabe-português*. 185 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Orientais – Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

RESUMO

Esta tese investiga os termos gramaticais árabes pertencentes às classes do nome, do verbo e da partícula. Com o intuito de propor uma harmonização dos termos árabes em português, buscaram-se encontrar termos equivalentes em ambos os idiomas, e, para isso, três possibilidades são levantadas: a) equivalência direta, quando os semas das definições terminológicas dos termos gramaticais árabe e português forem concordantes; b) equivalência aproximada, quando nem todos os semas forem concordantes, nesse caso, investigamos a descrição de uso de mais de um termo gramatical português na tentativa de encontrar um equivalente mais adequado para o termo árabe; c) não-equivalência, quando não for verificado equivalente em português para o termo gramatical árabe, então, propomos um neologismo terminológico ou uma paráfrase. O objetivo desta pesquisa é traçar bases teóricas e metodológicas para uma futura elaboração de um dicionário bilíngue (árabe-português) de termos gramaticais árabes. Apresentamos 15 termos teste, a fim de exemplificar os procedimentos metodológicos de análise delineados, até a redação do verbete final que formaria a macroestrutura do referido dicionário. Dos novos termos analisados, 9 pertencem à categoria do nome e 3 ligados à partícula. Como a classe verbal foi objeto de estudo do mestrado (CAFFARO, 2013), selecionamos apenas 3 termos para ilustrar os objetivos traçados na presente tese e, da mesma forma, redigimos os verbetes finais para os termos selecionados.

Palavras-chave: Terminologia gramatical. Língua árabe. Língua portuguesa. Harmonização. Dicionário bilíngue.

CAFFARO, Paula da Costa. *For an elaboration of an Arabic-Portuguese grammatical terminology bilingual dictionary*. 185 f. Thesis (Ph.D Degree) – Departamento de Letras Orientais – Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

ABSTRACT

This thesis investigates the Arabic grammatical terms that belong to the classes of noun, verb and particle. In order to propose a harmonization of these Arabic terms in Portuguese, we have tried to find equivalent terms in both languages and for this, three different possibilities have been generated: a) direct equivalence, which occurs when the terminological definition characteristics of the Arabic and Portuguese grammatical terms were coincidental; b) very nearly equivalence, that happens when not every characteristics were coincidental, in this case, we have investigated the description of use of more than one Portuguese grammatical term as an attempt to find a most appropriate equivalent to the Arabic term; c) non-equivalence, when a Portuguese equivalent has not been verified for the Arabic grammatical term, so we propose a terminological neologism or a paraphrase. The aim of this research is to set up the theoretical and methodological basis for the elaboration of an Arabic grammatical terms bilingual dictionary (Arabic-Portuguese). We have presented 15 test terms, in order to exemplify the outlined methodological procedures, up to the final entry writing, which would be responsible for composing the macrostructure of the mentioned dictionary. Nine of the new analyzed terms belong to the category of noun and three of them are related to the particle. As the verb class has been studied in Master Degree (CAFFARO, 2013), we have selected just three terms to illustrate the objectives presented in this thesis, similarly, we have written the final entry to the selected terms.

Key-words: Grammatical terminology. Arabic language. Portuguese language. Harmonization. Bilingual dictionary.

LISTA DE TABELAS E SUAS DESCRIÇÕES:

Tabela 1	Termos gramaticais portugueses de origem grega e latina. Fonte: Silva (2017, p. 30).....	33
Tabela 2	Terminologia gramatical resultante da intencionalidade da ação (adaptada de Baalbaki, 2007, p. 4)	37
Tabela 3	Sībawayhi e seus sucessores	38
Tabela 4	Representantes das escolas linguísticas de Baṣra e Kūfa	41
Tabela 5	Terminologia gramatical árabe primitiva	42
Tabela 6	Complementos acusativos	42
Tabela 7	Padrão para os verbetes	58
Tabela 8	Ficha Terminológica 1	58
Tabela 9	Ficha Terminológica 2	59
Tabela 10	Ficha terminológica 3	59
Tabela 11	Abreviatura dos campos presentes nas fichas terminológicas	61
Tabela 12	Lista dos termos da categoria do nome	65
Tabela 13	Lista dos termos da categoria da partícula	69
Tabela 14	Termos verbais analisados no mestrado	69
Tabela 15	Concepções para a classe do nome pelos árabes	79
Tabela 16	Concepções para a classe do verbo pelos árabes	80
Tabela 17	Concepções para a classe da partícula pelos árabes	80
Tabela 18	Concepções para a classe do nome pelos arabistas	83
Tabela 19	Concepções para a classe do verbo pelos arabistas	84
Tabela 20	Concepções para a classe da partícula pelos arabistas	87

Tabela 21	Proposta de definição para as categorias	88
Tabela 22	Termos tese da classe do nome	90
Tabela 23	Casos nominais e modos verbais, retirada e adaptada de Bohas et al. (2006, p. 54)	115
Tabela 24	Definição de إِسْمُ الْمَكَانِ ism almakān e ظَرْفُ الْمَكَانِ ḍarf almakān	122
Tabela 25	Definição de إِسْمُ الزَّمَانِ ism azzamān e ظَرْفُ الزَّمَانِ ḍarf azzamān	123
Tabela 26	Termos tese da classe da partícula.....	140
Tabela 27	Preposições e valores semânticos, adaptação de Alḥawṣ (1998, v. 2, p. 497-511).....	144
Tabela 28	Partículas إِنَّ 'inna e suas semelhantes e os valores semânticos	158
Tabela 29	Termos verbais revisados	160

A TRANSLITERAÇÃO ADOTADA NESTA TESE:

Grafema árabe	Transliteração
ا	ā
ب	b
ت	t
ث	<u>t</u>
ج	j
ح	ḥ
خ	ḫ
د	d
ذ	<u>d</u>
ر	r
ز	z
س	s
ش	š
ص	ṣ
ض	ḍ
ط	ṭ
ظ	<u>ḍ</u>
ع	c
غ	g

Grafema árabe	Transliteração
ف	f
ق	q
ك	k
ل	l
م	m
ن	n
هـ	h
و	ū (vogal longa) w (semiconsoante)
ي	ī (vogal longa) y (semiconsoante)
ى	à
ء	,
ة	t (quando pronunciado entre duas vogais ¹)
ـ	u (vogal breve)
ـ	a (vogal breve)
ـ	i (vogal breve)
ـ	^{un} (indeterminação no nominativo)
ـ	^{an} (indeterminação no acusativo)
ـ	ⁱⁿ (indeterminação no genitivo)

¹ Quando não pronunciado, ao final de palavras, não será transliterado.

Observações:

- 1) Os nomes árabes que já possuem sua escrita padronizada, em língua portuguesa, não foram adaptados à nossa convenção, como, por exemplo, Bagdá.
- 2) Decidimos não sinalizar, na transliteração, a consoante hamza do artigo ال *al* em todas as palavras determinadas existentes ao longo deste trabalho, porque ela pode ou não ser pronunciada, a depender do contexto. Ainda sobre o artigo, grafamos as palavras determinadas como um bloco único, sem separação por hífen, inclusive nos nomes próprios, em que apenas a primeira letra virá escrita maiúscula.
- 3) Nas letras solares, a saber, ت ث د ذ ر ز س ش ص ض ط ظ ل ن, devido à assimilação que se dá entre o *lām* do artigo ال *al* e a consoante posterior, decidimos grafar esta consoante duplicada, indicando assim esse fenômeno fonético e refletindo a pronúncia exata da palavra, como, por exemplo, em النّاقص, transliterado como *annāqiṣ*.
- 4) As partículas ligadas foram transliteradas junto aos nomes, como um bloco único, a modo das palavras com artigo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1: DA TERMINOLOGIA GRAMATICAL EM LÍNGUAS OCIDENTAIS E NA LÍNGUA ÁRABE	20
1 O pensamento grego e a instituição da gramática tradicional	20
2 A tradição greco-latina e a instituição da gramática portuguesa	27
3 A instituição da gramática árabe e as influências ao longo do percurso	33
4 A Terminologia gramatical oficial no Brasil e nos países árabes	43
CAPÍTULO 2: DA REVISÃO DO MESTRADO: ORIENTAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	47
CAPÍTULO 3: DA ANÁLISE	72
Preâmbulo	72
3.1 Do nome	89
3.2 Da partícula	140
3.3 Do verbo	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177

INTRODUÇÃO

Esta tese é uma extensão da nossa dissertação de Mestrado (CAFFARO, 2013), em que analisamos a terminologia morfossintática do verbo árabe e buscamos equivalentes gramaticais na língua portuguesa, a fim de que fosse redigido um glossário (árabe-português/ português-árabe) com os 26 termos selecionados.

Para o doutorado, decidimos, então, ampliar o escopo e abordar, não só a classe do verbo, mas também a do nome e a da partícula, que juntos constituem a tripartição tradicional do discurso árabe. Assim sendo, selecionamos 68 termos gramaticais referentes ao nome e 4 à partícula, com base em gramáticas modernas da língua árabe e que foram escritas para nativos.

Nosso objetivo principal é traçar as bases teóricas e metodológicas para a análise dos novos termos selecionados; e a revisão dos termos verbais examinados no mestrado, a fim de propor a elaboração de um dicionário bilíngue da terminologia gramatical árabe.

No momento em que comparamos os dois sistemas, buscamos equivalentes dos termos árabes na língua portuguesa, assim, as três hipóteses que nortearam este estudo são as mesmas levantadas na dissertação e mantidas nesta tese, a saber: a) equivalência direta, quando os semas das definições terminológicas dos termos gramaticais árabe e português forem concordantes; b) equivalência aproximada quando nem todos os semas forem concordantes, nesse caso, investigamos a descrição de uso de mais de um termo gramatical português na tentativa de encontrar o equivalente mais adequado para o termo árabe; e c) não-equivalência, quando não for verificado equivalente português para o termo gramatical árabe. Então, propomos um neologismo terminológico ou paráfrase.

A busca por equivalentes é, particularmente, importante para nós por dois motivos, primeiro, porque objetivamos sugerir uma harmonização e uniformização das denominações com as quais os especialistas da área designam, em língua portuguesa, os termos gramaticais árabes, com o intuito de garantir uma “relativa univocidade do significado e do uso do termo científico”, conforme Biderman (2001, p. 161) aconselha; e segundo, para compor os verbetes de um futuro dicionário terminológico bilíngue árabe-português.

Destarte, dividimos a tese em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Da terminologia gramatical em línguas ocidentais e na língua árabe” elaboramos uma revisão histórica acerca da terminologia gramatical, sua origem no pensamento grego, como foi absorvida na língua latina e passada para o português. Quanto à língua árabe, o ponto de partida foi, também, o desenvolvimento linguístico grego e as influências exercidas nesse idioma semítico. Pautamos a revisão histórica do pensamento grego sobre a linguagem em duas fontes, basicamente, a saber, Neves (2005) e Cabral e Pantaleoni (2012). Neves (2005) verificou a importância dada aos fatos da linguagem nas primeiras obras gregas, bem antes de a gramática ser pensada como disciplina intelectual, quando as noções teóricas ainda eram incipientes. Cabral e Pantaleoni analisaram o contexto histórico que antecedeu a gramática de João de Barros e os conceitos teóricos presentes na obra, que foram herdados da tradição greco-latina anterior. Sobre a herança greco-latina e a instituição da gramática da língua portuguesa, baseamo-nos nos trabalhos de Cabral e Pantaleoni (2012), Teyssier (2001) e Vargens (2007). No que concerne à tradição gramatical árabe, pautamos nossa revisão nas obras de Baalbaki (2007), Bohas et al. (2006), Owens (1988) e (1991) e Versteegh (1977).

No segundo capítulo, intitulado “Da revisão do mestrado: orientações teóricas e metodológicas”, retomamos os pressupostos teóricos de nossa dissertação, intitulada “Para uma padronização em português da terminologia morfossintática do verbo árabe”, uma vez que a presente tese segue também as bases da Terminologia e Terminografia, pois, mesmo tendo ampliado o escopo do mestrado, prosseguimos na investigação dos termos gramaticais com a finalidade de orientar a elaboração de um dicionário terminológico bilíngue árabe-português. Por isso, consideramos importante recuperar os pontos-chave da fundamentação teórica apresentada na dissertação para, a partir daí, expandirmos o conteúdo de acordo com os propósitos da atual pesquisa. Delimitamos, também, os novos procedimentos metodológicos firmados, que foram bastante semelhantes aos utilizados no mestrado, já que desenvolvemos a análise a partir de três fichas terminológicas que investigam as hipóteses de equivalência mencionadas anteriormente.

No terceiro capítulo, intitulado “Da análise”, a fim de ilustrar a análise dos termos indicados a compor a nomenclatura do futuro dicionário terminológico, selecionamos 12 termos novos (9 relativos ao nome e 3 à partícula) e, devido às alterações metodológicas proposta para esta tese, revisamos 3 termos verbais já estudados no

mestrado. A investigação seguiu as hipóteses levantadas e, ao final de cada análise, sugerimos um verbete que constituiria o referido dicionário. E, por fim, tecemos as considerações finais.

CAPÍTULO 1

DA TERMINOLOGIA GRAMATICAL EM LÍNGUAS OCIDENTAIS E NA LÍNGUA ÁRABE

1 O pensamento grego e a instituição da gramática tradicional

A gramática tradicional constitui uma exposição de fatos que tem sido examinada sempre como obra acabada, sem consideração para o que tenha representado de esforço do pensamento. Citá-la apenas como dogmática, normativa, especulativa, não científica significa não compreender o processo de sua instituição. (NEVES, 2005, p. 13)

A gramática tradicional é comumente vista pelos usuários de uma língua como o livro onde se encontram as normas e prescrições que regem o bem falar e escrever. Essa visão, ainda hoje corrente, reduz o caráter histórico e analítico subjacente a ela. A fim de compreender melhor tal especificidade, revisitamos o percurso que abrange o despontar das reflexões sobre a linguagem entre os gregos até o surgimento da gramática como disciplina, pois acreditamos que esse seja um ponto de interseção entre as línguas árabe e portuguesa, assim como um elemento comum, presente em ambos os processos de constituição de suas gramáticas tradicionais.

No que tange ao estatuto da linguagem no pensamento grego, segundo Moura Neves (2005), em Homero, não foram registradas reflexões linguísticas. A linguagem era compreendida como uma força real e material, como, por exemplo, a do corpo e da natureza; como uma realidade sonora, sem haver, contudo, teorizações sobre suas particularidades.

Com a criação da *pólis* grega, ao lado da linguagem poética, em que as Musas falavam pelo poeta, surgiu a linguagem retórica, dos oradores, quando, então, o homem passou a falar por si mesmo. É nesse contexto que se deu o aparecimento do discurso filosófico, que, segundo Neves (2005, p. 25), “é o discurso que tenta articular o todo das coisas”, isto é, a relação entre as coisas e seu princípio, as coisas e o que as governa, as coisas e sua natureza.

Uma problemática que envolveu os componentes da linguagem e esteve presente nos primeiros filósofos foi a dicotomia *physei/nómoi* e a concepção da natureza do “nome”. O nome *physei* resultava da imagem natural da coisa, já o *nómoi* era fruto da subjetividade arbitrária humana, e essa foi a linha seguida pelos sofistas, na segunda metade do século V a.C.

Platão abriu um novo caminho nas investigações sobre a linguagem, porque, pela primeira vez, ela foi apresentada como objeto de estudo verdadeiramente. Em seus Diálogos, são encontrados comentários, reflexões e interpretações sobre a adequação do que se diz com a coisa dita, pois havia uma busca pelo sentido daquilo que era dito. Então, para Platão, a linguagem dizia respeito à aspiração da sabedoria.

Já para Aristóteles, ela expressava tudo o que existia e podia ser examinado, por isso, a importância do estudo das categorias de pensamento em face às categorias linguísticas, visto que *kategorêin* significa “dizer as coisas”, “expor a realidade pela linguagem” (NEVES, 2005, p. 66). Assim, teoria das categorias, de Aristóteles, consiste em um sistema de conceitos em que a linguagem é aplicada ao mundo real, ao modo como as coisas são ditas. De acordo com Moura Neves (2005, p. 75), “O ponto fundamental da teoria aristotélica das categorias é o pensamento da estrutura da língua como correspondência da estrutura do mundo”. Ela compreende todas as palavras e declarações possíveis, todos os conceitos, todas as coisas.

Vale à pena lembrar que essa teoria se refere a 10 gêneros, os quais designam diferentes maneiras de atribuir propriedade às coisas, representando diferenças existentes no mundo real. Seis desses gêneros correspondem às formas nominais e quatro, às verbais, conforme classificação apresentada em Cabral e Pantaleoni (2012²):

1. **Substância** [exemplo: homem, cavalo];
2. **Quanto** (quantidade) [exemplo: de dois cúbitos; de três cúbitos];

² Artigo publicado no blog “Textos e contextos: divulgação de pesquisas e de atividades relacionadas à linguagem verbal” < <https://nilviapantaleoni.wordpress.com/2012/09/17/a-gramatica-de-joao-de-barros-contexto-historico-e-conceitos-teoricos-estudo-de-ana-lucia-tinoco-cabral-e-nilvia-pantaleoni/>>, último acesso em 10/01/2018.

3. **Qual** (qualidade) [exemplo: branco, instruído];
4. **Relativamente a que** (relação) [exemplo: duplo, metade, maior];
5. **Onde** (lugar) [exemplo: na escola, no mercado];
6. **Quando** (tempo) exemplo: ontem, ano passado];
7. **Estar a postos** (posição) [exemplo: ele está deitado, ele está sentado];
8. **Estar em estado** (posse) [exemplo: ele está calçado, ele está armado];
9. **Fazer** (ação) [exemplo: ele corta, ele queima];
10. **Sofrer** (paixão) [exemplo: ele está cortado, ele está queimado];

Citando Benveniste (1995), Cabral e Pantaleoni (2012) reafirmam que as categorias aristotélicas de pensamento são, na realidade, categorias de língua, pois elas encontram sua referência nas especificidades da morfologia grega.

As concepções linguísticas pensadas por Aristóteles foram de suma importância para o prosseguimento dos estudos sobre a linguagem e a consolidação posterior da gramática como uma disciplina independente, dissociada da matéria filosófica, como bem demonstra a citação a seguir:

É, pois, numa sistematização de base nocional, assentada sobre o fundamento da lógica, que se vê a consideração da linguagem preparar-se para ser abstraída da filosofia, trabalho que levará à constituição da gramática, ciência que nascerá normativa, sobre o modelo da arte e do bem-dizer, tanto na prosa, quanto na poesia. E, por meio de toda a tradição ocidental, a gramática procurará pôr as normas da eficiência na comunicação, bem como da excelência na expressão. (NEVES, 2005, p. 84)

Então, a disciplina gramatical emergiu da necessidade de se preservar a língua grega em um contexto expansionista, quando houve ampliação e, conseqüentemente, mudança na organização político-social do mundo helênico clássico. Observou-se a valorização da educação por meio da pesquisa e do ensino para transmissão das grandes obras do passado, como a de Homero.

Nesse contexto, duas figuras importantes para o desenvolvimento dos estudos linguísticos e literários passam a existir: o filólogo e o gramático. O filólogo era aquele que se interessava pela cultura geral e se dedicava ao estudo da expressão bela e correta dos poetas. O gramático era aquele que se preocupava com a revisão crítica dos textos e com a compreensão da obra literária, apontando sua autenticidade, belezas e defeitos. Ele era o crítico, corretor e juiz das obras. Sua atividade estava também ligada à docência, pois exercia a função de mestre-escola. Enfim, cabia ao gramático uma dupla tarefa: a de estabelecer e explicar a língua dos poetas e protegê-la da “corrupção”, segundo aponta Neves (2005, p. 113).

Contudo, o que acabou guiando os estudos gramaticais foi o princípio da “analogia e anomalia”³, e que caracterizou as famosas escolas de Alexandria e Pérgamo. Da escola de Alexandria derivou a codificação da gramática grega e o lançamento do que seria a gramática tradicional do ocidente. O verdadeiro organizador da primeira gramática ocidental, ou *téchne grammatiké* (“arte da gramática”), foi Dionísio da Trácio (170-90 a.C.). Nascido em Alexandria, ocupou-se, em especial, com os textos homéricos. Prendeu-se à analogia das formas sonoras e delimitou o campo da gramática. Sua obra traz um breve e metódico desenvolvimento sobre a doutrina gramatical e abrange apenas a fonética e a morfologia. A obra de Dionísio da Trácio consta de 20 seções, cujos temas são expressos a cada título: Da gramática, Da leitura; Do acento; Da pontuação; Da rapsódia; Do elemento; Da sílaba; Da sílaba longa; Da sílaba breve; Da sílaba comum; Da palavra; Do nome; Do verbo; Da conjunção; Do particípio; Do artigo; Do pronome; Da preposição; Do advérbio; Da conjunção.⁴Essa obra foi editada pela primeira vez apenas em 1715.

Já Apolônio Díscolo, o expoente da escola de Pérgamo, nasceu em Alexandria e viveu na primeira metade do século II d.C. Ele classificou toda a matéria linguística sobre uma base filosófica “constituída exclusivamente sobre a observação da língua grega,

³ O princípio da analogia pauta-se na concepção naturalista da linguagem. Os filósofos desta fase acreditavam na relação necessária entre as formas léxicas e conceitos, que seria resultado da regularidade universal, geradora da regularidade linguística (de semelhanças). Os desvios às regularidades seriam as anomalias.

⁴ O elemento “Da conjunção” encontra-se repetido na fonte de pesquisa: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/2012/09/17/a-gramatica-de-joao-de-barros-contexto-historico-e-conceitos-teoricos-estudo-de-ana-lucia-tinoco-cabral-e-nilvia-pantaleoni/>>, último acesso em 10/01/2018.

cujos princípios ele tinha como universais” (NEVES, 2005, p. 128). Apolônio afastou-se do exame do aspecto exterior, marca da escola de Alexandria, e foi o primeiro a abordar o domínio sintático. De sua extensa obra, composta por doze títulos⁵, chegaram ao nosso conhecimento apenas quatro. Constituem fontes de pesquisa da doutrina de Apolônio os escritos gramaticais de Dionísio da Trácio, a quem o primeiro se opõe, e a obra de Prisciano, *Institutio grammaticae*, que utilizou a doutrina de Apolônio Díscolo como modelo para sua gramática.

Passamos a resumir o que os gregos entendiam como os fatos da gramática, isto é, os elementos, as categorias gramaticais e as partes do discurso, de acordo com Neves (2005), já que influenciaram as tradições outrora nascentes.

Os filósofos notaram os fatos da língua e teorizaram sobre eles, vinculando-os sempre a um sistema filosófico. Já os gramáticos, por sua vez, buscaram a sistematização das formas e a instituição de paradigmas, o caráter básico da organização gramatical. A gramática pôs num quadro prático, concreto e manipulável o que estava disponível no material da filosofia.

Assim, os elementos consistem no som e nas letras. Para os filósofos, um elemento era como um átomo fônico, como elementos materiais. A voz era uma corrente de ar transmitida por aquele que fala. Sócrates diferenciou as vogais e as mudas⁶. Platão ampliou esses conceitos e definiu as semivogais. Os elementos, em Aristóteles, inserem-se no estudo da *léxis* (estudo da estética e elocução). Para ele, dois sons indivisíveis são formadores de um som composto, isto é, uma sílaba (muda + vogal). Aristóteles ainda separou o grupo das mudas de Platão e previu os modos de articulação.

A doutrina dos sons é vista de modo diferente na gramática alexandrina, devido ao caráter eminentemente prático de sua proposta gramatical. Assim, os elementos são considerados substâncias linguísticas e não físicas, os quais podem ser sistematizados em um quadro geral. Dionísio da Trácio distinguiu 24 letras (*grámmata*): 7 vogais e 17

⁵ São eles: Dos elementos; Da divisão das partes do discurso; 1 Dos nomes; 2 Dos verbos; 3 Dos participípios; 4 Do artigo; 5 Do pronome; 6 Da preposição; 7 Dos advérbios; 8 Das conjunções; Da sintaxe das partes do discurso; Da composição; Dos acidentes; Das figuras; Das figuras homéricas; Da ortografia; Da prosódia; Dos dialetos dórico, jônico, eólico, ático; *Peri tón Didymou pithanón*.

⁶ São aquelas que não possuem som próprio, isto é, as consoantes.

consoantes e classificou as semivogais *i* e *u* como formadoras de ditongo. Apolônio Díscolo, da escola de Pérgamo, transpôs seu conhecimento sintático de arranjos e construções para a teorização sobre os elementos, tratados numa das obras que não chegou até nós.

As categorias gramaticais abrangem o estudo do gênero, número, caso, tempo, modo, voz e pessoa. Moura Neves (2005, p. 133) afirma que “(...) aí, então, é que a gramática se move entre os fatos que poderíamos considerar mais especificamente gramaticais.” Tanto filósofos como gramáticos distinguiram três gêneros: masculino, feminino e neutro, sendo esse último considerado ora como um intermediário entre os dois principais, como postula Aristóteles, ora como nem um nem outro (acepção pejorativa).

Platão reconheceu o número, mas não o distingue gramaticalmente. A concordância entre nome (na posição de sujeito) e verbo passa a ser feita em fase posterior, no entanto, isso não significa que tenham compreendido o número como categoria linguística. Dionísio da Trácio e Apolônio Díscolo reconheceram gramaticalmente três números: singular, dual e plural.

Quanto ao caso, Platão não o reconheceu. Para Aristóteles, o nome no nominativo era o nome essencial, as outras declinações seriam apenas casos de um nome. Os estoicos, filósofos da época de expansão do mundo helênico, delimitaram essa categoria como a entendemos hoje e descreveram cinco casos: nominativo, genitivo, dativo, acusativo⁷, advérbio (eles não consideravam o vocativo um caso). Dionísio da Trácio e Apolônio Díscolo apontaram cinco casos também para nomes, artigos e pronomes, sendo eles: nominativo, genitivo, dativo, causativo (e não acusativo) e vocativo.

Avançando para a categoria de tempo, entendemos que Platão a referenciou no discurso como o momento em que ocorre o acontecimento real, mas sem distingui-la linguisticamente. Aristóteles foi o primeiro filósofo a tratar dessa categoria nos verbos e da relação tempo/elocução, reconhecendo o presente e o passado. Os estoicos reconheceram o presente e o passado, o futuro ainda não era um conceito totalmente

⁷ Neves (2005, p. 206) afirma que os latinos traduziram erroneamente a palavra grega *aitiatiké* para *acusatiuus*, o que deu “acusativo” em português. Para ela, a tradução correta seria causativo.

desenvolvido na época. A doutrina estoica previa ainda o valor aspectual das formas verbais, dividindo-as da seguinte forma: presente durativo, presente completado, passado durativo, passado completado. Dionísio da Trácio reconheceu três tempos verbais (presente, passado e futuro) e quatro noções aspectuais (durativo, completado, completado no passado, indeterminado/aoristo). Embora tenha observado as noções aspectuais, apenas o passado recebia essas designações, bem semelhante ao quadro temporal-aspectual presente no português. Não há muitas informações sobre o tempo em Apolônio Díscolo. Ele considerou o tempo presente como ponto de referência para se determinar a ação completada ou não, reconhecendo noções temporais e aspectuais.

A categoria de modo, quanto ao tratamento filosófico, é vista assim: Aristóteles distinguiu tipos de elocução – narração, ordem, pedido, ameaça, interrogação, resposta. Quanto ao tratamento gramatical dessa categoria, Dionísio da Trácio diferenciou cinco modos verbais: indicativo (definitório), imperativo, optativo, subjuntivo e infinitivo. Ele não os define, mas os relaciona. Para Apolônio Díscolo, os modos são espécies do verbo geral que é o infinitivo. Assim como Dionísio, ele distinguiu cinco modos verbais.

Em relação à voz, Platão já previa a voz ativa e passiva, mas sem nomeá-las. Para os estoicos, o predicado poderia ser: ativo, passivo, neutro (o que não era nem ativo, nem passivo) e reflexivo. Dionísio da Trácio e Apolônio Díscolo apresentaram três vozes: a ativa, a passiva e a média (aquela que indica ora atividade, ora passividade).

O primeiro a falar sobre a categoria de pessoa do discurso foi Dionísio da Trácio, conforme afirma Neves (2005, p. 218). Ele distinguiu entre a pessoa que fala (ou de quem parte o discurso), a quem se fala e sobre quem se fala. Apolônio Díscolo reconheceu as três pessoas do discurso de Dionísio, entretanto, criticou-o, afirmando que pronomes e verbos também indicariam a pessoa.

Quem primeiro tratou da separação das partes do discurso foi Platão. Na obra *Crátilo*, o filósofo estabeleceu que o *logos* (proposição) era composto pelo *ónomata* e o *rhémata*, ou seja, a frase era composta por um sujeito (nome) e um predicado (verbo). No *Teeteto*, Platão dividiu as coisas em dois gêneros, a ação *práxis*, identificada com o verbo que indica ações; e o agente *práttōn*, ligado ao nome, o sujeito das ações. Aristóteles manteve a bipartição platônica – nome e verbo, e acrescentou um terceiro grupo: as conjunções (*syndesmoi*). Moura Neves (2005, p. 144) apresenta a definição aristotélica

para as três partes do discurso: o nome seria a voz que tem significação convencional, sem a referência de tempo; o verbo seria o que acrescenta à sua significação o valor temporal; e a conjunção seria aquela voz destituída de significado próprio.

Cita-se ainda que Aristarco da Samotrácia foi quem, primeiramente, estabeleceu as oito partes do discurso: nome, verbo, particípio, conjunção, preposição, artigo, pronome, advérbio. Dionísio da Trácio, seu discípulo, deu continuidade a essa divisão e perpetuou-a em seu tratado gramatical, a “arte da gramática”. Apolônio Díscolo utilizou a mesma classificação de Dionísio, seguindo também a divisão de Aristarco.

Moura Neves, em seu estudo, chamou a atenção para o fato de que, ao examinar os fatos da língua, a gramática trata as partes do discurso como classe de palavras, dissociadas dos esquemas lógicos primitivos. A disciplina gramatical toma mão dos termos cunhados pelos filósofos, inserindo-os, porém, num outro universo de relações. Observa-se que essa tendência da gramática tradicional grega foi transmitida para a gramática latina, e, por conseguinte, chegou até nós, em que as partes do discurso assumiriam a função taxonômica e classificatória do universo linguístico.

2 A tradição greco-latina e a instituição da gramática portuguesa

A chegada dos romanos à Península Ibérica em 218 a.C. e a conquista da Península Grega e suas ilhas por Roma marcaram o início do domínio político romano e do latim, onde antes prevalecera a hegemonia helenística.

Em relação à língua latina, os principais gramáticos citados no artigo de Cabral e Pantaleoni (2012) são: Varrão (século I a.C.), Donato (século IV) e Prisciano (século V). Varrão teria vivido em Roma e foi encarregado por César de organizar as bibliotecas públicas. Escreveu, entre outras, *De lingua latina*, definindo a gramática como aquela cuja origem encontrava-se no alfabeto, ou nos “elementos” como foram chamados pelos filósofos e gramáticos gregos. Donato reuniu seus estudos gramaticais nas obras *Ars Minor* e *Ars Maior*, nas quais trata da fonética e morfologia latinas. A sintaxe foi abordada por Prisciano, em sua obra *Institutio de arte grammatica*, baseando-se em Apolônio Díscolo, o primeiro gramático grego a escrever sobre o domínio sintático. O manual de

Prisciano foi utilizado para ensinar a gramática latina durante a Idade Média e influenciou a constituição das gramáticas vernaculares no Renascimento, como bem colocam Cabral e Pantaleoni (2012).

O século V marca a queda do Império Romano no Ocidente e o início da chamada Idade Média. O ano 409 marca a invasão da Península Ibérica pelos povos germânicos (vândalos, suevos e alanos) e os visigodos. Paul Teyssier (2001) caracteriza o período das invasões como sendo o mais obscuro da história peninsular, que culminaria com a chegada dos muçulmanos. Teyssier concorda com Cabral e Pantaleoni ao afirmar que as invasões germânicas e visigóticas desempenharam papel negativo quanto à unidade romana, rompendo-a definitivamente. Se o latim escrito foi mantido como língua de cultura, o latim falado evoluiu e diversificou-se.

Quanto aos muçulmanos árabes e berberes, que eram chamados de mouros⁸ pelos povos ibéricos, chegaram à Península Ibérica após atravessarem o Estreito de Gibraltar, em 711, e, em um curto espaço de tempo, conquistaram todo o território peninsular até o extremo noroeste. A ocupação muçulmana durou quase oito séculos, se considerarmos a data de sua chegada e o ano da queda de Granada, em 1492. Contudo, essa longa hegemonia não ocorreu uniformemente em toda a Península, uma vez que a reação cristã começou a ser processada, a partir do norte em direção ao sul, já em 718, na batalha de Cavadonga. Por esse motivo, a influência linguística e cultural árabe-muçulmana foi menos expressiva nas regiões setentrionais, em particular no oeste e extremo norte, tornando-se mais saliente à medida que se avançava para o sul, influência deveras profunda do Mondego ao Algarve, como assinala Vargens (2007, p. 31-32).

Na região meridional, sob o domínio islâmico, desenvolveu-se uma população cristã, os moçárabes⁹. Durante quase os oito séculos, muçulmanos e cristãos uniam-se ou opunham-se de acordo com seus interesses, na maioria das vezes, de ordem econômica.

Sabe-se que o contingente de ocupação islâmica não era predominantemente árabe. Entre os árabes genuínos, prevaleciam os de origem iemenita, (VARGENS, 2007,

⁸ Os mouros tinham o árabe como língua de cultura, mesmo aqueles que falavam berbere. (Teyssier, 2007, p. 6)

⁹ Palavra árabe derivada مُسْتَعَرِب *musta'rib*, que significa tornar-se árabe, parecido aos árabes, arabizado.

p. 32), porém, sua quantidade era suplantada pelos berberes vindo do norte da África. Com relação à influência linguística e cultural, o árabe era o idioma de cultura dos muçulmanos árabes e berberes, era a língua do Islã e da elite, por isso que, apesar do predomínio berbere, sua língua e cultura não se impuseram em Al-Andalus, ou no Califado de Córdoba.

De acordo com Teyssier (2001), pouco se sabe a respeito da realidade linguística dos falares hispano-românicos. No entanto, Vargens cita a descrição do orientalista Sérgio Valdés Bernal a respeito da configuração linguística na região. Segundo ele, na Espanha cristã usava-se o latim e o romance nascente, e, no lado muçulmano, usava-se o árabe escrito e falado, além do latim e romance¹⁰ entre a comunidade árabe. Devido ao contato e longa convivência dos romances que nasciam com o idioma semítico na Península Ibérica, encontramos uma grande quantidade de itens lexicais portugueses e espanhóis de origem árabe. Teyssier afirma que os falares na região sul formavam uma cadeia contínua de dialetos bastante diferentes daqueles do norte, que viriam a ser o galego-português¹¹, o castelhano e o catalão.

Teyssier destaca ainda que a presença muçulmana e a chamada Reconquista Cristã foram determinantes na formação das três línguas peninsulares primitivas – o galego-português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste, as quais, mesmo tendo sido nascidas no norte, foram levadas para o sul durante o processo de reconquista.

O reino independente de Portugal nasceu durante a Reconquista, no século XII, no entanto, apenas no século XIII surgiram os primeiros textos escritos em português, ou

¹⁰ “O período Romance não é conhecido em detalhes. Tudo o que se sabe é que o Romance variava geograficamente, e já não podia mais ser considerado como Latim, dadas as profundas alterações operadas na gramática da língua de Roma, nem era ainda algumas das línguas românicas que hoje conhecemos. A própria duração do Romance variou no tempo: na França, ele parece ter sido extinto em 800, quando surge o primeiro. Documento em Francês, Os Juramentos de Estrasburgo, de 838. Na Ibéria, o “prazo de validade” do Romance foi mais extenso, e ele deve ter sobrevivido até 1100.”, fragmento extraído do texto “Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?”, de Ataliba T. Castilho, disponível no link <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3029641/mod_resource/content/1/Como%20nasceu%20a%20%C3%ADngua%20portuguesa%20-%20Ataliba%20T%20de%20Castilho.pdf>, último acesso em 12/06/2018.

¹¹ Nessa época, o português não se distinguia do galego falado da província da Galícia, por isso, essa língua comum era chamada de galego-português.

melhor, em galego-português, a forma que o latim assumiu no noroeste da Península Ibérica.

No Renascimento (séculos XIV-XVI), a ciência de observação da linguagem passou a incidir sobre as línguas vernáculas que surgiam, basicamente, a partir do latim vulgar. Essas línguas, incluindo o português, estariam totalmente codificadas até o fim do século XVI e suas gramáticas tradicionais assumiram, também, o caráter normativo, visto que, segundo Cabral e Pantaleoni (2012), a descrição e o estabelecimento das regras visavam à garantia da hegemonia linguística e nacional.

É sabido que a gramática da língua portuguesa nasceu em um país de cultura humanista, cabendo o pioneirismo do seu ensino a Fernão de Oliveira, autor de *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, em 1536. Cabral e Pantaleoni (2012) comentam que o gramático qualificou seu trabalho como “a primeira anotação da Língua Portuguesa”. Sem preocupação didática, dedicou-se à descrição fonética, apresentou um estudos sobre algumas questões morfológicas e reservou à sintaxe apenas uma página, chamando-a de “construção”. As autoras observam que, em Fernão de Oliveira, havia o ímpeto da comparação linguística, ao citar:

O espírito de homem do Renascimento é evidente em sua pequena obra, com frequência, ele faz alusão ao fato de que a língua portuguesa faz parte de um contexto linguístico maior, afirmando que ela é aparentada à castelhana e estabelecendo analogias não só entre o latim e o grego, mas também entre a língua dos *Hebraicos* e dos *Árabigos*. (CABRAL e PANTALEONI, 2012)

A segunda gramática da língua portuguesa foi escrita por João de Barros, entre os anos de 1539-1540, intitulada de *Grammatica da Língua Portuguesa*. Diferentemente de Fernão de Oliveira, João de Barros tinha o intuito pedagógico, e sistematizou, ainda, a fonética, a morfologia e a sintaxe pela primeira vez, conforme menciona Cabral e Pantaleoni (2012). Teyssier (2001) afirma que após João de Barros até o século XIX, surgiria um grande número de gramáticas normativas e de tratados sobre ortografia, assim como dicionários latim-português, português-latim.

Quanto à gramática de João de Barros, Cabral e Pantaleoni apresentam, em seu estudo, os seis capítulos escritos pelo autor português e descrevem, também, o teor tratado em cada um deles. As autoras explicam que resolveram estudar a gramática de Barros,

em detrimento da de Fernão de Oliveira, pelo fato de aquele ter sistematizado, com fins pedagógicos, todos os domínios da gramática tradicional portuguesa: fonética, morfologia e sintaxe.

Reproduzimos aqui, de uma forma resumida, os capítulos dessa gramática, segundo o formato apresentado pelas pesquisadoras supracitadas.¹²

1º *Definição da gramática e as partes dela*: na introdução, há a definição de o que é, etimologicamente, gramática, onde é chamada de “ciência das letras”. Há a preocupação em apresentar a língua “exemplar” extraída dos clássicos e a norma linguística, embora fosse reconhecida que essa não era a única forma de expressão.

2º *Definição das lêteras e número delas*: para o gramático português, letra é a menor parte de uma palavra que se pode escrever, o que os latinos chamaram de nota e os gregos de caractere.

3º *Da sílaba e seus acidentes*: neste capítulo, Barros define a sílaba como sendo o agrupamento de uma vogal com uma, duas, ou três consoantes; fala, também, de encontros consonantais, duração das sílabas e tonicidade.

4º *Da dição*: o gramático trata das partes do discurso: o nome, o artigo, o pronome, o verbo, o advérbio, a preposição e a interjeição, utilizando a classificação de Dionísio da Trácia, acrescentando-lhe o artigo e a interjeição e eliminando a conjunção, mencionada apenas no capítulo da **construção** (sintaxe).

5º *Da construção*: é subdividida em concordância e regimento. O gramático trata também das figuras e vícios de linguagem.

6º *Da ortografia*: este último capítulo pretende ser uma descrição de letras e sons que compõem o alfabeto. Neste, João de Barros estabeleceu as regras para quem deseja escrever corretamente.

Observamos, então, no quarto capítulo a divisão das partes do discurso, que seguiu a classificação proposta pelos gregos: o nome, o artigo, o pronome, o advérbio, o verbo, a preposição e a interjeição. Vemos que a terminologia gramatical do português

¹² A grafia portuguesa do século XVI foi mantida pelas pesquisadoras e por nós preservadas, nos títulos.

foi, basicamente, herança grega, porém, sua entrada se deu por duas vias, conforme nos explica Neves (2011, p. 647): ou os termos entraram diretamente pela tradição grega, ou via tradução latina. Silva (2017), em sua dissertação de mestrado, apresentou um quadro síntese dos termos e conceitos das classes de palavras em grego e latim, além do equivalente em português. É possível notar, no quadro elaborado por Silva e reproduzido a seguir, quais os termos vieram diretamente do grego e quais entraram por via latina:

<i>Língua Portuguesa</i>	<i>Grego</i>	<i>Conceito</i>	<i>Latim</i>
<i>Substantivo</i>	<i>Ónoma</i>	aquilo que é; essência; qualidade - nome que dá uma descrição do que é nomeado; o que subsiste por si.	<i>nōmen/substantivus</i>
<i>Artigo</i>	<i>Arthron</i>	<i>Articulação</i>	<i>Articulus</i>
<i>Adjetivo</i>	<i>Epítheton</i>	que é acrescentado, que faz atribuição	<i>Adiectivum</i>
<i>Numeral</i>	<i>Arithmetikón</i>	palavras que nomeiam quantidades e palavras que ordenam	<i>Numerale</i>
<i>Pronome</i>	<i>Antonymía</i>	“ant” no lugar de; faz indicação da coisa, apenas expressa a sua existência	<i>Pronomen</i>
<i>Verbo</i>	<i>Rhema</i>	o que se diz; predicado; o que se flexiona	<i>Verbum</i>

<i>Língua Portuguesa</i>	<i>Grego</i>	<i>Conceito</i>	<i>Latim</i>
<i>Advérbio</i>	<i>Epírrēma</i>	ao lado do/sobre o verbo; adjetivo do verbo	<i>Adverbum</i>
<i>Preposição</i>	<i>Próthesis</i>	palavra que se coloca antes, em composição ou em construção	<i>Praepositio</i>
<i>Conjunção</i>	<i>syndesmos</i>	<i>união, vínculo</i>	<i>Coniunctio</i>
<i>Interjeição</i>	-----	-----	<i>Interiectio</i>

Tabela 1- Termos gramaticais portugueses de origem grega e latina.

Fonte: Silva (2017, p. 30).

3 A instituição da gramática árabe e influências ao longo do percurso

A preocupação em preservar a língua das “impurezas e desvios” levou os gramáticos gregos a sistematizarem seu idioma. Da mesma forma, a preservação linguística foi também um dos principais condicionamentos para a codificação gramatical árabe, processo que se desenvolveu ao longo dos séculos VII, VIII, IX e X.¹³

Conta a tradição que, no século VII, Abū Al’aswad Addu’ali teria sido o primeiro árabe com a intenção de “inventar a arte da gramática”, a fim de prevenir a língua árabe da corrupção¹⁴ na boca dos iletrados e neófitos habitantes das novas regiões conquistadas e anexadas ao Império Islâmico, que se expandia após a morte de seu profeta Muḥammad, em 632. Para Addu’ali, o quarto califa sábio °Alī Ibn Abī Ṭālib teria dito

¹³Optamos, nesta tese, por colocar a equivalência em calendário cristo das datas do calendário da Hégira, que eventualmente aparecerão nas fontes consultadas. Ressalta-se que o início do calendário da Hégira é marcado pela saída do Profeta Muhammad de Meca para Medina, em 622 d.C.

¹⁴ Os erros linguísticos frequentes no tempo de Addu’ali estavam na confusão dos marcadores de caso nominativo, acusativo e genitivo. (VERSTEEGH, 1977)

que o discurso se divide em três: nome, verbo e partícula; e assim o teria mandado organizar a gramática. Embora haja relatos desse tipo na literatura, Bohas et al. (2006) sugerem que os mesmos, geralmente, são aceitos como lenda.

Seja como for, os autores concordam que, naquele momento histórico, a preocupação girava em torno da conservação do كلام العرب kalām al-ʿarab, “o discurso/língua dos árabes”. A motivação para codificar a língua tinha o intuito de frear a “corrupção” linguística considerada pura e falada pelos beduínos do centro-oeste da Península Arábica. Além disso, ou quiçá mais importante para os primeiros muçulmanos, era a necessidade urgente de corrigir e unificar as várias versões do texto corânico existentes à época. Versteegh (1977, p. 5) relembra que quase todas as gramáticas primitivas foram usadas para preservar a literatura sacra ou antiga, uma vez que a língua falada muda progressivamente, por isso havia o perigo de os textos sagrados antigos serem mal-entendidos, citando como exemplo os épicos homéricos na Grécia, Vedas na Índia e os textos de Confúcio na China.

O período imediatamente posterior é quase ausente de informações, contudo, no século VIII, a gramática alcançou um alto nível de requinte e sofisticação. Versteegh (1977) não considera muito provável que um sistema balanceado com uma terminologia avançada tenha tido um desenvolvimento natural do curso de menos de um século, entre Addu’ali, do século VII, e Sībawayhi, do século VIII, que é considerado “o pai da gramática árabe”. O autor parte do princípio de que os primeiros gramáticos não seguiram a lógica aristotélica e, sim, a prática gramatical corrente em todo o Oriente Próximo, visto que Sībawayhi, por exemplo, viveu em período anterior à influência das traduções de obras gregas propriamente.

Entretanto, havia contato entre os árabes e o mundo helenístico, e o autor supracitado distingue dois tipos de transmissão: uma direta, isto é, o contato dos primeiros gramáticos com a cultura grega nos territórios bizantinos; e uma indireta, que se refere ao contato com as traduções greco-árabes das obras de Aristóteles e de seus comentaristas.

Por todas as regiões do Império Bizantino, o grego era usado como uma espécie de língua franca, no entanto, os níveis mais baixos da sociedade continuaram a falar dialetos aramaicos, como o siríaco, ou o copta. Aos poucos, foram surgindo centros culturais independentes, sendo, inicialmente, Alexandria e Antioquia os mais importantes deles. Num período posterior, universidades e sistemas educacionais foram sendo fundados em diferentes cidades, nas quais a filosofia grega era estudada e os escritos gregos eram traduzidos para o siríaco e o persa. Isso mostra que os intelectuais e

pensadores dessa época tinham acesso ao conhecimento produzido pelos gregos, destilando-o e trazendo-o para sua própria realidade.

Depois da invasão árabe muçulmana no Levante, no século VII, o siríaco tornou-se uma língua intermediária entre o grego e o árabe. Versteegh (1977), na página 4, afirma que até o reinado do califa ʿAbd Almālik (685-705), o grego permaneceu como língua da administração e do registro das taxas em Damasco. Esse fato reforça o argumento de que a língua grega era ensinada à elite administrativa e intelectual, e, todos aqueles que estudavam o idioma, seguiam as regras da gramática tradicional apresentadas na obra “Arte da gramática”, formulada por Dionísio da Trácio e traduzida para o siríaco por Joseph de Ahwāz, do século VI.

Joseph de Ahwāz, Sergios de Reišainā, século VI, e Jacob de Edessa, século VIII, estudiosos sírios citados em Versteegh (1977), tinham um conhecimento expressivo e consistente do grego, uma vez que estudaram a língua em Alexandria e influenciaram gerações posteriores de gramáticos. Sergios de Reišainā, por exemplo, escreveu comentários sobre a teoria das categorias aristotélicas e as partes do discurso. Versteegh assume que os trabalhos dessa fase se pautavam, mesmo que implicitamente, nos métodos linguísticos, terminologia e categorias gregas devido aos diferentes contatos com o universo intelectual helenístico.

Vemos, portanto, que o autor acima crê no contato direto entre os gramáticos árabes e o conhecimento desenvolvido pelos gregos, tendo possivelmente os sírios como intermediadores. Esse contato teria sido estabelecido antes do início do Islã, quando territórios helenísticos, como Egito e Síria, foram cristianizados e, posteriormente, arabizados e islamizados. Então, cristãos e muçulmanos passaram a conviver, e o conhecimento grego foi levado para o oriente, antes mesmo das traduções greco-árabes terem efetivamente começado.

Na visão de Versteegh (1977), esse primeiro momento de transmissão foi marcado pelo contato com o pensamento grego. A lógica grega, por exemplo, só influenciaria, efetivamente, a gramática árabe num período posterior, quando Bagdá tornou-se o centro da cultura árabe e as traduções massivas de grandes obras gregas aconteceram na “Casa da Sabedoria”, fundada no século IX.

Merx (*apud* VERSTEEGH, 1977, p. 8) indica seis noções gramaticais árabes que podem ter sido originadas a partir do contato e observação das estruturas gramaticais gregas, são elas:

1. a noção de declinação e do termo árabe الإعراب al'ī'rāb;
2. a divisão das palavras em três partes do discurso;
3. a distinção de dois gêneros: masculino e feminino;
4. a distinção de três noções de tempo;
5. a noção de ظرف **ḍarf** (a princípio advérbio de tempo e de lugar);
6. a noção de حال **ḥāl** (a princípio advérbio de modo).

É possível que os gramáticos árabes primitivos tenham tomado emprestado noções gregas para construir seu próprio sistema. Isso não quer dizer, por exemplo, que Versteegh (1977) considere que o pensamento árabe tenha sido uma mera cópia da gramática grega, inclusive, o autor alerta que é preciso ter cuidado ao afirmar que a divisão das partes do discurso árabe em nome, verbo e partícula seja uma transposição direta da teoria idealizada por Aristóteles. Nesse sentido, Bohas et al. (2006, p.10) asseguram que, de fato, “a maior parte do nível técnico gramatical, como, por exemplo, as categorias e os procedimentos usados na descrição e análise dos dados linguísticos, que determinaram a economia do sistema foram praticamente intocados pelos ‘empréstimos gregos’”. O que Versteegh sugere é que a instrução sobre a gramática grega pode ter servido como modelo e ponto de partida para a sistematização gramatical árabe.

Considerando os primeiros gramáticos responsáveis pela elaboração da teoria gramatical árabe genuína, citamos três: Sībawayhi, do século VIII, Al-mubarrad, do século IX, Assarrāj, do século X.

Sībawayhi, que era de origem persa, viveu, estudou e trabalhou entre os falantes nativos do árabe. Seus escritos ficaram conhecidos como كِتَابُ سَيَوِيهِ Kitāb Sībawayhi, ou “O livro de Sībawayhi”, o primeiro tratado gramatical que, segundo Bohas et al. (2006, p. 1) “é a mais provável primeira tentativa de uma descrição sistemática e compreensiva da língua árabe em todos os níveis (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica)”¹⁵.

¹⁵ “(...), is most probably the first attempt at a comprehensive and systematic description of the Arabic language at every level (phonetics, phonology, morphology, syntax and semantics).” Nossa tradução.

Fazendo referência à teoria gramatical de Sībawayhi, Ramzi Baalbaki (2007)¹⁶ explica que a mesma se centra no significado e nas relações de sentido entre o falante, o ouvinte e o contexto de elocução como parte da interação social da linguagem. O autor comenta que a análise de Sībawayhi se preocupa quase que exclusivamente com a linguagem como forma de comportamento social, logo, o discurso é um conjunto de ações, cada uma sendo nomeada de acordo com sua intenção, isto é, a terminologia gramatical nasce da intencionalidade da ação.

ato de questionar	istifhām	استفهام
ato de marcar o dual	taṭniya	تنبيه
ato de dirigir a atenção a alguém	tanbīh	تنبيه

Tabela 2 - Terminologia gramatical resultante da intencionalidade da ação (adaptação de Baalbaki, 2007, p.4).

Segundo essa proposta, por exemplo, o ato de questionar, expresso pelo termo istifhām, teria originado o termo grammatical اسم الاستفهام, equivalente ao “pronomes interrogativo” do português.

Embora os gramáticos posteriores tenham adotado quase que inteiramente as formulações ligadas à fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica da teoria de Sībawayhi, seu método de provar relações, no nível sintático-semântico, entre forma/significado, foi sendo continuamente “deteriorado”, conforme a perspectiva de Baalbaki. Segundo ele, isso se deve à tentativa das novas gerações de codificar regras, sistematizar usos e analisar a estrutura, como se as considerações formais governassem os elementos constituintes. O autor ilustra, na página 3 de seu artigo, sua opinião citando a Alfiyya, uma obra rimada do século XIII, de Ibn Mālik, e definindo-a como “fórmulas pedantes e regras rígidas que quase completamente substituem a natureza vívida e dinâmica da análise de Sībawayhi”. Essa visão é corroborada por Bohas et al. (1990 *apud* BAALBAKI, 2007) ao distinguirem dois grupos de gramáticos e suas análises:

¹⁶ O artigo de Baalbaki (2007) chama-se “Inside de speaker’s mind: speaker’s awareness as arbiter of usage in Arab Grammatical Theory”.

Sībawayhi**Os gramáticos pós-Sībawayhi**

Analisa o discurso em termos das operações executadas pelos falantes a fim de alcançar um efeito específico na elocução.	Analisam o discurso em termos das relações formais entre os componentes.
--	--

Tabela 3 - Sībawayhi e seus sucessores.

Para Bohas et al. (2006), a originalidade, extensão do escopo e profundidade de análise de Sībawayhi indicam que, apesar de a gramática não ser considerada disciplina autônoma no século VIII, já havia, ao menos, algum tipo de reflexão gramatical preexistente.

Owens (1988) e Versteegh(1977) concordam com o fato de que o Kitāb Sībawayhi é muito mais um diwān (uma antologia) e um nawādir (lista de curiosidades) do que uma ferramenta pedagógica para o ensino da língua, uma vez que essa não parece ter sido a preocupação do autor à época.

Após aproximadamente 90 anos, Almubarrad, aluno de Sībawayhi, escreveu Almuqtaḍab e, a partir de então, tornou-se possível traçar o prosseguimento contínuo dos trabalhos gramaticais e o desenvolvimento dessa ciência até os dias de hoje. Os tratados gramaticais de Almubarrad em diante passaram a refletir uma preocupação pedagógica latente, porque o objeto de descrição e codificação dos gramáticos, o árabe clássico¹⁷, ia se distanciando cada vez mais das variedades locais faladas no vasto território do Império Islâmico.

Os gramáticos primitivos possuíam traços comuns: um escopo heterogêneo, tipo de abordagem semelhante, terminologia e a forte dependência de uma visão filológica. O interesse deles, de uma forma geral, não era definir e explicitar regras gerais e princípios, ou analisar e classificar fatos linguísticos. Eles se interessavam em examinar e discutir dados específicos e isolados, principalmente, quando se desviavam do comportamento comum à sua classe, assim como fez Almubarrad, quando discutiu o plural irregular em sua obra. Os gramáticos desse primeiro momento, não possuíam um modelo teórico

¹⁷ Na introdução da sua gramática, Ryding (2005) apresenta uma visão geral sobre as fases de desenvolvimento da língua árabe: **Proto-Árabe** (Árabe Antigo), do século VII a.C. ao III d.C.; **Árabe Primitivo**, do século III ao V; **Árabe Clássico**, do século VI ao XIII; **Árabe Médio**, do século XIII ao XVIII; **Árabe Moderno Padrão**, do século XVIII até nossos dias.

canônico para analisar os fatos linguísticos, com princípios e regras descritas e sistematizadas, no entanto, embora não sistematizado, esse arcabouço teórico era tido como parte do conhecimento corrente e implícito da época, conforme nos descreve Bohas et al. (2006).

O primeiro modelo canônico foi escrito por Ibn Assarrāj, no início do século X, e foi chamado de *Al’uṣūl fī Annaḥw*, “Os fundamentos da gramática”. Aluno de Almubarrad, Assarrāj ditaria o tom dos futuros gramáticos, pois essa é considerada a primeira gramática acessível à população devido ao detalhamento e à organização das complexidades gramaticais e, sobretudo, ao caráter pedagógico da obra, de uma forma que nem Sībawayhi, nem Almubarrad foram.

Bohas et al. (2006) explicam que Assarrāj baseou-se em um método emprestado da lógica, chamado de “divisões exaustivas”, *taqāsīm*, que era usado para a classificação dos fatos linguísticos e exposição dos problemas. A primeira e mais geral divisão foi estabelecida nas partes do discurso e suas subdivisões e “subsubdivisões” tornaram as relações entre as classes e os fatos da língua visíveis e hierárquicas.

Para Owens (1991), a era máxima de criatividade da teoria gramatical árabe chega ao fim no século X. Os gramáticos posteriores refletem sobre ela e expandem os princípios já postos, em maior ou menor grau. A heterogeneidade presente entre os anos de 780 a 930 não desaparece completamente, ela sobrevive como sistematização de si mesma. Sobre isso, Carter (1985 *apud* OWNES, 1988, p. 8) diz que “a maior preocupação dos gramáticos (após 1077) era encontrar sempre novas maneiras de dizer a mesma coisa”.

Um dado presente no desenvolvimento do pensamento gramatical árabe até o século X consiste no florescimento de duas escolas linguísticas, a de Baṣra e a de Kūfa, cidades iraquianas que viram gerações de eruditos e debates linguísticos emergirem, antes da transferência do novo centro do saber para Bagdá, a capital do califado Abássida.

Owens (1991) lembra que a padronização da gramática árabe culminou com o trabalho de Assarrāj e que o estabelecimento das duas escolas linguísticas, no fim do século IX até início do X, pode ser entendido como reflexo desse processo, uma vez que sem gramática e terminologia padronizadas por cada escola, os gramáticos não teriam a necessidade de escolher entre uma ou outra corrente.

Entre os séculos VIII e IX, Baṣra e Kūfa eram centros acadêmicos onde estudiosos distinguiram preceitos linguísticos, no entanto, Owens (1988) menciona autores modernos, como Versteegh (1977), Weil (1913), Carter (1973) e Baalbaki (1981)

os quais concordam que não havia uma dicotomização teórica rígida entre ambos os centros e a conceituação de “escolas linguísticas” é uma criação dos gramáticos pós-século X para que se estabelecesse uma ortodoxia linguística ao se contrastar o certo (Başra) e o errado (Kūfa).

Na verdade, as divergências existentes entre os gramáticos no período pré-canônico (ou antes da obra de Assarrāj) eram marginais e diziam respeito aos aspectos particulares, conflito de soluções ou análises e terminologia para o mesmo fato linguístico. Sejam quais forem as diferenças entre as duas escolas, havia um centro comum da gramática que era aceito por todos os linguistas e, segundo a teoria de Ownes (1988, p. 9), as convergências giravam em torno da estrutura, classe, dependência, marcação e teoria morfológica.

Não há referências às escolas nos trabalhos de Sībawayhi, Al’**ah**faš Al’awsaṭ¹⁸ e Alfarra^c. As primeiras começaram a aparecer na segunda metade do século IX em Alzubarrad e Ṭa^clab. Fleisch (1961 *apud* BOHAS ET AL., 2006) sugere que a rivalidade entre as duas escolas tenha sido criada para justificar uma rivalidade pessoal entre Alzubarrad, que em sua época era o líder de Başra e Ṭa^clab, o de Kūfa.

De acordo com Ownes (1988), as referências feitas pelos gramáticos primitivos indicam que a maior preocupação não era se filiar a uma ou outra escola, e sim, concordar/discordar, definir/ desenvolver seu status conforme o pensamento de sua época.

Bohas et al. destacam que, quando o modelo canônico de Assarrāj, discípulo de Alzubarrad (que por sua vez foi seguidor de Sībawayhi), foi desenvolvido, intitularam-no como proveniente de Başra. Então, toda a análise incompatível a esse novo modelo era atribuída a Kūfa.

Embora Başra e Kūfa não constituíssem escolas com cânones bem definidos, ambos os epítetos auxiliaram no estabelecimento de linhagens de linguistas, entre eles:

Başra	Kūfa
Sībawayhi (protagonista, século VIII)	Kisā [’] ī (século VIII)
Al’ ah faš Al’awsaṭ (século IX)	Alfarra ^c (protagonista, século IX)
Almāzinī (século IX)	Ṭa ^c lab (século X)

¹⁸ Discípulo de Sībawayhi, tendo vivido no século IX.

Baṣra	Kūfa
Almubarrad (século IX)	-
Assarrāj (século X)	-

Tabela 4 – Representantes das escolas linguísticas de Baṣra e Kūfa.

Quanto à terminologia gramatical, Sībawayhi e Alfarra^c denominavam o mesmo fenômeno linguístico diferentemente. Ownes (1991, p. 230) apresenta uma tabela ilustrativa, conforme reprodução a seguir:

Terminologia Gramatical ¹⁹	Sībawayhi	Alfarra ^c
“negação indicativa”	naṭī	jaḥd
“completamente flexionado”	mā yanṣarif	mā yajrī
“substituto”	Badal	takrīr
“locativo”	ḍarf	ṣifa
<i>ḥāl</i>	ḥāl	qaṭ ^c / ḥāl
“governo”	‘amila	waqa‘a/ ‘awqa‘a
“flexão de genitivo”	jarr	ḥafḍ
“coordenação”	‘aṭf/ širāk	‘aṭf/ nasq
“partícula”	ḥarf	‘adāh
“pronome separado”	faṣl	‘imād

Tabela 5 - Terminologia gramatical árabe primitiva.

Todas as vezes em que a terminologia gramatical foi divergente, os termos cunhados pelo protagonista de Baṣra e seus discípulos tornaram-se o padrão. Embora,

¹⁹ Todos os termos aqui apresentados foram traduzidos literalmente, por nós, do inglês para o português, conforme ilustrado por Ownes (1991, p. 230), por isso, encontram-se entre aspas.

seja observado o desenvolvimento da teoria gramatical formulada por Sībawayhi e a contribuição dos gramáticos posteriores, às vezes, com mudança na aplicação de certos termos, ou, até mesmo a elisão de outros, a terminologia dominante até os dias de hoje foi sempre a postulada pela escola de Baṣra, em detrimento à de Kūfa.

Um exemplo da dominante influência de Sībawayhi nos trabalhos gramaticais posteriores, comentada por Owens (1991), é evidente no conjunto dos complementos acusativos, os quais Assarrāj denominou de mafʿūl مفاعيل, “objetos”, e dividiu-os em dois grupos: o “objeto” em si, mafʿūl مفعول e o “semelhante ao objeto”, šibh mafʿūl شبه مفعول.

شبه مفعول šibh mafʿūl	مفعول mafʿūl
حال ḥāl	مفعول به mafʿūl bihi
تمييز tamyyīz	مفعول مطلق mafʿūl muṭlaq
استثناء istiṭnāʾ	مفعول فيه mafʿūl fīhi
-	مفعول معه mafʿūl maʿahu
-	مفعول له mafʿūl lahu

Tabela 6 - Complementos acusativos.

Essa subdivisão dos complementos acusativos em oito itens remonta a Almubarrad, que notou a ocorrência dos objetos e de seus semelhantes na função acusativa. Por sua vez, os cinco termos referentes ao “objeto em si” foram cunhados por Sībawayhi, que previa, ainda, um outro tipo de objeto, chamado de mafʿūl minhu مفعول منه, que seriam excluído dos tratados gramaticais posteriores. As gramáticas contemporâneas abarcam o estudo dos oito termos acima mencionados, no entanto, eles estão sob o termo geral المنصوبات almanṣūbāt ou “os complementos acusativos”, em que há a subdivisão explícita do que é objeto e do que é regido por acusativo, como Sībawayhi outrora sugerira.

4 A Terminologia gramatical oficial no Brasil e nos países árabes

A revisão histórica anterior tem como objetivo introduzir e fundamentar o ponto principal desta tese, isto é, a terminologia gramatical oficial das línguas árabe e portuguesa do Brasil no atual momento histórico.

Nos países árabes, o presente estágio do idioma é chamado de Árabe Moderno Padrão (AMP)²⁰. O desenvolvimento do árabe clássico para o AMP foi fomentado por diversos fatores, tais como, divulgação da educação universal e do letramento, advento do jornalismo, acesso a trabalhos escritos ocidentais (contos, editoriais, romances, entre outros). As diferenças entre AMP e o árabe clássico estão mais no nível lexical e estilístico do que no gramatical, visto que representam as tradições escritas de períodos históricos bem diferentes e distantes.

Percebe-se um conservadorismo gramatical e lexical na variedade do árabe escrito, independentemente de seu estágio de desenvolvimento. Como língua sagrada da Revelação Corânica, os gramáticos clássicos tiveram que garantir uma fonética “sã” e preservar a correção na morfologia, sintaxe e semântica. Hoje em dia, o papel de regulador da língua escrita e formal é executado pela “Academia Linguística Árabe”, presente na maioria das capitais árabes, como Cairo, Damasco, Amã e Bagdá. Conforme Ryding (2005, p. 7) descreve, a Academia determina os procedimentos de incorporação de nova terminologia, conserva a integridade geral do AMP, padroniza o registro escrito formal moderno em todo o mundo árabe e sistematiza o desenvolvimento linguístico comum para todos os falantes do idioma.

A terminologia gramatical do AMP segue a tendência conservadora da língua. Todos os termos selecionados para análise nesta tese foram extraídos de quatro gramáticas contemporâneas escritas para nativos, a saber, Alḥawṣ (1987), Alḥatīb e Jaṭal (1993), Almaʿrī (2002) e ʿAlī (2006) e, em todas elas, a única variação terminológica encontrada está na forma de designação do termo árabe, pois alguns gramáticos optaram por utilizar o nome do fato linguístico, como observamos em النداء annidā’, “o

²⁰ O Árabe Moderno Padrão é a norma escrita para todos os países árabes, assim como, o principal meio de comunicação para discursos públicos e transmissões pela televisão ou rádio, e na linguagem jornalística. Ele serve não apenas como veículo da literatura corrente, mas também como fonte de comunicação entre árabes nativos letrados de diferentes e distantes regiões do mundo árabe (Ryding, 2005, p. 7). O termo فصحي العصر fuṣḥā alaʿṣr é a forma árabe para designar o AMP.

chamamento”, enquanto outros preferiram lançar mão de um dos elementos do processo, como, por exemplo, المنادى *almunadà*, “aquele que é chamado ou vocativo”. Nesses casos, optamos sempre por selecionar os termos ligados aos nomes do processo. Quanto aos termos analisados, observamos regularidade e estabilidade terminológica nas gramáticas consultadas.

O universo da terminologia gramatical da língua portuguesa do Brasil²¹ é bem mais complexo do que o árabe, porque, embora haja uma terminologia oficial, a chamada Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), não há consenso entre os linguistas, gramáticos e professores brasileiros. Alguns consideram-na ultrapassada, equivocada, repleta de lacunas, uma “aberração e indigna da cultura filológica brasileira”, conforme descreve-a Jucá (1958, p. 2). Há outros especialistas que defendem a relevância de uma nomenclatura gramatical uniformizada que busque uniformidade de conceitos, análises e explicações que se dá aos fatos e fenômenos, de acordo com Travaglia (*apud* HENRIQUES 2009, p. 93)

Henriques (2016, p. 36) afirma que, após 58 anos da instituição da NGB, estamos de volta ao “caos terminológico” de outrora, um dos motivos que impulsionou sua elaboração. O autor mencionado descreve sucintamente o panorama geral do ensino de Língua Portuguesa em nosso país:

Não me referirei aqui aos novos nomes técnicos adotados na descrição linguística praticada em terras brasileiras. Sabe-se que termos como *transpositores*, *cláusulas*, *tmese*, *clivagem*, *topicalização*, *modalização*, *gramaticalização*, *orações relativas*, *articuladores*, *hipertextualidade*, *pressuposição*, *referenciação*, etc. não só já estão presentes no cotidiano das salas de aula como também aparecem em enunciados de exames vestibulares, do ENEM e de concursos públicos variados. Seu uso representa, por um lado, levar para o ensino a contribuição das modernas correntes dos estudos linguístico-gramaticais e, por isso, esses termos são muito bem vindos e necessários. Representa, entretanto, por outro lado – enquanto tudo depender da iniciativa individual e da eventual atualização

²¹ A terminologia gramatical oficial brasileira, NGB, difere da portuguesa, atualizada em 2007 e chamada a partir daí de Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário (TLEBS). Para fins desta tese, nos importa apenas a vertente brasileira.

dos docentes -, riscos para o ensino e consequências perigosas para a aprendizagem e processos avaliativos.

Verificamos, então, que ainda hoje, não há padronização da terminologia gramatical oficial em uso no Brasil e que a NGB promulgada em 1959, carece de atualização e uniformização.

Mattoso Câmara Jr. (1966 *apud* HENRIQUES, 2009, p. 43) levantou um argumento a respeito da NGB e que nos parece ser o centro da questão terminológica nas salas de aula do país. Ele diz que toda “a terminologia está visceralmente dependente de uma teoria e sem esta não tem sentido nem real utilidade”. Segundo Mattoso, ainda não há qualquer doutrina gramatical coerente que sustente a NGB. Além dela, as salas de aula assistem ao multiplicar de diferentes termos provenientes de teorias linguísticas diversas, o que não favorece o principal, o real e o efetivo aprendizado de nossa língua materna.

Por esses motivos, para fins da análise e busca de equivalentes estruturais entre as gramáticas árabe e portuguesa do Brasil, consideramos termos deixados de lado pela NGB, como, por exemplo, morfossintaxe e aspecto. O *corpus* composto das gramáticas portuguesas que serviram de fonte de pesquisa será apresentado no capítulo seguinte, juntamente com suas devidas justificações de escolha.

Neste capítulo, revisamos o desenvolvimento do pensamento sobre a linguagem entre os filósofos gregos, que culminou com a primeira gramática tradicional grega, a “arte da gramática”, de Dionísio da Trácio. Observamos que a produção gramatical grega foi absorvida pelos latinos e influenciou sobremaneira a instituição de sua gramática. A tradição greco-latina é a maior base da língua portuguesa e os termos gramaticais da nossa gramática tradicional constituem um legado clássico.

Quanto à gramática árabe, vimos que os intelectuais e pensadores árabes tiveram contato com o pensamento linguístico grego antes da sistematização de sua primeira gramática, no século VIII, porém a transmissão dos preceitos lógicos gregos se deu apenas quando as traduções do grego para o árabe foram sendo feitas, a partir do século IX, em Bagdá.

Considerando a terminologia gramatical árabe, notamos estabilidade e uniformização dos termos, e o ensino do sistema do AMP para estrangeiros segue a gramática tradicional e seus termos. O campo terminológico da língua portuguesa do Brasil é mais complexo, porque embora haja a NGB como nomenclatura oficial, não há

consenso entre os especialistas da área que, muitas vezes adotam termos provenientes de teorias diferentes para ensinar a língua materna no ensino fundamental e médio.

No próximo capítulo, apresentamos a fundamentação teórica desta tese, a metodologia de pesquisa e a sugestão de termos principais a fim de constituir a nomenclatura de um dicionário de termos gramaticais árabes.

CAPÍTULO 2

DA REVISÃO DO MESTRADO: ORIENTAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Esta tese é, de certa forma, uma ampliação da pesquisa de mestrado, estendendo a análise ao nome e à partícula que, junto ao verbo, representam a divisão do discurso em árabe. A pesquisa de mestrado ocupou-se do verbo, e sua fundamentação teórica será recapitulada durante a retomada de alguns pontos necessários para a condução da pesquisa desta tese. Assim sendo, as orientações teóricas e os procedimentos metodológicos continuam sendo os mesmos aqui.

No mestrado, firmamos as bases da Terminologia a começar pela definição do próprio termo, que, segundo os especialistas, possui uma perspectiva poliédrica. Assim, “terminologia”, como teoria, indica o conjunto de premissas, conclusões e argumentos que explicam, basicamente, a relação termo/conceito; como prática, que também pode ser designada como Terminografia, que consiste no conjunto de métodos e atividades voltadas para a coleta, descrição e apresentação dos termos, além da elaboração de glossários, dicionários terminológicos, entre outros. Como resultado, refere-se ao conjunto de termos em si, ou seja, ao vocabulário de uma área determinada.

Os objetos de estudo dessa disciplina são: a) o termo; b) a fraseologia; e c) a definição terminológica. De acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 22) “tanto a descrição e explicação desses objetos quanto o conjunto de diretrizes metodológicas para o tratamento dos mesmos configuram a identidade da Terminologia”.

- a) Os termos são as unidades lexicais técnicas presentes nos textos técnicos, científicos ou de alguma área de especialidade; eles revelam a especialização do campo de conhecimento e caracterizam a linguagem de especialidade. Trata-se da unidade padrão de análise da Terminologia.

Na Dissertação, foram apresentadas três definições diferentes para o termo, como unidade terminológica, as quais variam de acordo com diferentes perspectivas teóricas, a saber: (1) de organismos internacionais de normalização; (2) da Teoria Geral

da Terminologia; e (3) da Teoria Comunicacional da Terminologia, conforme Caffaro (2013, p. 6-7). Para esta tese, a definição apresentada por Cabré (1999^a *apud* BARROS, 2004, p. 41) nos interessa singularmente, por entender que as unidades linguísticas só se tornam termos quando empregadas em textos de especialidade, ratificando o argumento de que os termos são unidades lexicais das línguas naturais, logo, é o contexto especializado que seleciona o conteúdo específico das unidades lexicais. Assim, para a Teoria Comunicacional da Terminologia apresentada por Cabré “os termos compõem o léxico geral da língua, tendo seu conteúdo específico selecionado de acordo com o contexto discursivo em que estão inseridos”. (CAFFARO, 2013, p. 7)

- b) A fraseologia especializada refere-se às construções lexicalizadas, fixas ou semifixas, presentes nas comunicações especializadas. Elas coexistem com os termos num sistema de complementaridade de expressão e conteúdo de uma área específica. Dentre os termos gramaticais sugeridos para compor a nomenclatura de um dicionário terminológico árabe-português, assim como foi observado com o glossário, na dissertação, não foi verificada a presença de fraseologias especializadas, apenas de sintagmas terminológicos, do tipo nome + *al* + nome²², nome + adjetivo e nome + preposição + nome.
- c) A definição terminológica consiste no enunciado-texto que procura dar conta dos significados de termos e expressões especializadas, transmitindo os conceitos de uma área de conhecimento em situação comunicacional. Assim, essa definição é um elemento fundamental na formação e veiculação do conhecimento técnico, científico e especializado.

No mestrado, as definições apresentadas nas fichas, elaboradas para a análise terminológica, foram extraídas das gramáticas árabes selecionadas (tanto para nativos como para estrangeiros), que, em seguida, foram traduzidas e adaptadas para fins de estudo do termo. Neste presente trabalho, para além da tradução, indicamos um padrão para as definições terminológicas de cada termo sugerido que leve em conta critérios

²² Essa estrutura composta por *nome + al + nome* é bastante frequente em árabe e chama-se إضافة *'iḍāfa*.

lógicos, como a completude semântico-funcional, objetividade e coerência do enunciado-texto; e critérios subjetivos, como transparência e clareza do texto.

Como o interesse final dessa pesquisa é o pedagógico, as definições terminológicas procuraram levar em consideração o público específico (professores e alunos de língua árabe), como apontado por Householder (1962 *apud* WELKER, 2006, p. 22) o qual diz que “os dicionários deveriam ser elaborados levando-se em consideração determinado grupo de usuários e suas necessidades específicas”. Na redação final da definição, adotou-se Biderman (1984, p. 32) a qual aconselha que o enunciado seja redigido em linguagem simples, correta, utilizando-se palavras frequentes e, preferivelmente, que façam parte do vocabulário básico da língua. Embora estejamos tratando de um domínio técnico e especializado, nosso intuito é adaptar as definições terminológicas aos consulentes propostos, a fim de que a consulta seja satisfatória, efetiva e comunicativa.

Nesta pesquisa figura, também, o universo da Terminografia, a face aplicada da Terminologia, que cuida da produção e elaboração de vocabulários, dicionários técnicos ou terminológicos, glossários e banco de dados. Quanto à tipologia de obras terminográficas, seguimos a proposta apresentada por Barros (2004, p. 143-144). Na dissertação, após a análise dos termos verbais, produzimos um glossário, definido pela autora acima como uma obra cuja “característica principal é não apresentar definições, mas tão somente uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes”. Nesta tese, a pesquisa tem por finalidade última, não tão somente o glossário, mas um dicionário terminológico (termo concorrente: vocabulário), que segundo Barros “situa-se no nível da(s) norma(s), registrando unidades terminológicas de um ou vários domínios. Apresenta, obrigatoriamente, definições, mas nenhum dado enciclopédico”.

Nossa pesquisa, assim, orienta uma futura elaboração de um dicionário terminológico bilíngue que compile e registre os termos gramaticais árabes, mas que extrapole a definição de Barros mencionada anteriormente. Assim, para além do termo gramatical em árabe e da definição terminológica em português, apresentamos uma

proposta de equivalência²³ daquele termo árabe em língua portuguesa; um exemplo em árabe; sua tradução e remissivas para que seja possível ao consulente recuperar a unidade no sistema conceitual a que pertence o termo em consulta.

Todos os detalhes sobre a macro e microestrutura serão explicados adiante, ao abordarmos uma sugestão organizacional de um dicionário, no entanto, faz-se necessário explicar nossa proposta teórica para as equivalências. Assim, para chegarmos a um equivalente em português o mais próximo possível do termo original árabe, analisamos e comparamos os semas das definições dos termos árabes e portugueses, além da descrição de uso em ambas as línguas.

Quando não for possível encontrar equivalência, propomos um neologismo, definido por Alves (2001, p. 54) como “uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova atribuída a um elemento existente, ou então, uma unidade recebida de um outro código”. Como estamos lidando com um domínio especializado, essa criação recente é chamada de neologismo terminológico.

Retomamos a classificação dos neologismos de Boulanger (1979 *apud* ALVES, 2001, p. 54), na qual um neologismo pode ser do tipo: formal, semântico ou por empréstimo²⁴. Registramos ainda que, uma outra forma de expressar conceitos inexistentes na língua de chegada, é feita por meio da paráfrase do termo original, contudo, essa interpretação não substitui a definição terminológica. Tanto na dissertação, como na tese, encontramos neologismos terminológicos formais e por empréstimo (que serão grafados em *itálico*), além de paráfrases.

As condições linguísticas para viabilidade de implantação dos neologismos estabelecidas por Cabré (1993 *apud* CORREIA, 1998, p. 65), continuam sendo levadas em conta quando da necessidade de criação neológica. A saber:

²³ No mestrado, utilizamos o termo “correspondência”, contudo, nesta tese, foi feita a substituição para “equivalência”, “equivalente”, porque a literatura da Terminologia e Terminografia assim a emprega.

²⁴ Neologismo formal é aquele criado com base na derivação, composição, formação por sintagmas, siglas, redução de palavras ou ainda na criação de um radical inédito; o semântico é resultado de um novo significado atribuído a um significante já existente; e, o por empréstimo resulta da adoção de uma unidade lexical estrangeira. (CAFFARO, 2013, p. 20)

[...] o neologismo:

- (1) deve denominar um conceito estável, delimitado com o qual mantenha relação de univocidade;
- (2) deve ser breve e conciso;
- (3) deve ser construído de acordo com as regras do próprio sistema linguístico;
- (4) deve ser transparente;
- (5) deve poder constituir base para série de palavras derivadas;
- (6) deve adaptar-se ao sistema fonológico e ortográfico da língua.

Com essa proposta de equivalentes em português dos termos gramaticais árabes, estaríamos indo ao encontro da Teoria Comunicativa da Terminologia, para a qual “importa normalizar, isto é, fazer uma descrição prévia do uso terminológico seguida da padronização e sistematização dos termos, levando em conta a variação linguística”. (CAFFARO, 2013, p. 6)

Na dissertação, chamamos os equivalentes de “proposta de padronização” do termo árabe em língua portuguesa, no entanto, padronizar pressupõe implantação e teste dos termos árabes em português (em nosso caso), o que está fora dos objetivos da tese. Embora haja relativo consenso para a equivalência em português de alguns termos árabes, outros não foram ainda estudados conforme nossa perspectiva, por isso, muitas vezes, termos equivalentes para expressar as noções árabes são importados de outras línguas ocidentais. Pelas razões expostas, preferimos alterar a referida expressão para “proposta de harmonização”, e seguir a tendência por nós apontada, na página 5 do mestrado, onde se lê que a Terminologia “[...] estuda cientificamente o léxico especializado, organizando e harmonizando as noções (conceitos) ou conjunto de noções de domínios específicos do conhecimento [...]”.

Pretendemos, então, sugerir uma harmonização e uniformização das denominações com as quais os especialistas e estudiosos da área designam em português os termos gramaticais árabes, seguindo o conselho de Biderman (2001, p. 161) no qual assegura a importância de “certa normalização terminológica para garantir uma relativa univocidade do significado e do uso do termo científico”. Frisa-se que a autora ainda afirma que, para sanar a dificuldade de consenso entre o sentido e a delimitação de um termo científico em um dado domínio, pode-se propor e, até impor, a uniformidade de uso do termo, e, que mesmo sendo difícil a uniformidade total, um razoável consenso pode ser obtido. No entanto, nosso trabalho não impõe, mas propõe uma sugestão

coerente de equivalentes em português para que, ao final, um razoável consenso seja alcançado.

Levando em conta uma futura elaboração de um dicionário terminológico, nossa sugestão segue as orientações teóricas de Barros (2004), Biderman (2001), Borba (2003) e Welker (2004), no que se refere à organização. É importante considerar os seguintes aspectos: (1) a delimitação do público-alvo; (2) a seleção das fontes e *corpora* de onde serão extraídas as entradas; (3) a definição da nomenclatura; (4) a decisão sobre o arranjo das entradas e (5) a padronização da organização interna do verbete, a que denominamos o conjunto da entrada além do enunciado lexicográfico/ terminológico.

- (1) O público-alvo deste dicionário terminológico é composto por professores de língua árabe como LE no Brasil e alunos de árabe brasileiros, universitários, adultos, incluídos nos níveis de proficiência ACTFL 2012²⁵ intermediário, avançado, superior e distinto. É importante lembrar que estamos comparando a terminologia gramatical árabe com a do português do Brasil²⁶. Por isso, é preciso frisar que essa obra é voltada *a priori* ao público brasileiro.

Delimitamos o público-alvo específico de professores e alunos por crermos que esta seja uma obra de referência que auxiliará não o ensino da língua e suas quatro habilidades linguísticas em si, mas sim o ensino e a aprendizagem das estruturas gramaticais árabes e suas categorias morfossintáticas, tendo como interface o português, nossa língua materna. É, justamente por esse motivo, que demarcamos a faixa etária adulta dos alunos, porque eles precisam ter conhecimento linguístico e amadurecimento

²⁵ ACTFL significa *American Council on the Teaching of Foreign Languages*, ou seja, “Conselho Americano para o ensino de língua estrangeiras”. Essa organização norte-americana cuida, entre outras coisas, da regulamentação e padronização do ensino de línguas estrangeiras nos EUA, no entanto, diversos países do mundo seguem suas orientações metodológicas e seu guia de proficiência, atualizado e publicado em 2012. Para mais informações, queira consultar < <https://www.actfl.org/> >.

²⁶ Portugal trabalha com uma terminologia gramatical oficial, chamada de Terminologia Linguística para os Ensinos Básicos e Secundários (TLEBS), que difere em muito da brasileira. Henriques (2016, p. 39) chega a mencionar que “as diferenças entre a terminologia oficializada pela TLEBS e a praticada no Brasil [...] têm dimensão que parece maior do que o oceano que as separa”.

em seu próprio idioma para poderem acompanhar as comparações traçadas entre ambas as línguas.

É possível que, num segundo plano, o dicionário proposto de termos gramaticais possa ser útil também a tradutores ou linguistas que, em uso de suas atribuições, necessitem utilizar o português para descrever metalinguisticamente o árabe.

Os itens (2), (3) e (4) compõem o universo do que a lexicografia e terminografia chamam de macroestrutura, isto é, “a forma como o corpo do dicionário é organizado” (WELKER, 2004, p. 80). Alguns autores, ao referirem-se à macroestrutura, usam o termo “nomenclatura” como sinônimo, no entanto, optamos por seguir Béjoint (2000) citado por Welker, na página 81, o qual prefere utilizar “nomenclatura” como equivalente de lista de entradas de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Apesar de reconhecermos a polissemia desse termo, nossa opção pela monossemia tem por objetivo evitar ambiguidades no decorrer do texto.

- (2) Sobre as fontes de pesquisa, utilizamos dois *corpora* diferentes, um *corpus* de gramáticas árabes (para nativos e para estrangeiros) e outro de gramáticas do português do Brasil. Para o tratamento dos dados desta tese, seguimos a mesma metodologia usada no mestrado (ver CAFFFARO, 2013).

Desse modo, selecionamos o universo de 68 termos gramaticais da categoria do nome e 4 partículas. No entanto, constam, nesta tese, apenas 9 da categoria do nome e 3 da categoria da partícula a fim de comprovarem a hipótese aqui levantada. A decisão pela delimitação deu-se por dois motivos: o primeiro, diz respeito ao grande volume de material caso fossem incluídos todos os termos; e, o segundo e mais importante, diz respeito à necessidade de verificação, examinação e teste dos dados analisados, utilizando-se de uma pesquisa científica com sujeitos, e levando em conta todas as possíveis variantes durante o processo. Assim sendo, os itens analisados servirão como ilustrações que orientarão a futura elaboração de um dicionário de termos gramaticais árabes.

Além dos termos relativos ao nome e à partícula, serão recuperados 3 termos ligados ao verbo, um termo para cada hipótese, agora com inclusões e reformulações necessárias para a finalidade de um dicionário, e não tão somente um glossário.

- (3) Embora tenhamos selecionado 12 novos termos para análise, apresentamos, ao final deste capítulo, uma lista completa dos termos ligados ao nome, ao verbo e à partícula como sugestão para compor a nomenclatura deste dicionário terminológico.
- (4) Quanto ao arranjo das entradas, sugerimos que a apresentação formal da macroestrutura siga a ordem alfabética árabe, mesmo que os termos sejam analisados de acordo com o sistema de conceitos presente na gramática da língua árabe. Essa opção teria como objetivo tentar garantir, ao máximo, a coesão conceptual no momento da análise e, ao mesmo tempo, facilitaria o trabalho de consulta do pesquisador.

Há autores, no entanto, que criticam a ordem alfabética dos dicionários, como Baldinger (1960), citado por Welker (2004, p. 81). Ele chama a atenção, por exemplo, para o fato de que palavras derivadas são separadas de suas palavras-base, dos radicais. Neste dicionário, realmente, as subentradas ficariam separadas de seus termos-base, ou entradas primárias, contudo, recuperaríamos a unidade no plano nocional por meio do sistema de remissivas.

É importante lembrar que as entradas seriam direcionadas apenas do árabe para o português, e não estaria prevista a contraparte português-árabe, como fizemos no glossário. Portanto, todas as entradas estariam posicionadas da direita para esquerda, conforme a direção de escrita árabe.

- (5) Este item corresponde ao que denominamos teoricamente de microestrutura e é definida como “a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete” (BARROS, 2004, p. 156). Nesse programa de informações, referido por Barros, é preciso atentarmos para o número de dados veiculados, para a ordem de sequência deles e sua constância em todos os verbetes. Esse conjunto regular de informações transmitidas é um dos responsáveis pela homogeneidade do repertório, segundo a autora.

Rey-Debove (1971) determinou uma estrutura básica para o verbete, o que Barros chamou de *verbeta mínimo*, o qual seria formado pela entrada, o indicativo da gramática e a definição. Barros salienta ainda que o programa de informações pode extrapolar o verbete mínimo e que o tipo e número de dados transmitidos dependem do tipo de repertório e da natureza linguística do lexema/ termo.

Para Rey-Debove a padronização das informações também é imprescindível, mas nem todas as unidades lexicais/ terminológicas comunicam as mesmas informações, por isso são admitidas diferenças a depender do tipo de lemas, como exemplifica Welker (2004, p.108) “o verbete de uma interjeição não precisa seguir o padrão do verbete de um verbo; mas dentro de cada tipo deve haver padronização sim”.

Considerando a seguinte afirmação de Welker (2004, p. 108) “desde que estabeleça um padrão, o lexicógrafo pode, a princípio, elaborar qualquer tipo de microestrutura”, sugerimos que, a partir dos objetivos e do público-alvo desta obra terminográfica, o verbete seja composto por: entrada, transliteração, definição terminológica, equivalente, um exemplo em árabe, sua tradução e a remissiva.

A entrada constitui o termo em árabe, e seria posicionada à direita. Caso seja este um termo principal, virá grafado em negrito; se for uma subentrada, não estará destacada. No campo seguinte, virá a transliteração do termo que seguirá o padrão estabelecido (e registrado nas páginas iniciais) para transliterar todos os nomes árabes citados nesta tese²⁷.

O enunciado final, que ocupará o campo da definição terminológica será fruto de alguns passos: primeiro selecionamos a descrição que julgamos mais adequada e presente nas gramáticas árabes estudadas, em seguida, traduzimos o enunciado para o português, e, finalmente, adaptamos o texto para preencher os requisitos das categorias de gênero próximo e diferença específica. A indicação da fonte de onde cada texto foi extraído está indicada na ficha terminológica.

²⁷ Embora este seja um dicionário voltado a um público específico e que, ao menos teoricamente, saberia ler e compreender as entradas em árabes, decidimos manter a transliteração a fim de auxiliar os estudantes iniciantes que desejem consultá-lo, como também aqueles consulentes que não tenham proficiência necessária, mas que para fins linguísticos, desejem ou necessitem pesquisar informações contidas nele.

O equivalente, como já discutimos, corresponde a uma proposta de harmonização e uniformização do termo árabe em língua portuguesa. Estamos trabalhando com o domínio científico da terminologia gramatical árabe, e como em todo domínio específico, a monorreferencialidade é um desejo, embora nem sempre seja um fenômeno usual, já que um conceito pode ser designado por mais de um termo, como se dá no léxico comum (BIDERMAN, 2001, p. 164). Nossa hipótese é que encontraremos três possibilidades diferentes, quanto às equivalências, assim como ocorreu na Dissertação:

- a) Equivalência direta: quando os semas das definições terminológicas dos termos gramaticais árabe e português forem concordantes;
- b) Equivalência aproximada: quando nem todos os semas forem concordantes, nesse caso, investigamos a descrição de uso de mais de um termo gramatical português na tentativa de encontrar o equivalente mais adequado para o termo árabe;
- c) Não-equivalência: quando não for verificado equivalente em português para o termo gramatical árabe. Então, propomos um neologismo terminológico ou paráfrase.

Quanto aos exemplos, são definidos em Welker (2004, p. 150) como “frase ou trecho de frase que serve para exemplificar uma acepção ou uma construção sintática dos dicionários”. Dessa forma, a função do exemplo é demonstrar contextualmente o significado e o uso real da entrada em questão. O mesmo autor distingue dois tipos de exemplos, tratando como “exemplos autênticos, ou abonados (abonações)”, aqueles encontrados em textos autênticos; e “exemplos construídos, ou inventados”, aqueles criados para exemplificar determinada entrada.

Welker descreve como a discussão teórica a esse respeito é acirrada, mostrando a opinião de autores que desconsideram os exemplos inventados, chamando-os de um modelo não válido, como afirma Humblé (2001), ou Biderman (1984) que prefere as abonações, ou Martin (1989), para quem os exemplos autênticos são os únicos que autorizam o significado, mostrando-o num texto. Outros autores relativizam essa visão e aceitam exemplos adaptados ou exemplos inventados comuns e naturais. Concordamos com essa vertente relativizada de pensamento, e citamos a fala de Welker, na página 153, na qual ele diz que “No fundo, temos que confiar na boa intenção e na competência do

lexicógrafo de registrar o uso real e comum (ou, quando não é comum, de deixar claras as marcas de uso).”

No nosso caso, os exemplos apresentados serão, prioritariamente, retirados das gramáticas escritas em árabe, voltadas para nativos, logo, um material autêntico, o que poderia nos permitir chamar de abonações. Entretanto, foge da nossa esfera saber se o gramático construiu por si mesmo o mencionado exemplo, ou retirou de algum texto real, quando assim não tiver sido indicado. Por isso, preferimos chamar todas as ilustrações extraídas de exemplos, simplesmente.

Cada exemplo virá em árabe e, ao seu lado, à sua esquerda, estará disposta sua tradução para o português. Nosso intuito ao traduzir os exemplos é, de um lado, demonstrar o uso real daquele termo gramatical árabe em estudo, cumprindo assim nosso objetivo pedagógico; de outro, é oferecer ao consulente a verificação do equivalente em português.

A última informação dada no verbete é o sistema de remissivas, que, segundo Barros (2004, p. 174), tem por objetivo “[...] resgatar as relações semântico-conceituais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica”. Para que a rede de relações semântico-conceituais não se perca na apresentação formal do dicionário, uma vez que essa seguirá a ordem alfabética árabe, inserimos as remissivas a fim de recriar campo nocional existente na análise de cada termo e suas ramificações.

A remissiva escolhida é do tipo *queira ver* (q.v.) e virá expressa no verbete da seguinte forma: [q.v. + termo principal de referência]. Barros, na página 181, menciona que a remissiva do tipo q.v. é geralmente utilizada para aconselhar o leitor a consultar outro verbete para complementar e contextualizar as informações, no entanto, essa consulta não é obrigatória, uma vez que a definição é suficiente para compreensão do termo. É importante mencionar que nem todos os verbetes terão esse campo preenchido, porque nem todas as entradas principais apresentarão subentradas, e nosso intuito maior aqui é reestabelecer o vínculo conceitual entre as subclassificações e seus termos principais.

Assim, cada verbete deste dicionário terminológico seguirá o padrão ilustrado na tabela 7. É importante mencionar também que cada verbete formará um bloco de texto, sem separação de parágrafos, conforme orientação de Welker (2004, p. 81).

Equivalente	Definição terminológica	Transliteração	Entrada
[Remissiva q.v.]	Tradução	Exemplo	

Tabela 7 - Padrão para os verbetes.

Quanto à análise propriamente dita dos termos, ela será feita a partir de fichas terminológicas, conforme elaboradas no mestrado, e que dão conta das três possibilidades levantadas: equivalência direta, equivalência aproximada, não-equivalência. Para esta tese, as fichas foram adaptadas, após a revisão de conceitos já apontados, como a “proposta de padronização” que foi alterada para “proposta de harmonização”, e “possível correspondência”, a que passamos chamar de “possível equivalência”. Incluímos, também, nas fichas novos campos para inserir a tradução do exemplo em árabe e o sistema de remissivas, campos anteriormente ausentes e não considerados.

Apresentamos a seguir os três modelos de fichas terminológicas elaboradas para a análise dos termos gramaticais que irão compor a nomenclatura do dicionário almejado. As abreviaturas serão explicadas a seguir.

Termo gramatical		Possível equivalência em Pt		Proposta de harmonização	
DT:		DT:		DT:	
Fonte:		Fonte:		Fonte:	
Ex.:		Ex.:			
TR:		In ₁₉₆₅		Remissiva:	
Pt ₁₇₇₄		In ₂₀₀₅		Voc ₁₉₀₈	
Pt ₂₀₀₇		In ₂₀₁₁		Dic ₁₉₇₃	
In ₁₈₅₉		Es ₁₉₉₂		Dic ₁₉₈₃	
In ₁₈₆₂		Fr ₁₉₁₁		Dic ₁₉₉₃	

Tabela 8 – Ficha Terminológica 1

Termo gramatical		Possível equivalência ₁ em Pt		Possível equivalência ₂ em Pt		Proposta de harmonização	
DT:		DT:		DT:		TL:	
Fonte:		Fonte:		Fonte:		Fonte:	
Ex.:		Ex.:		Ex.:		TR:	
Pt ₁₇₇₄		In ₁₉₆₅		Fr ₁₉₁₁		Remissiva:	
Pt ₂₀₀₇		In ₂₀₀₅		Voc ₁₉₀₈		Dic ₁₉₉₃	
In ₁₈₅₉		In ₂₀₁₁		Dic ₁₉₇₃			
In ₁₈₆₂		ES ₁₉₉₂		Dic ₁₉₈₃			

Tabela 9 – Ficha Terminológica 2

Termo gramatical		Possível equivalência em Pt		Proposta de harmonização	
		Ø			
DT:				TL:	
Fonte:		TR:		Fonte:	
EX.:		In ₁₉₆₅		Remissiva:	
Pt ₁₇₇₄		In ₂₀₀₅		Voc ₁₉₀₈	
Pt ₂₀₀₇		In ₂₀₁₁		Dic ₁₉₇₃	
In ₁₈₅₉		ES ₁₉₉₂		Dic ₁₉₈₃	
In ₁₈₆₂		Fr ₁₉₁₁		Dic ₁₉₉₃	

Tabela 10 – Ficha Terminológica

As fichas apresentadas têm por objetivo sintetizar os dados recolhidos nos *corpora* pesquisados sobre o termo gramatical em estudo, formando um panorama geral das características relevantes para nossa análise e consequentes propostas de harmonização em português e redação do verbete do dicionário terminológico. A tabela seguinte explica cada campo das fichas terminológicas e suas respectivas siglas:

Campos	Explicação
Termo gramatical	Termo gramatical árabe e sua transliteração
DT	Definição terminológica
Fonte	Fonte da definição terminológica e da tradução literal
Ex.	Exemplo que ilustra o termo gramatical árabe
TR	Tradução do exemplo árabe
TL	Tradução literal
Remissiva	Sistema de remissiva [q.v.]
Possível equivalência em Pt	Possibilidade de equivalente gramatical em português
Ø	Ausência de equivalente em português
Pt₁₇₇₄	Gramática de Abrantes (1774)
In₁₈₅₉	Gramática de Wright, vol. 1, (1859)
In₁₈₆₂	Gramática de Wright, vol. 2, (1862)
Fr₁₉₁₁	Gramática de Périer (1911)
In₁₉₆₅	Gramática de Haywood e Nahmad (1965)
Es₁₉₉₂	Gramática de Corriente (1992)

Campos	Explicação
In₂₀₀₅	Gramática de Ryding (2005)
Pt₂₀₀₇	Gramática de Cowan (2007)
In₂₀₁₁	Gramática de Alhawaī (2011)
Voc₁₉₀₈	Vocabulaire de Principaux Terms Techniques de la Grammaire Arabe (1908)
Dic₁₉₇₃	A Dictionary of Arabic Grammatical Terms (1973)
Dic₁₉₈₃	A Dictionary of Modern Linguistic Terms (1983)
Dic₁₉₉₃	A Dictionary of Arabic Grammatical Nomenclature (1993)

Tabela 11 - Abreviatura dos campos presentes nas fichas terminológicas

Conforme mencionado anteriormente, a investigação partiu da própria gramática árabe descrita para nativos, de onde extraímos informações linguísticas sobre cada termo, sua função e descrição de uso. A fim de alcançarmos uma compreensão mais aprofundada e ampla a respeito do funcionamento gramatical de cada termo, consultamos, também, as gramáticas árabes escritas por arabistas. A partir desse primeiro passo, preenchemos os campos do “Termo gramatical”, “DT”, “Fonte”, “Ex.” e “TR”.

Em seguida, buscou-se a tradução literal registrada nas seguintes obras lexicográficas: Diccionario Arabe-Español, de Corriente (1991), e Dicionário Árabe-Português, de Sabbagh (2011). São consideradas, também, acepções não linguísticas para os termos, uma vez que,

(...) considerar outras acepções possíveis de cada termo, quando não houver uma especificamente linguística, auxiliará o entendimento das opções terminológicas dos gramáticos não árabes selecionados, assim

como poderá nortear a padronização²⁸ em português. (CAFFARO, 2013, p. 25)

E assim preenchemos o campo da “TL”. A seguir, é observada a designação dada ao termo gramatical nas oito gramáticas árabes selecionadas, sendo sete delas escritas por arabistas de diferentes nacionalidades e épocas, e a oitava, escrita por um árabe em inglês, logo, seu público-alvo específico eram os não nativos, ou seja, estudantes de árabe falantes da língua inglesa. Nesse momento, nos importa verificar e registrar como foi designado nas diferentes línguas-alvo, isto é, português, espanhol, francês e inglês, o termo em estudo. Desse modo, preenchemos os campos “Pt₁₇₇₄”, “Pt₂₀₀₇”, “ES₁₉₉₂”, “Fr₁₉₁₁”, “In₁₈₅₉”, “In₁₈₆₂”, “In₁₉₆₅”, “In₂₀₀₅”, “In₂₀₁₁”.

No mestrado, apresentamos as gramáticas e as justificativas que nos levaram a selecionar os sete gramáticos arabistas e suas obras (ver CAFFARO, 2013, p. 26-28). Reproduzimos aqui a referência bibliográfica de cada uma e aquela que foi acrescida, especificamente, para esta pesquisa:

1. **Instituições da Língua Arabiga para o Uso das Escolas da Congregação da Terceira Ordem** (1774), Fr. António Baptista Abrantes;
2. **A Grammar of Arabic Language** (1859 e 1862), William Wright;
3. **Nouvelle Grammaire Arabe** (1911), Augustin Périer;
4. **A New Arabic Grammar of Written Language** (1965), J.A. Haywood e H.M. Nahmad;
5. **Gramática Árabe** (1992), F. Corriente;
6. **A Reference Grammar of Modern Standard Arabic** (2005), Karin Ryding;
7. **Gramática do árabe moderno: uma introdução** (2007), David Cowan;
8. **Modern Standard ARABIC GRAMMAR: a learner’s guide** (2011), Mohammad T. Alhawari²⁹.

²⁸ Na revisão teórica que fizemos do mestrado, alteramos o termo “padronizar” para “harmonizar”.

²⁹ Esta gramática possui uma linguagem simples e clara para o aluno estrangeiro, entretanto, o motivo determinante para a seleção deste material é o fato de o autor sugerir uma designação própria da terminologia gramatical árabe em inglês. Ao lado de cada termo estudado, o autor apresenta a sua proposta de designação em inglês.

Na dissertação, foram utilizadas como fonte de pesquisa três obras de referência sobre a terminologia gramatical, uma árabe- francês: *Vocabulaire des Principaux Termes Techniques de La Grammaire Arabe* (MACHUEL, 1908), e duas árabe-inglês: *A Dictionary of Arabic Grammatical Terms* (CACHIA, 1973) e *A Dictionary of Modern Linguistic Terms* (BAKALLA ET AL., 1983). Essas três obras possuem estrutura de glossário de acordo com a definição de Barros (2004).

Para a tese, acrescentou-se mais uma: *A Dictionary of Arabic Grammatical Nomenclature* (ADDAHDAH, 1993), sendo, de fato, um dicionário terminológico, segundo definição de Barros (2004), isto é, registrando as unidades terminológicas e suas respectivas definições, sem nenhum dado enciclopédico.

A consulta a essas quatro obras terminográficas teve o objetivo de verificar quais as opções designativas de cada autor para os termos gramaticais árabes na respectiva língua-alvo e, assim, completar o panorama geral árabe das fichas terminológicas, com o preenchimento dos campos “Voc₁₉₀₈”, “Dic₁₉₇₃”, “Dic₁₉₈₃” e “Dic₁₉₉₃”.

Assim como na dissertação, salientamos que os comentários gramaticais tecidos após o preenchimento de cada ficha buscam um contraponto entre as realidades linguísticas em destaque, a fim de embasar a discussão e a análise terminológica, cujo objetivo é a proposta de um equivalente em português do termo gramatical árabe que seja coerente, transparente e comunicativo ao público-alvo específico.

Dessa forma, selecionamos um *corpus* composto por seis gramáticas para o aprofundamento dos fatos linguísticos do português do Brasil, são elas:

1. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, Celso Cunha e Lindley Cintra (2001);
2. **Moderna Gramática Portuguesa**, Evanildo Bechara (2009);
3. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**, José Carlos de Azeredo (2010);
4. **Gramática da Língua Portuguesa Padrão**, Amini Boainain Haury (2014);
5. **Nova Gramática do Português Brasileiro**, Ataliba T. de Castilho (2010);

6. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**, Ataliba T. de Castilho e Vanda Maria Elias (2011);

Acrescentamos a esse *corpus* o

7. **Dicionário de Linguística e Gramática**, Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1981).
Essa obra já fazia parte de nossa pesquisa de mestrado e foi mantida no doutorado, primeiramente, porque possui um caráter prático ao apresentar as noções gramaticais por ordem alfabética. Em segundo lugar, mas não menos importante, trata-se de uma obra do primeiro linguista brasileiro e seu valor doutrinário fala por si mesmo. Mattoso Câmara explica que seu dicionário não versa a NGB, tampouco visou ao problema terminológico, senão objetivou transmitir conhecimentos doutrinários para a compreensão da estrutura, função e história da língua portuguesa.

Vale frisar ainda que a seleção das primeiras quatro gramáticas foi motivada pela preocupação de comparar o Árabe Padrão Moderno, variedade principalmente escrita com a variedade padrão escrita do português, sua homóloga. Todas as gramáticas árabes para nativos, arroladas, possuem uma abordagem tradicional. Dentre aquelas escritas por arabistas, percebemos a influência de teorias linguísticas contemporâneas, em que, à concepção tradicional, são incorporadas novas formas de tratar e analisar a materialidade linguística árabe, assim como ocorre com a língua portuguesa.

As duas últimas gramáticas têm como objeto de estudo a variedade falada da língua portuguesa do Brasil, em sua atual sincronia. As mesmas foram selecionadas, porque se debruçam sobre a realidade linguística brasileira especificamente, o que, para nós, desperta real interesse. O Árabe Moderno Padrão falado é uma variedade controlada e reservada a contextos bastante formais. O falar natural e espontâneo de falantes nativos instruídos é chamado de árabe falado culto, variedade mista situada entre o coloquial e o padrão. Não temos ciência de uma gramática publicada que estude a variedade falada culta da língua árabe³⁰. Nenhuma das gramáticas árabes selecionadas estuda a variedade do árabe falado culto, há estudos linguísticos recentes que abordam o tema, porém não

³⁰ Há diversos artigos científicos no Brasil e na comunidade exterior que discutem o árabe falado culto. Para uma leitura preliminar, indicamos o artigo “A diglossia nas comunidades árabes” (NOGUEIRA, 2004, p. 32-57).

serão considerados nesta tese, pois nosso objeto aqui é a variedade padrão escrita em ambas as línguas.

Quanto à nomenclatura, apresentamos a lista completa com os termos ligados à categoria do nome e da partícula árabe sugeridos para a análise e que constituiriam as entradas principais de um dicionário terminológico. Ao lado das entradas está a transliteração de cada termo.

	Transliteração	Termos ligados ao nome
1	alism	الاسْم
2	almudakkar	المُذَكَّر
3	almu'annaṭ	المُؤَنَّث
4	almufrad	المُفْرَد
5	almuṭannā	المُتَنَّى
6	aljam ^c	الْجَمْع
7	annakira	النَّكِيرَة
8	attanuyyin	التَّنْوِين
9	alma ^c rifa	المَعْرِفَة
10	al atta ^c rīf	ال تَعْرِيف
11	al'i ^c rāb	الإِعْرَاب
12	almunṣarif	الْمُنْصَرِف

	Transliteração	Termos ligados ao nome
13	almamnū ^c mina aṣṣarf	الْمَنْوَع مِنَ الصَّرْف
14	arraḥ ^c	الرَّح
15	annaṣb	النَّصَب
16	aljarr	الْجَرّ
17	albinā'	الْبِنَاء
18	attaṣḡīr	التَّصْغِير
19	aljāmid	الْجَامِد
20	almaṣḍar	الْمَصْدَر
21	almuṣṭaq	الْمُشْتَقّ
22	ism alfā'il	إِسْم الْفَاعِل
23	aṣṣifat almuṣabbahat bism alfā'il	الصِّفَةُ الْمُشَبَّهَةٌ بِإِسْم الْفَاعِل
24	ism almaf'ūl	إِسْم الْمَفْعُول
25	ism attafḍīl	إِسْم التَّفْضِيل
26	asmā' almakān wazzamān	أَسْمَاءُ الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ
27	ism alāla	إِسْم الْأَلَّة
28	ism almarra	إِسْم الْمَرَّة

	Transliteração	Termos ligados ao nome
30	ism aljins	إِسْمُ الْجِنْسِ
31	ism al°alm	إِسْمُ الْعَلَمِ
32	asmā' alḥamsa	الْأَسْمَاءُ الْخَمْسَةُ
33	asmā' al'afḥāl	أَسْمَاءُ الْأَفْعَالِ
34	alism aṣṣaḥīḥ	الْإِسْمُ الصَّحِيحُ
35	alism almaqṣūr	الْإِسْمُ الْمَقْصُورُ
36	alism almanqūṣ	الْإِسْمُ الْمَنْقُوصُ
37	alism almandūd	الْإِسْمُ الْمَمْدُودُ
38	aḍḍamīr	الضَّمِيرُ
39	ism al'ishāra	إِسْمُ الْإِشَارَةِ
40	ism almawṣūl	الْإِسْمُ الْمَوْصُولُ
41	'asmā' aṣṣarṭ	أَسْمَاءُ الشَّرْطِ
42	ism alistfihām	إِسْمُ الْإِسْتِفْهَامِ
43	aṣṣifa	الصِّفَةُ
44	annisba	النَّسَبَةُ
45	al°adad	الْعَدَدُ
46	al'iqāfa	الْإِضَافَةُ
47	alfā'il	الْفَاعِلُ
48	almaf°ul bihi	الْمَفْعُولُ بِهِ
49	almaf°ul almuṭlaq	الْمَفْعُولُ الْمُطْلَقُ

	Transliteração	Termos ligados ao nome
50	alma ^ʿ ūl ma ^ʿ ahu	المَفْعُول مَعَهُ
51	alma ^ʿ ūl fīhi	المَفْعُول فِيهِ
52	alma ^ʿ ūl li'a'jlihi	المَفْعُول لِأَجْلِهِ
53	almubtadā'	المُبْتَدَأُ
54	alḥabr	الخَبَرُ
55	attawābi ^c	التَّوَابِعُ
56	alḥāl	الحَالُ
57	attamiyyz	التَّمْيِيزُ
58	al ^c aṭaf	العَطْفُ
59	attawkīd	التَّوَكِيدُ
60	albadal	البَدَلُ
61	ad ^{dd} arf	الظَّرْفُ
62	annidā'	النِّدَاءُ
63	alih ^{ti} ṣāṣ	الإِخْتِصَاصُ
64	alqasm	القَسْمُ
65	attaḥ ^{ad} īr	التَّحْذِيرُ
66	al'ig ^{rā} '	الإِغْرَاءُ
67	al'isti ^{tnā} '	الإِسْتِثْنَاءُ
68	atta [°] ajjub	التَّعْجُّبُ

Tabela 12 - Lista dos termos da categoria do nome.

	Transliteração	Termos árabes ligados à partícula
1	alḥarf	الحرف
2	al'ahṛūf almušabba ha bilfi'el	الأحرف المشبهة بالفعل
3	ḥarf aljarr	حرف الجر
4	al'adawāt	الأدوات

Tabela 13 - Lista dos termos da categoria da partícula.

Após o estudo dos 12 termos selecionados relativos às categorias do nome e da partícula, revisamos a proposta do mestrado, que versou sobre a categoria do verbo, e delimitamos um termo exemplo para cada hipótese levantada, ajustando a análise já feita aos novos objetivos desta tese, ao mesmo tempo em que revisamos criticamente as análises e propostas de equivalência em português dos termos verbais delimitados. A seguir, apresentamos o glossário elaborado a partir da pesquisa da terminologia morfossintática do verbo árabe e exibido ao final da dissertação.

	Proposta de Harmonização	Transliteração	Termos ligados ao verbo
1	Verbos com و ou ي como 2ª radical	'ajwaf	أجوف
2	Verbos de elogio e depreciação	'af'āl a ḥlmad waddam	أفعال المدح والذم
3	Verbos de iminência, de possibilidade e de incoatividade	'af'āl almuqāraba warrajā' waššurū'	أفعال المقاربة والرجاء والشروع
4	Verbo kāna e seus semelhantes	'af'āl nāqiṣa	أفعال ناقصة
5	Triconsonântico simples	Sālim	سالم
6	Puramente consonântico	ṣaḥīḥ	صحيح

7	Verbo	fiʿl	فِعْل
8	Imperativo	fiʿl alʾamr	فِعْلُ الْأَمْرِ
9	Intransitivo	lāzim	لَازِم
10	Verbo com duas semiconsoantes intercaladas	lafif mafrūq	لَفِيفٌ مَفْرُوقٌ
11	Verbo com duas semiconsoantes consecutives	lafif maqrūn	لَفِيفٌ مَقْرُونٌ
12	Pretérito Perfeito	māḍin	مَاضٍ
13	Voz passiva	almabnī lilmajhūl	الْمَبْنِي لِلْمَجْهُولِ
14	Voz ativa	almabnī lilmaʿlūm	الْمَبْنِي لِلْمَعْلُومِ
15	Transitivo	mutaʿaddin	مُتَعَدٍّ
16	Verbos com و ou ي como 1ª radical	miṭāl	مِثَال
17	Primitivo	mujarrad	مُجَرَّد
18	Derivado	mazīd	مَزِيد
19	Futuro	mustaqbal	مُسْتَقْبَل
20	Apocopado	muḍāriʿ majzūm	مُضَارِعٌ مَجْزُومٌ
21	Presente do indicativo	muḍāriʿ marfūʿ	مُضَارِعٌ مَرْفُوعٌ
22	Subjuntivo	muḍāriʿ manṣūb	مُضَارِعٌ مَنْصُوبٌ
23	Duplicado	muḍaʿʿaf	مُضَاعَفٌ
24	Consonântico-semiconsonântico	muʿtal	مُعْتَل
25	Hamzado	mahmūz	مَهْمُوز
26	Verbos com و ou ي como 3ª radical	nāqiṣ	نَاقِص

Tabela 14 - termos verbais analisados no mestrado.

No próximo capítulo, serão apresentados os termos analisados a partir da lista acima. Pelos motivos já mencionados anteriormente, houve a necessidade de selecioná-los, assim, os termos a serem apresentados a seguir servirão de exemplos para confirmar as possibilidades imbuídas nesta pesquisa, a saber:

- a) Equivalência direta: quando os semas das definições terminológicas dos termos gramaticais árabe e português forem concordantes;
- b) Equivalência aproximada: quando nem todos os semas forem concordantes, nesse caso, investigamos a descrição de uso de mais de um termo gramatical português na tentativa de encontrar o equivalente mais adequado para o termo árabe;
- c) Não-equivalência: quando não for verificado equivalente português para o termo gramatical árabe. Então, propomos um neologismo terminológico ou paráfrase.

CAPÍTULO 3

DA ANÁLISE

Preâmbulo

Relembramos que a tripartição do discurso árabe está presente desde a primeira descrição sistematizada da língua, em *Kitāb Sībawayhi* do século VIII, contudo, conforme nos alerta Owens (1988, p. 125), o gramático simplesmente assumiu tal divisão, sem defini-las. Essa tarefa ficou a cargo de gramáticos posteriores, como, por exemplo, Almubarrad, que se dedicaram a identificar as propriedades específicas de cada categoria a fim de justificar a já posta classificação das palavras em nome, verbo e partícula, e a legitimar o sistema pré-existente, como também registram Bohas et al. (2006); por isso, foram formulados argumentos de todos os níveis de análise (fonológico, morfológico, sintático e semântico) de acordo com os critérios científicos dos períodos em que tais dados foram tratados.

Bohas et al. afirmam ainda que nunca houve desacordo entre os primeiros gramáticos árabes sobre esses princípios gerais, se comparado à instabilidade existente na tradição ocidental quanto ao mesmo tema, porque, tal teoria poderia ser explicada pela generalidade e simplicidade do sistema. Além disso, havia um conjunto de procedimentos³¹ que garantia a adequação daqueles princípios à multiplicidade e variedade dos dados linguísticos. Os autores salientam também que, devido a tais procedimentos, a tradição árabe escapou do dilema recorrente na linguística ocidental clássica e posterior: “ou reduzir o número e categorias, a fim de alcançar a generalidade do sistema, ou, inversamente, multiplicá-las para que correspondessem mais estritamente aos dados empíricos”³² (p. 51).

³¹ Bohas et al. chamaram esses procedimentos de “integrative logic of qiyās” (2006, p. 51).

³² “(...) either to reduce the number of categories in order to enhance the generality of the system; or inversely, to multiply them so as to match more closely the empirical data.” Tradução nossa.

A era máxima de criatividade da teoria gramatical árabe encerrou-se no século X, conforme mencionamos no capítulo 1 desta tese, logo, o trabalho dos gramáticos medievais consistiu na compilação dos originais, dos comentários, do confronto de informações, o que acabou culminando na base da gramática árabe contemporânea, de acordo com Alonso (2005) e Owens (1988).

Retomando a divisão das partes do discurso e os critérios de análise, Owens considera que a base dessa classificação se apoia em considerações detalhadas de propriedades gramaticais muito diferentes. Ele discute as três classes de palavras e explicita, dentro de cada nível de análise, quais seriam as características gramaticais específicas das três classes, traçando, portanto, um perfil fonológico, morfológico, sintático e semântico do nome, verbo e da partícula árabes.

Bohas et al. (2006) tecem, também, comentários relevantes sobre as três categorias, suas características próprias e aquelas que seriam compartilhadas entre as demais, isto é, as que ultrapassariam o núcleo base de uma classe e tangenciariam traços das outras duas. Descrevemos a seguir as considerações de Owens (1988) e Bohas et al. (2006) relativas a cada parte do discurso árabe, a começar pela perspectiva do nome, o qual abriga seis subclasses principais, de acordo com os gramáticos consultados: substantivo, adjetivo, pronome pessoal, pronome demonstrativo, pronome relativo e numeral.

A. Do nome:

De acordo com Owens, foi descrito na tradição gramatical que, **fonologicamente**, todo nome terminaria em vogal que marca a flexão³³ de caso e determinação, no entanto, há nomes que terminam com o diacrítico chamado sukūn — aquele que marca a ausência de som vocálico, como ocorre no pronome مَنْ man, que em português quer dizer “quem”. Pelos motivos citados anteriormente, o autor afirma ser esse um critério fraco e facilmente contestado.

Quanto à **morfologia**, os nomes:

1. ocorrem com o artigo definido *al*: البنتُ albint^u > a menina;

³³ Trata-se de vogais breves finais, que podem ser simples (u, a, i) ou duplas (un, an, in) que marcam a flexão de caso e determinação/ indeterminação.

2. aceitam as marcas de indeterminação e caso ^{un} (nominativo), ^{an} (acusativo), ⁱⁿ (genitivo): بنتٌ bint^{un} > uma menina;
3. flexionam-se no dual, diminutivo e plural: بنتان bintāni > duas meninas (nominativo), بُنَيْتٌ bunait^{un} > uma menininha e بَنَاتٌ banāt^{un} > umas meninas;
4. formam adjetivo com o sufixo **ī**: مِصْرِيٌّ miṣrī^{un} > um egípcio.

Em relação à **sintaxe**, os nomes caracterizam-se por:

1. ocorrerem após partículas genitivas, como preposições: فِي الْبَيْتِ fī albaytⁱ > em casa;
2. ocorrerem com adjetivos: الْبَيْتُ الْكَبِيرُ albayt^u alkaḅīr^u > a casa grande;
3. poderem ser sujeito ou predicativo: أَنْتَ رَجُلٌ anta rajul^{un} > Você é um homem;
4. poderem ocorrer nas posições de sujeito e de objeto: أَكَلَ الْوَلَدُ التَّفَاحَةَ 'akala alwalad^u attufāḥat^a. > O menino comeu a maçã.
5. ocorrerem como vocativo: يَا فَاطِمَةَ yā Fāṭima > ó Fátima.
6. poderem ser referenciados por um pronome: الْكِتَابُ كَتَبَهُ الْكَاتِبُ alkitāb^u katabahu alkātib^u > “O livro que o escritor o escreveu”;
7. poderem fazer parte da estrutura de **īḍāfa**: بَيْتُ الرَّجُلِ bayt^u arrajulⁱ > a casa do homem.

Semanticamente, os nomes referem-se a pessoas, coisas ou animais; não indicam tempo; e possuem um referente fixo (concreto ou não) no momento do uso.

Owens explica que os gramáticos árabes precisavam buscar parâmetros formais e semânticos únicos a fim de definir as partes do discurso, isto é, que definissem uma só classe. Contudo, nem sempre essa era uma tarefa fácil e possível, uma vez que, caso conseguissem definir singularmente a classe “nome”, “verbo” e “partícula”, a mesma definição nem sempre abrangeria as subclasses, e os primeiros gramáticos estavam conscientes disso. Poucos critérios tiveram sucesso ao definir cada classe de forma particular. Nesse sentido, para o autor, o melhor critério para definir “um nome em árabe é aquele que é agente ou objeto, ou o que ocorre como agente ou objeto. A nenhum nome

falta essa característica, e nada que não é nome possui essa característica”³⁴ (1988, p. 128).

Diferentemente da abordagem apresentada por Owens, Bohas et al. (2006) acreditam na circularidade do sistema linguístico árabe. Para eles, cada classe possui um núcleo básico de propriedades típicas. As subclasses³⁵ podem comportar-se de acordo com seu núcleo, ou desviar de seu comportamento padrão para uma ou outra classe. Essas seriam as características tidas, pelos autores, como ‘marginais’ e consistiriam no comportamento não padrão de uma ou mais subclasses. A essas eles chamam de “subclassas desviantes” e a classe dos nomes é a que apresenta o maior número de desvios do núcleo base, tendendo ao verbo ou à partícula.

O núcleo básico do nome é o substantivo e abarca a descrição morfológica, sintática e semântica retirada de Owens (1988), o qual já havia citado que os parâmetros traçados pelos gramáticos árabes não funcionam para todas as subclasses. Bohas et al. justificam esse fato, propondo que há subclasses do nome que compartilham propriedades das partículas, como, por exemplo, os diferentes tipos de pronomes, uma vez que não aceitam marcadores de casos e de determinação, porque já são determinados por natureza. Semanticamente, os pronomes não possuem significação em si mesmo, mas significam fora de si, em outro elemento da sentença, assim como as partículas. Há outras subclasses nominais que compartilham propriedades com os verbos, como é o caso do *maşdar* (nome da noção verbal desvinculada do traço temporal), particípio ativo e passivo, por exemplo, visto que possuem a capacidade de reger um nominativo e um acusativo.

³⁴ “A noun in Arabic is what is agent or object or what occur in the context of agent or object...No noun lacks this characteristic, and nothing that is not a noun has this characteristic.” Tradução nossa.

³⁵ As “subclassas” do nome seriam: substantivo, adjetivo, pronome pessoal, pronome demonstrativo, pronome relativo e numeral.

B. Do verbo:

Owens (1988) não menciona nenhum critério fonológico que ajudaria na definição da categoria dos verbos, entrando diretamente na morfologia, segundo o qual a particularidade morfológica consiste em:

1. ocorrer com sufixos pronominais, marcadores de dual, plural e feminino:
 ذَهَبَا *dahabā* > eles dois foram; ذَهَبُوا *dahabū* > eles foram; ذَهَبَتْ *dahabat* > ela foi;
2. ser conjugável, ou melhor, os verbos se conjugam a partir de uma mesma raiz, possuindo um conjunto de formas morfológicas relacionadas: ذَهَبَ *dahaba* > ele foi; يَذْهَبُ *yadahab^u* > ele vai; ذَاهِبٌ *dāhib* > aquele que vai;

Quanto à sintaxe, a característica mais importante citada por Owens (1988, p. 127) é o fato de que os verbos ocorrem como predicado, além de poderem ocorrer com:

1. a partícula قَدْ *qad*, que antecede os verbos no perfectivo, imprimindo-lhe a aceção de certeza da ação expressa: قَدْ ذَهَبَ *qad dahaba* > Ele certamente foi;
2. o prefixo indicativo سَـ *sa-* ou a partícula سَوْفَ *sawfa*. Ambos indicam o futuro e antecedem verbos no imperfectivo, contudo, o primeiro parece indicar um futuro imediato e o segundo o que levará mais tempo para acontecer, embora possam ser traduzidos da mesma forma para o português: سَيَذْهَبُ *sayadahab^u* / سَوْفَ يَذْهَبُ *sawfa yadahab^u* > Ele irá;
3. as partículas لَمْ *lam* (indica negativa no passado) e إِنَّ *'in* (indica condicional) que antecedem o verbo imperfectivo: لَمْ يَذْهَبْ *lam yadahab* > Ele não foi. / إِنَّ تَذْهَبُ أَذْهَبُ *'in tadhab 'adahab^u* > Se você for, eu vou;
4. os “nomes de tempo”³⁶, posicionados após o verbo: يَذْهَبُ غَدًا *yadahab^u gad^{an}* > Amanhã, ele irá. / ذَهَبَ أَمْسٍ *dahaba 'amsi* > Ontem, ele foi.

³⁶ São chamados em árabe de اسم الزمان *ism azzamān*, e equivalem aos nossos advérbios de tempo.

Quanto ao critério semântico, Owens diz que verbos são definidos por referirem-se a uma ação e a um tempo (passado ou futuro). Acreditamos que, quanto à noção temporal, o autor esteja fazendo referência ao aspecto perfectivo, ou seja, à ação acabada (noção de tempo pretérito), e ao imperfectivo, ou inacabado, isto é, àquela que está em curso agora ou que ainda ocorrerá (a noção de tempo presente e futuro). Há outros verbos chamados de *waṣafa* (“descrição”) que, segundo o autor, são definidos por modificarem outros itens do enunciado, sem poderem ser, eles mesmos, modificados. Cremos que essa seja uma indicação a verbos, como, por exemplo, مَاتَ *māta* “morrer”, verbo pontual, e كَانَ *kāna* “ser/estar”, verbo de estado, que, ao invés de expressarem uma ação ocorrida num tempo determinado, indicam um estado momentâneo ou permanente.

Considerando a proposta de circularidade do sistema linguístico de Bohas et al. (2006) e a categoria dos verbos, os autores lembram que são encontrados elementos verbo-nominais como o *maṣdar*, particípio ativo e passivo, já mencionados anteriormente. Em seguida, relembra a semelhança existente entre os verbos no imperfectivo e a variação das vogais finais, que marcam a variação dos modos verbais, e o sistema de marcação dos casos nos nomes, como aproximação das categorias de verbo e nome.

Há subclasses de verbos que se assemelham às partículas e para esse caso, os autores citam dois exemplos: a) os verbos *bi’sa* (que ruim és!) e *ni’ma* (que bom és!) que, embora sejam verbos, são invariáveis; b) os verbos *kāna* e seus semelhantes, porque eles significam apenas o tempo, enquanto a característica básica dos verbos é significar o tempo e o processo, simultaneamente.

C. Da partícula:

Em relação à categoria da partícula, Owens define-a apenas de acordo com o critério semântico, empregando a definição presente em tratados gramaticais tradicionais. Segundo o autor, as partículas são definidas como “palavras que possuem um significado virtual por se referirem à outra coisa”³⁷ (1988, p. 128), ou seja, elas assumem significado

³⁷ “(...) particles are defined as words which have a meaning by virtue of referring to something else.”
Tradução nossa.

ao se referirem a outro elemento presente na sentença, o mesmo que a tradição árabe prevê ao dizer que “não significam em si mesmo”. Owens justifica a atitude de não considerar os critérios morfológicos, nem sintáticos que poderiam definir essa classe, porque ela é muito heterogênea, e não há uma característica única quanto a sua morfologia ou sintaxe.

Bohas et al. (2006, p. 53) chamam essa classe de “residual”, porque, normalmente é definida como o que não é nem nome nem verbo; e apontam apenas um desvio para a classe verbal e que consiste nas partículas *'inna* e seus semelhantes que regem tanto o sujeito como o predicativo de frases nominais, assim como os verbos *k×na* e seus semelhantes. Aqui mais uma vez, segundo eles, comprova-se a circularidade do sistema linguístico.

Jespersen (1992, p. 60), ao discutir os critérios de classificação das palavras e a definição dessas classes, recomenda que a forma, a função e o significado sejam levados em consideração, mas alerta para o fato de que a forma pode nos levar a reconhecer classes de palavras em uma língua que não são classes distintas em outra e que, quanto ao significado, não podemos basear classificações em definições curtas e facilmente aplicáveis. Procuramos ter em mente esses três níveis (forma, função e significado) ao analisar os termos árabes escolhidos, bem como no momento de redigirmos as definições terminológicas exemplos e que poderão compor a proposta de dicionário de termos gramaticais árabe.

O *corpus* árabe desta pesquisa é composto por 8 gramáticas escritas para estrangeiros e 4 gramáticas voltadas para nativos, como já fora mencionado. A descrição que cada uma delas apresenta para a divisão das partes do discurso são heterogêneas. Começando pelas gramáticas árabe-árabe, Alḥatīb e Jaṭal (1993) vão na contramão de seu grupo e não mencionam a tripartição do discurso, descrevendo alguns itens gramaticais quanto à sintaxe, principalmente, e à morfologia, em segundo plano. Não há, também, uma exposição geral sobre as classes e suas subclassificações.

Alḥawṣ (1987), Almaʿrī (2002) e ʿAlī (2006) seguem a tradição gramatical árabe e iniciam suas obras com a divisão das partes do discurso e apresentam a definição geral de cada uma delas. Observe no quadro abaixo como cada gramático definiu a classe do nome:

Gramáticos	Concepções para a classe do nome ³⁸
Alḥawṣ	ما دلّ على معنى في نفسه غير مقترن بزمان. O que indica significado em si mesmo, não associado ao tempo.
Alma ^c rī	هو الكلمة التي تدلّ على شيء نراه أو لا نراه، أو على اسم شخص، أو عمل، أو حيوان.. É a palavra que indica algo que podemos ver ou não, ou nome de pessoa, ou nome de ação, ou animal...
^c Alī	الكلمة تدلّ على إنسان أو حيوان أو شيء. A palavra que indica uma pessoa, um animal ou uma coisa.

Tabela 15 – Concepções para a classe do nome pelos árabes.

A definição que mais se aproxima do proposto pela tradição grega³⁹ e absorvida pelos primeiros gramáticos árabes é a de Alḥawṣ. Esse é um enunciado clássico porque, na primeira afirmação, diferencia-se o nome da partícula, pois, as partículas precisam estar inseridas num contexto para gerarem significado, e essa definição desconsidera a questão dos pronomes, já mencionada, os quais descontextualizados não significam em si mesmos. Na segunda parte, o fato de não estar associado ao tempo, distingue-o do verbo. Essa é uma definição basicamente de cunho semântico, por isso não dá conta de todas as subclasses do nome.

Alma^crī e ^cAlī definem essa classe de forma muito parecida: o nome refere-se a pessoas, animais, coisas concretas (aquilo que se vê) e abstratas (aquilo que não se vê),

³⁸ Nós traduzimos os enunciados árabes para o português, em todas as tabelas abaixo.

³⁹ Citamos, no capítulo 1, a definição de Aristóteles, de acordo com Neves (2005, p.144) para as três partes do discurso, na qual o nome seria a palavra que tem significação convencional, sem a referência de tempo; o verbo seria o que acrescenta à sua significação o valor temporal; e a conjunção seria aquela palavra destituída de significado próprio.

conforme acrescenta Alma[°]rī. Esse enunciado generalizante, de base semântica também, engloba as subclasses do nome, embora não disponibilize muitas informações ao leitor.

Vejamos a seguir como os três autores definem o verbo:

Gramáticos	Concepções para a classe do verbo
Alḥawṣ	ما دلّ على معنى حدوث عمل في نفسه مقترن بزمان. O que indica o significado do acontecimento de uma ação em si mesmo, associado ao tempo.
Alma [°] rī	هو الكلمة التي تدلّ على حصول عمل في زمنٍ معين. É a palavra que indica o acontecimento de uma ação em um tempo específico.
°Alī	الفعل هو عمل في الزمن الماضي أو الحاضر أو المستقبل. O verbo é uma ação no tempo passado, ou presente, ou futuro.

Tabela 16 – Concepções para a classe do verbo pelos árabes.

Quanto aos verbos, observamos que, basicamente, os três autores consideram os semas + ação e + tempo. Isto quer dizer que Alḥawṣ (1987), Alma[°]rī (2002) e °Alī (2006) seguem, em suas definições terminológicas, o que foi proposto pelos gramáticos tradicionais ao associar um acontecimento, uma ação a um tempo específico (passado, presente, futuro). Contudo, observamos também que há subclasses de verbos que não significam uma ação, marcam apenas o valor temporal, como, por exemplo, o verbo kāna e seus semelhantes.

Vejamos a definição da classe residual, assim referida por Bohas et al. (2006), ou seja, a partícula:

Gramáticos	Concepções para a classe da partícula
Alḥawṣ	ما دلّ على معنى إذا اتّصل بغيره من الكلام، أما إذا لم يتّصل وألفظ مفرداً فلا معنى له. O que indica significado caso esteja ligada a outra palavra no discurso, porém, se não estiver ligada e for pronunciada sozinha, então, não haverá significado nela.
Alma [°] rī	الحرف هو الكلمة التي لا تدلّ على معنى وحدها.

A partícula é a palavra que não indica significado sozinha.

°Alī الحرف هو الكلمة التي لا تدلّ على معنى وحدها.

A partícula é a palavra que não indica significado sozinha.

Tabela 17 – Concepções para a classe da partícula pelos árabes.

Em relação às partículas, verificamos definições idênticas em Alma°rī (2002) e °Alī (2006), os quais sinalizam que uma partícula é destituída de significado próprio, assim como descreveram os gregos quanto às conjunções. Alḥawṣ (1987), entretanto, é mais analítico ao considerar que se uma partícula vier contextualizada, ligada a outro elemento da sentença, então, ela possui a capacidade de significar, caso contrário, será destituída de significado, como registram seus colegas. Na verdade, os três gramáticos consultados comunicam a mesma mensagem, uma vez que, para que uma partícula signifique, ela precisa estar contextualizada e referindo-se a outro elemento presente no enunciado, porque isolada, possui um sentido vago e impreciso.

Após definirem as classes, cada autor segue seu percurso próprio de descrição, no entanto, em nenhum deles encontramos uma estruturação sistemática das subclasses e suas propriedades morfossintáticas, que são tratadas independentemente. Os autores apresentam e descrevem as características morfológicas e sintáticas de cada subclasse sem uma ligação clara com o eixo central, isto é, o nome, o verbo e a partícula. Talvez, esse comportamento possa ser justificado, considerando-se o conhecimento tácito da língua existente entre os nativos, porém, um estrangeiro, ao manusear tais livros, perde a perspectiva macro dos fatos linguísticos que uma gramática poderia dar.

Passamos, agora, para a visão ocidental, ou seja, como cada arabista delineou sua apresentação e definiu as categorias nome, verbo e partícula:

Gramáticos	Concepções para a classe do nome ⁴⁰
Abrantes (1774, p. 34)	Ao nome Arabigo em commum convém o mesmo que o Latino, a saber: genero, numero e caso. ⁴¹ O Nome Arabigo ou he [...] substantivo ou adjectivo.
Wright (p. 105 ,1859)	O nome é de seis tipos: substantivo, adjectivo, numeral, pronome demonstrativo, pronome relativo e pronome pessoal.
Périer (1911, p. 14)	O nome compreende o substantivo, o adjectivo, o participio e o pronome.
Haywood e Nahmad (1965, p. 22)	Não há artigo indefinido em árabe, mas a presença de <i>nunação</i> ⁴² no final de um nome indica indeterminação.
Corriente (1992, p. 55)	O nome é, semanticamente, uma classe de palavras que significa seres ou propriedades, podendo subdividir-se em substantivo, adjectivo, numeral, pronome pessoal, pronome demonstrativo e pronome relativo. Sintaticamente, só o nome pode ser sujeito de uma oração, ou seja, tema de um comentário. Morfologicamente, a flexão nominal que lhe é característica, permite ao nome expressar as categorias lógico-gramaticais (ou accidentes) de determinação, caso, gênero e número.
Ryding (p.74 ,2005)	Dois critérios morfológicos tradicionalmente definem os nomes árabes: eles podem receber o artigo definido e/ou <i>nunação</i> .
Cowan (2007, p. 19)	O artigo definido para todos os casos, gêneros e números é o ال al, que se escreve junto ao nome, acompanhando-o como prefixo. O substantivo ou adjectivo definido perde a <i>nunação</i> .

⁴⁰ Os enunciados transcritos aqui foram por nós traduzidos. Os originais encontram-se nas páginas indicadas.

⁴¹ Mantemos a escrita original do português de Abrantes.

⁴² Este termo normalmente designa os marcadores de indeterminação e de casos, mas discutiremos sobre sua adequação no momento propício. Por hora, ele foi mencionado aqui, porque é esse o termo que a Ryding utiliza, mas em inglês.

Alhawrī (2011, p. 20)	No nível da palavra, uma palavra (nome ou adjetivo) é, por padrão, indefinida se, em pausa (sem <i>nunação</i> anexada), ou em forma completa (com <i>nunação</i> anexada).
--------------------------	---

Tabela 18 – Concepções para a classe do nome pelos arabistas.

De uma forma geral, observamos que não há regularidade nas definições e nos critérios adotados pelos gramáticos para designar a classe do nome árabe. Com exceção de Wright e Périer, que definiram a classe pelas suas subclasses, numa relação de hiperonímia, os demais gramáticos estudados mencionam os traços morfológicos de determinação/ indeterminação, gênero, número e caso.

O texto definitório mais completo é o proposto por Corriente, no qual são consideradas as três perspectivas sugeridas por Jespersen (1992): significado, função e forma, ou seja, as características nominais semânticas, sintáticas e morfológicas; além disso, o autor enumera as subclasses possíveis abrigadas pela legenda “nome”. Semanticamente, a definição é boa, pois o fato de o nome referir-se aos seres, inclui os traços +/- humano, +/- animado, +/- concreto; e às propriedades, inclui qualidades, atributos, posse. Percebemos, entretanto, que o caráter generalizante do enunciado não leva em consideração nuances como o fato de os pronomes pessoais, por exemplo, não aceitarem as marcas de determinação/indeterminação.

Em relação ao verbo, temos:

Gramáticos	Concepções para a classe do verbo
Abrantes (p. 119 ,1774)	Á primeira voz, ou thema do verbo, chamão os Arabes Raiz; e ás letras, de que ella consta, chamão Radicais: aquellas letras porém, que servem para a formação da Conjugação, do tempo da Pessoa, do Numero, e do Genero, que são sete, (...), chamão de Servís, ou Accidentaes.
Wright (p. 27 ,1859)	A grande maioria dos verbos árabes são trilíteros, ou seja, contêm três letras radicais, embora quadrilíteros não sejam raros.

Périer (p. 14 ,1911)	Os gramáticos árabes dividem as palavras em três classes: o verbo, o nome e a partícula.
Haywood e Nahmad (p. 94 ,1965)	Os verbos árabes são, na sua maioria, triláteros, isto é, baseados em raízes de três consoantes.
Corriente (p. 147 ,1992)	O verbo é, semanticamente, uma classe de palavras que significam ação, ou estado, ou qualidade, que são, sintaticamente, predicados de um sujeito, e, com ele, forma a oração verbal, dentro de umas coordenadas aspecto-temporais, que a distinguem radicalmente da oração nominal, de predicação atemporal. Morfologicamente, a flexão verbal permite ao verbo refletir os acidentes ou categorias de: a) pessoa (as mesmas do pronome pessoal), b) gênero (masculino e feminino, neutralizados em toda primeira pessoa e nas segundas de dual), c) número (singular, plural e dual (..)), d) aspecto e tempo, e) modo (indicativo, subjuntivo, apocopado e imperativo), f) voz (ativa e passiva).
Ryding (p.429 ,2005)	Os verbos árabes dividem-se em dois grandes grupos, aqueles com três consoantes radicais (triláteros) e aqueles com quatro consoantes radicais (quadriláteros).
Cowan (p. 63 ,2007)	(...) a raiz de uma ideia é quase sempre um verbo simples. Por não existir a forma verbal equivalente ao infinitivo, encontram-se, no dicionário, uma ideia da raiz e todos seus derivados arrolados logo abaixo da primeira forma verbal expressa pela terceira pessoa do masculino singular do verbo simples.
Alhawrī (2011, p. 174)	(...) o verbo, chamado em árabe de الفعل, ‘a ação’, seja na voz ativa, na voz passiva, no imperativo, ou no imperativo negativo, assim como nos padrões verbais.

Tabela 19 – Concepções para a classe do verbo pelos arabistas.

Observamos que os enunciados acima variam bastante de autor para autor, em função do objetivo de cada obra. Abrantes (1774, p. 34) apresenta a tripartição tradicional do discurso, comparando-a com a língua hebraica. Nessa apresentação, o autor

disponibiliza, também, as subclasses do nome e da partícula, porém, quanto ao verbo, não há maiores informações. No capítulo I da terceira parte de sua gramática, Abrantes (p. 119) disserta sobre o verbo em geral, a começar por sua morfologia. A definição apresentada para essa categoria é, basicamente, morfológica, pois o autor descreve todas as minúcias do verbo, segundo esse critério. Wright (1859) inicia a segunda parte de sua gramática, cujo título é “etimologia das partes do discurso”, com uma definição morfológica do verbo, sem apontar, contudo, a semântica da categoria, como os primeiros gramáticos fizeram.

Pérrier (1911) não define a categoria do verbo, nem quanto ao seu significado, forma ou função, no entanto, afirma que começara sua apresentação por ele, porque o verbo é o ponto de partida de todo o sistema gramatical árabe. Interessante que, após apresentar as três categorias clássicas do árabe e suas subclasses, o gramático francês afirma que, assim como o seu idioma, o árabe possui 10 partes do discurso (substantivo, adjetivo, pronome, particípio, artigo, conjunção, preposição, advérbio, interjeição e verbo). Isto nos mostra que o autor assumiu a existência de equivalentes gramaticais entre ambas as línguas.

Haywood e Nahmad (1965) e Ryding (2005) definem a categoria dos verbos, empregando o critério morfológico. Eles abordam as sintaxe e semântica de subclasses do verbo, à medida que a descrição e análise do sistema linguístico avançam, porém, não encontramos uma explicação geral e prévia do termo-chave. O texto retirado de Cowan (2007) não se trata de uma definição em si, pois consiste numa explicação acerca de propriedades semânticas da raiz verbal. Alhawaṛī (2011) enumera aspectos importantes sobre a classe verbal, sem, contudo, esgotá-los.

Igualmente como foi observada na categoria do nome, a melhor definição encontrada foi a de Corriente (1992), na qual autor espanhol, mais uma vez, segue a sugestão de Jerpersen (1992) e aponta, em seu enunciado, características semânticas, morfológicas e sintáticas gerais da classe do verbo.

Cremos que a exposição concisa e carente de definição específica encontrada em alguns autores citados, poderia ser justificada, em partes, porque a classe verbal está também presente no sistema das línguas portuguesa (Abrantes), espanhola (Corriente), francesa (Pérrier) e inglesa (Wright, Haywood e Nahmad, Ryding Cowan), e, com elas, compartilha características importantes, como, por exemplo, o fato de o verbo, tanto no

português como no árabe, poder indicar ação, estado, por exemplo. Entretanto, acreditamos que semelhanças assim não devam ser deixadas tácitas, ao contrário, é preciso evidenciar ao leitor semelhanças e diferenças entre ambos os sistemas.

Quanto à partícula:

Gramáticos	Concepções para a classe da partícula
Abrantes (p. 261 ,1774)	A Particula, terceira parte da oração Arabiga, como fica dito, per si só propriamente não he significativa; mas requer sempre o auxilio do Verbo, ou do Nome, para significar perfeitamente alguma cousa, e he indeclinável: ella contém em si algumas Proposições, Conjunções, Interjeições, e também muitos Advérbios, e he junta, ou separada.
Wright (p. 224 ,1859)	Há quatro tipos de partículas, الحروف, preposições, advérbios, conjunções e interjeições.
Périer (p. 14 ,1911)	A partícula compreende o artigo, a conjunção, a preposição, o advérbio, e a interjeição.
Haywood e Nahmad (p. 412 ,1965)	Os gramáticos árabes chamam de “partícula” حُرُف plural حَرْف (que quer dizer letra). São usadas no lugar do que chamaríamos de <i>preposições, conjunções, interjeições</i> e, algumas vezes, <i>advérbios</i> .
Corriente (1992, p. 207)	A classe das preposições (ou funcionais com regência nominal) compreende, em árabe, três subclasses: a) preposições próprias, sem outra função (...); b) advérbios com terminação de acusativo (...); c) finalmente existem locuções prepositivas, a subclasse menos funcional e mais produtivamente aberta às novas formações (...).
Ryding (2005, p. 366)	De acordo com a teoria gramatical árabe, preposições não derivadas são os marcadores verdadeiros e fundamentais de localização e direção, também chamadas de حُرُف الجر <i>hurūf aljarr</i> , “partículas de atração”, porque elas atraem um substantivo (nome ou adjetivo) para o caso genitivo ou um pronome sufixo. Essas preposições formam um grupo limitado e invariável de itens lexicais.

Gramáticos	Concepções para a classe da partícula
Cowan (p. 45 ,2007)	Em árabe, as preposições regem o genitivo, por exemplo, (...).
Alhawrī (2011, p. 119)	Este capítulo discute as preposições árabes, que compreendem um pequeno grupo de partículas. Preposições são, na sua maioria, seguidas por nomes (...). Como a maioria dos pronomes, preposições têm terminações invariáveis que não mudam, exceto em certos contextos para uma melhor pronúncia. Nomes que seguem as preposições requerem a marcação do caso genitivo (...).

Tabela 20 – Concepções para a classe da partícula pelos arabistas.

Quanto à classe da partícula, não foi possível encontrar, em todos os gramáticos selecionados, uma definição específica para o termo principal “partícula”, como a representante da terceira parte do discurso árabe, pois por se tratar de uma classe “residual”, conforme chamou Bohas et al. (2006, p. 53), as subclasses foram inseridas nas descrições ocidentais fora da grande chave chamada “partícula”. Por esse motivo, o leitor encontra na tabela acima definições dadas para o termo “preposição”, como lemos em Corriente (1992), Ryding (2005), Cowan (2007) e Alhawarī (2011), numa tentativa de hiponímia, em que a parte definiria, mesmo que não completamente, o todo, a classe geral.

Há, contudo, autores que seguem o pressuposto pela tradição árabe e mantêm a tripartição básica, definindo cada parte do discurso, como é o caso de Abrantes (1774) que, semanticamente, define o termo conforme a gramática árabe, além de mencionar suas subclasses, e um pouco de sua morfologia também, em comparação à gramática portuguesa.

Périer (1911) e Haywood e Nahmad (1965) definem a classe por suas subclasses, numa relação de hiperonímia, sem, no entanto, dar mais informações. Observamos ainda que Périer lista o artigo como se fosse uma partícula, e não como marca gramatical de determinação do nome. Cremos que a inclusão do artigo na classe das partículas possa ter

sido motivada pela comparação entre o sistema árabe e francês e o que se entende por “partícula” neste idioma.

A partir da revisão da literatura feita acima, formulamos definições para as três classes de palavras principais árabes. Procuramos considerar os critérios morfológico, sintático e semântico, sugeridos por Jespersen (1992) na elaboração dos enunciados, na tentativa de definir cada categoria de forma mais completa possível.

Proposta de definição para as classes árabes⁴³

Nome الاسم	Semanticamente, trata-se de uma classe de palavras que significa seres ou propriedades, podendo subdividir-se em substantivo (subclasse prototípica), adjetivo, numeral, particípio, pronomes pessoal, demonstrativo, relativo, possessivo e interrogativo. Sintaticamente, o substantivo, pronome pessoal e particípio podem ser sujeito de uma oração. Morfologicamente, a flexão nominal que lhe é característica permite ao substantivo, adjetivo, particípio, numeral e certos pronomes expressarem as categorias de determinação, caso, gênero e número.
Verbo الفعل	Indica um acontecimento que transcorre em determinado momento numa progressão temporal. Morfologicamente, trata-se de uma forma variável que se flexiona em pessoa, número, tempo/ aspecto e modo. Quanto à sintaxe, de uma forma geral, ocupa a função de predicado de frases verbais.
Partícula الحرف	Trata-se da terceira parte do discurso árabe, juntamente com o nome e o verbo. São subclasses da partícula: artigo, preposição, conjunção, interjeição. Semanticamente, cada partícula possui um sentido próprio, que é atualizado quando da sua inclusão na sentença. O comportamento morfossintático da classe é bastante heterogêneo dentre as subclasses, não sendo possível traçar um padrão geral.

Tabela 21: Proposta de definição para as categorias

Após a descrição das principais características de cada uma das três partes do discurso árabe, passamos à análise dos termos selecionados para ilustrar e exemplificar

⁴³ Esses textos definitório foram utilizados, também, para a definição terminológica de seus respectivos verbetes.

os procedimentos metodológicos apresentados, de acordo com as possibilidades de equivalência direta, equivalência aproximada e não-equivalência entre os termos árabes e sua contraparte portuguesa. Como os termos verbais foram estudados no mestrado, preferimos apresentar os exemplos reformulados para fins de um dicionário terminológico após a categoria da partícula, alterando a tradicional ordem “nome, verbo, partícula”.

3.1 Do Nome

Apresentamos, então, 3 exemplos para cada uma das possibilidades levantadas nesta tese, totalizando 9 termos nominais teste, a saber:

Equivalência direta:	Proposta de harmonização:
المُوَنَّتْ almu’annat	Feminino
التَّصْغِيرِ attaṣḡīr	Diminutivo
إِسْمُ التَّفْضِيلِ ism attafḏīl	Comparativo e Superlativo
Equivalência aproximada	Proposta de harmonização:
الإِسْمِ alism	Nome
الإِغْرَابِ al’iṣrāb	Variação das desinências de caso (nos nomes declináveis) e de modo (nos verbos imperfectivos) após sua inserção no discurso
أَسْمَاءُ الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ 'asmā' almakān wazzamān	Substantivo de lugar ou de tempo
Não-equivalência	Proposta de harmonização:
الْجَمْعُ التَّكْسِيرِ aljam' attaksīr	Plural interno
التَّنْوِينِ attanwī	{-n} de indeterminação, <i>nunação</i> .
الرَّفْعِ arraf'	Nominativo

Tabela 22: Termos teste da classe do nome

- a) Equivalência direta: utilizaremos, para analisar os termos teste desta hipótese, o modelo de ficha terminológica 1, apresentada no capítulo 2.

I المَوْنَت almu'annaṭ

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt	Proposta de harmonização
المَوْنَت almu'annaṭ	Feminino	Feminino
<p>DT₁: “A maioria dos nomes [femininos] árabes são marcados pelo sufixo tā' marbūṭa. Algumas das categorias mais comuns para nomes femininos são: seres humanos femininos, criaturas femininas, conceitos abstratos, unidades individuais de uma classe (banana, árvore), nomes de cidades, a maioria dos países, partes do corpo que vêm em par (pernas, mãos, olhos). [...] Empréstimos linguísticos que terminem em ah ا e ى normalmente são tratados como femininos. [...] Alguns nomes são marcados como feminino por causa de outros sufixos além do tā' marbūṭa. Esses são alif e o hamza ā' ء ou alif ṭawīla ā' ou alif maqṣūra ى. Essas terminações são sufixadas após a raiz consonantal. [...] Criptofemininos: alguns nomes que embora não marcados pelo gênero feminino, são femininos.”</p> <p>DT₂: “[...] a) Palavras femininas pelo significado, seres humanos femininos ou animais. [...] b) Palavras femininas pela forma. A principal forma feminina é</p>	<p>DT: “Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo <i>a</i>: [...].</p> <p>Quanto à significação: 2. São femininos: a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas: [...] b) os nomes de animais do sexo feminino: [...] c) os nomes de cidades, ilhas, nos quais se subentendem as palavras <i>cidade</i> e <i>ilha</i>, que são femininas: [...]</p> <p>Quanto à terminação: 2. São geralmente femininos os nomes terminados em <i>-a</i> átonos: [...]3. Dos substantivos terminados em <i>-ão</i>, [...] os abstratos são femininos.</p> <p>Formação do feminino: Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino. Assim, [...] dos exemplos acima, verifica-se que a forma do feminino pode ser: a) completamente diversa da do masculino, ou seja, proveniente de radical distinto: [...] b) derivada do radical masculino, mediante a</p>	<p>TL: Feminino, feminil.</p>

<p>tā' marbūṭa, que é usada como terminação feminina. O tā' marbūṭa é acrescentado aos substantivos e adjetivos masculinos para torná-los femininos. Há outras poucas formas de palavras femininas, além do tā' marbūṭa, que serão explicadas posteriormente.</p> <p>c) palavras femininas por convenção: (i) nomes geográficos como cidades, vilas, países, etc; (ii) partes do corpo que ocorrem em pares são quase todas femininas; (iii) certos nomes são femininos sem razão aparente; [...] Nesta categoria, estão poucas palavras que podem ser ou femininas ou masculinas, mas, no árabe clássico, o feminino era preferido. [...]"</p>		substituição ou o acréscimo de desinências: [...]"			
<p>Fonte₁: Ryding, 2005, p. 121-124.</p> <p>Fonte₂: Haywood e Nahmad, 1965, p. 27-29.</p>		<p>Fonte: Cunha e Cintra, 2001, p. 188-195.</p>		<p>Fonte: Sabbagh, 2011, p. 700.</p>	
<p>Ex.: صورة، عروبة، أمّ، بنت، حريّة، سمكة، القدس، مصر، دمشق، حنان، أرض، يد، صحراء، نفس، ملكة، طريق.</p>		<p>Ex.: casa, mão, Maria, professora, gata, aluna, caneta, educação, mulher, cabra, vaca, ovelha, dama, madrinha, leitora, camponesa, aldeã, abadessa, nora.</p>			
<p>TR: Foto, arabismo, mãe, menina, liberdade, um peixe, Jerusalém, Egito, Damasco, Ḥanān, terra, mão, deserto, alma, rainha, caminho.</p>		<p>In₁₉₆₅</p>	<p>Feminine</p>	<p>Remissiva: الإسم، المذكر</p>	
<p>Pt₁₇₇₄</p>	<p>Feminino</p>	<p>In₂₀₀₅</p>	<p><i>Feminine</i></p>	<p>Voc₁₉₀₈</p>	<p><i>Féminin</i></p>

Pt ₂₀₀₇	Feminino	In ₂₀₁₁	<i>Feminine</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Feminine</i>
In ₁₈₅₉	<i>Feminine</i>	Es ₁₉₉₂	<i>Femenino</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Feminine</i>
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Féminin</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Feminine</i>

Ao analisar الْمُؤَنَّث *almu’annaṭ* podemos perceber, imediatamente, que todos os gramáticos pesquisados optaram pela designação “feminino” nas respectivas línguas maternas. Tal opção é endossada já na tradução literal do termo árabe, que se refere à característica de ser feminino, feminil.

De fato, há semelhanças profundas entre الْمُؤَنَّث *almu’annaṭ* árabe, e “feminino” português. O gênero feminino, de uma forma geral, consiste na forma marcada, formada a partir da inserção de sufixo feminino na base masculina. Assim, a partir de *alun-o* forma-se *alun-a*, e de طالب *ṭālib* forma-se طالبة *ṭāliba*⁴⁴. Outra semelhança que podemos citar é serem femininas, em ambas as línguas, palavras que se referem a cidades, pois a palavra *cidade* fica subentendida antes do topônimo, por exemplo, “a antiga Ouro Preto” e “a venerável Meca” مكة المكرمة *Mekka Almukarrama*.

Do ponto de vista semântico, é possível encontrar semelhanças entre as femininas as palavras árabes e portuguesas que indicam mulheres e funções por elas exercidas; animais do sexo feminino; substantivos abstratos e nomes de cidades. São femininas as palavras portuguesas que podem ser antecedidas pelo artigo definido *a*; em árabe, as palavras são femininas se puderem ser referenciadas pelo pronome demonstrativo feminino هذه *hadihi*.

Quanto à morfologia, os nomes femininos, tanto em árabe, como em português, podem ser derivados do radical masculino, como demonstrado acima, ou podem pertencer a um radical distinto, como em mãe/ pai e أمّ/أب *umm/’ab*, respectivamente. A desinência padrão para indicar feminino em palavras portuguesas é a desinência de feminino *-a*. Em árabe, há uma terminação padrão, isto é, تة *tā’ marbūṭa*, que é acrescido aos nomes (substantivos, adjetivos e participios) masculinos, tornando-os femininos. Além disso, há

⁴⁴ Significam “aluno” e “aluna”, respectivamente.

mais três terminações, a saber, ء alif e hamza **ā'**, ⁴⁵ ا alif **ṭawīla ā**, ي alif maqṣūra à , que, quando sufixadas após a terceira letra radical do nome, indicam o gênero feminino.

As diferenças encontradas dizem respeito às características próprias de cada idioma e seu sistema. Assim, considerando o exposto acima e a harmonização já existente nos gramáticos ocidentais pesquisados, confirmamos o equivalente “feminino” para o termo árabe المُوَنَّث almu'annaṭ. Vide a sugestão para o verbete deste termo a seguir:

Feminino	Relativo a ou próprio de mulher, fêmea. Opõe-se ao masculino. Compreende os nomes de seres humanos femininos, as funções por elas exercidas; animais do sexo feminino; conceitos abstratos; unidades individuais de uma classe (banana, árvore); nomes de cidades, a maioria dos países; partes do corpo que vêm em par (pernas, mãos, olhos). Morfologicamente, são femininas as palavras terminadas em تاء tā' marbūṭa, ء alif e hamza ā' , ا alif ṭawīla ā , ي alif maqṣūra à, desde que essas terminações sejam inseridas após as letras radicais do nome. Sintaticamente, adjetivos, pronomes, participios e verbos devem concordar com o substantivo quanto ao gênero.	almu'annaṭ	المُوَنَّث
[q.v. الإسم المذكر]	Foto, arabismo, mãe, menina, liberdade, um peixe, Jerusalém, Egito, Damasco, Ḥanān, terra, mão, deserto, alma, rainha, caminho.	صورة، عروبة، أم، بنت، حرية، سمكة، القدس، مصر، دمشق، حنان، أرض، يد، صحراء، نفس، ملكة، طريق.	

⁴⁵ Também chamado de alif mamdūda, que significa alif esticado, devido a sua forma.

II النَّصْغِير attasḡīr

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt		Proposta de harmonização
النَّصْغِير attasḡīr	Diminutivo		Diminutivo
DT: “É aquele em que escrevemos ḍamma — sobre primeira letra radical e fatha — sobre segunda, e acrescentamos yā ي entre a segunda e a terceira letra radical. O diminutivo expressa os sentidos: a) pejorativo; b) pouca quantidade; c) aproximação temporal; d) afetividade. Há três paradigmas para o diminutivo: 1) fuʿayl فُعَيْل para nomes de três letras; 2) fuʿayʿil فُعَيْعِل para nomes de quatro letras; 3) fuʿayʿīl فُعَيْعِيل para nomes de cinco letras, em que a quarta é uma vogal longa, ou seja, alif ا, wāw و ou yā ي . [...]”	DT: “Nomes substantivos derivados, que, com grau implícito, denotam por meio de sufixo lexical específico ‘diminuição de dimensão’ em relação aos primitivos correspondentes: ex.: sala-salinha. Os dois sufixos diminutivos fundamentais em português são <i>-inho</i> e <i>-ito</i> (este, muito pouco usado no Brasil) e suas variantes <i>-zinho</i> e <i>-zito</i> , que os substituem, obrigatoriamente, depois da vogal tônica e, facultativamente, em todos os outros casos [...]. À denotação diminutiva acresce a conotação de hipocorísticos, que às vezes excluiu aquela (ex.: paizinho). O grau de diminuição, puro e simples, é melhor indicado por um adjetivo adequado como <i>pequeno</i> (<i>sala pequena, pequeno pé</i>) [...]”		TL: Diminuição, redução. Diminutivo. Miniatura.
Fonte: ʿAlī, 2006, p.171.	Fonte: Câmara Jr., 1985, p. 97.		Fonte: Sabbagh, 2011, p.176.
Ex.: رَجُلٌ – رُجَيْلٌ بُلْبُلٌ – بُلْبِيلٌ عَصْفُورٌ – عَصْفِيرٌ	Ex.: salinha, salazinha, paizinho, pezito, rapazote, glóbulo.		
TR: Homem – homenzinho Rouxinol – rouxinolzinho	In ₁₉₆₅	<i>Diminutive</i>	Remissiva: الإِسْمُ

Pássaro – passarinho					
Pt ₁₇₇₄	Nome diminutivo	In ₂₀₀₅	<i>Diminutive</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Diminutif</i>
Pt ₂₀₀₇	Diminutivo	In ₂₀₁₁	<i>Diminutive</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Diminutive; nomen deminutivum</i>
In ₁₈₅₉	<i>Diminutive</i>	Es ₁₉₉₂	-	Dic ₁₉₈₃	<i>Diminutive</i>
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Diminutif</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Diminution</i>

Das quatro gramáticas árabes nativas selecionadas, apenas uma abordou o tópico em estudo. Não percebemos uma razão plausível para a omissão, a não ser na gramática de Alḥaṭīb e Jaṭal (1993), cuja a tendência de análise é claramente sintática. Talvez, o motivo seja a baixa frequência de uso na língua moderna, em comparação com os demais pontos gramaticais, contudo, decidimos incluir este termo em nosso estudo, porque, em português, o processo análogo é bastante produtivo.

O termo التَّصْغِير *attaṣṣġir*, cuja raiz triconsonantal é ص غ ر, consiste na ação verbal de “diminuir, reduzir”, e poderíamos dizer que esse constitui o causativo do verbo primitivo “ser pequeno”. De relance, podemos afirmar que, semanticamente, التَّصْغِير *attaṣṣġir* equivale ao nosso “diminutivo”, visto que na definição terminológica, o gramático árabe aponta as intenções de uso do termo, a saber, para indicar depreciação, pouca quantidade, aproximação temporal e afetividade, semelhantes ao uso diminutivo em português.

Bechara (2009, p. 140) alerta para o fato de que a NGB confundiu flexão com derivação ao situar o diminutivo e o aumentativo entre os graus de significação do substantivo. Grau, para Castilho e Elias (2015, p. 228), “é a intensificação ou atenuação de traços predicativos, e os substantivos são expressões referenciais não graduáveis. Substantivos têm sufixos derivacionais que indicam tamanho, mas tamanho não é grau”. O grau faz parte da flexão que incide sobre os adjetivos, na sua maioria, mas sobre advérbios e verbos também. Em árabe, estudaremos o grau dos adjetivos no termo اِسْمُ التَّفْضِيل *ism attafḍīl*.

Os gramáticos brasileiros pesquisados concordam que nem sempre aumento ou diminuição do ser é expresso pelas formas sintéticas do que denominamos de aumentativo

e diminutivo, como em: “narigão” e “coisinha”, nas quais observamos, claramente, a nuance pejorativa. Antes, essas noções são melhor expressas com as formas analíticas, ou seja, “nariz grande” e “coisa pequena”.

Ao empregar o diminutivo, em língua portuguesa, expressamos gradação de tamanho ou juízo de valor, que correspondem às intenções, as quais são ilustradas nos exemplos a seguir:

1. Só issozinho?!

No Brasil, não se faz política, e sim politicalha.

Sentido pejorativo

2. Quero só mais um pouquinho de café, por favor.

Pouca quantidade

3. Meu aniversário está pertinho, quase chegando.

Aproximação
temporal

4. Filhinha, não mexa aí!

Afetividade

Nas orações acima, é possível perceber que, não apenas substantivos, mas também o advérbio “perto”, os pronomes “pouco” e “isto” serviram de base para acrescentar o sufixo derivacional *-inho* e formar o diminutivo, veiculando a noção de futuro próximo e pejoratividade.

Morfologicamente, observamos que, assim como em português, **التَّصْغِيرِ** *attaṣḡīr* forma-se a partir da derivação por meio da inserção de infixos, de uma base primitiva, que na maioria dos casos é um substantivo. Em nosso idioma, a derivação é sufixal e o sufixo mais comum é *-inho* (e sua variante *-zinho*). Em árabe, há três paradigmas diferentes para expressar a noção de diminutivo, esses variam de acordo com a quantidade de letras radicais do substantivo primitivo, assim como explicitado na definição terminológica. A formação desses paradigmas dá-se por meio de uma cadeia vocálica específica que será inserida sobre as letras radicais do nome primitivo.

Tanto em árabe, como em português, observamos especialização de formas diminutivas, ou seja, palavras que ao longo do tempo adquiriram significados especiais, “por vezes dissociados do sentido da palavra derivante”, como descrevem Cunha e Cintra

(2001, p. 199). Como exemplo, podemos citar as palavras بُحَيْرَة buḥayra “lago” e “cartilha”.

Abrantes (1774) descreve o termo em estudo no capítulo IV, chamado de “da espécie”, no qual o autor trata dos nomes derivados. A menção é breve, e nela, o Frei define o termo como “aquele que diminui a significação de seu primitivo”. Os exemplos apresentados dizem respeito apenas às bases triconsonantais.

Wright (1859) faz uma descrição morfológica concisa e pormenorizada do termo em análise. Ao longo de quase dez páginas, o gramático detalha todos os paradigmas possíveis para expressar o diminutivo árabe. Sentimos falta de uma menção sobre a semântica do termo, talvez o autor a tenha omitido, porque apresenta, desde o início, o equivalente em inglês “diminutive”. Périer (1911) também denomina التَّصْغِير attaşğır de diminutivo e explica como se forma uma palavra diminutiva derivada de base tri e quadriconsonantal.

Haywood e Nahmad (1965) optaram também pelo mesmo equivalente e sua descrição segue as já mencionadas aqui. Contudo, eles acrescentam informações sobre o uso desse termo e citam a possibilidade de as palavras diminutivas serem usadas como juízo de valor, ou seja, como expressão de carinho e desprezo. Não foi encontrada menção sobre o tema em Corriente (1992).

Ryding (2005) também é bastante sucinta em sua apresentação. Mesmo assim, ela expõe os valores semânticos denotativos e conotativos para o termo, como diminuição do ser, afetividade e depreciação, além da sua estrutura morfológica. Cowan (2007) aborda o tema entre os nomes derivados de outros nomes, optando também pelo equivalente “diminutivo”, e salientando que seu uso é raro na língua. Alhawarī (2011) usa o termo concorrente em árabe اِسْمُ الْمُصَغَّر ism almuṣağğar ao tratar do tema. Igualmente aos gramáticos nativos, Alhawarī apresenta todas as características morfológicas do diminutivo e acrescenta as informações de uso. Nelas, o autor enumera cinco possibilidades, indo do sentido mais aparente, isto é, o de indicar tamanho pequeno e pequenas quantidades, até o sentido afetivo, depreciativo e de curta duração de tempo.

Mediante o exposto acima, mantemos o equivalente “diminutivo”, não só porque foi uma unanimidade entre os autores pesquisados, como ficou demonstrado na ficha

terminológica, mas, principalmente porque encontramos equivalência de usos entre ambos os processos. Vide o verbete abaixo:

Diminutivo	Trata-se de um substantivo derivado de um substantivo primitivo. Semanticamente, pode indicar: a. diminuição de um ser ou objeto; b. afetividade; c. depreciação; d. curta duração temporal; e. pouca quantidade. Morfologicamente, há três paradigmas para formação de diminutivo: 1. fu [°] ayl فُعَيْل para nomes de três letras; 2. fu [°] ay [°] il فُعَيْعِل para nomes de quatro letras; 3. fu [°] ay [°] īl فُعَيْعِيل para nomes de cinco letras, em que a quarta é uma vogal longa ال alif, و wāw ou ي yā'.	attaṣṣġīr	التَّصْغِير
[q.v. الإِسْم]	Homem – homenzinho Rouxinol – rouxinolzinho Pássaro – passarinho	رَجُل – رُجَيْل بُلْبُل – بُلْبَيْل عَصْفُور – عُصْفِير	

III اسم التفضيل ism attafḍīl

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt	Proposta de harmonização
اسم التفضيل ism attafḍīl	Comparativo e Superlativo	Comparativo e Superlativo
<p>DT: “É o nome que se se forma segundo o paradigma أَفْعَل ‘af‘al em que se prefere um ente a outro, como na frase: زَيْدٌ أَكْرَمُ مِنْ خَالِدٍ “Zayd é mais generoso que Ḥālid”; os dois são generosos, isto é, compartilham a generosidade, mas a de Zayd supera a generosidade de Ḥālid, por isso ele é mais generoso. Forma-se اسم التفضيل ism attafḍīl de verbo: afirmativo, trilitero, primitivo, completamente conjugado, ativo, cujo sentido é completo no sujeito, que aceita diferenciação e não é adjetivo permanente do paradigma (أَفْعَل). [...] Se alguma dessas condições anteriores para a formação de اسم التفضيل ism attafḍīl não forem verificadas, utilizamos um اسم التفضيل ism attafḍīl adequado de suporte e o posicionamos antes do nome da ação verbal (do verbo correspondente) no acusativo indeterminado. [...]”</p>	<p>DT: “O comparativo e o superlativo são graus de flexão dos adjetivos quando se quer comparar ou intensificar as qualidades ou características dos substantivos (ou equivalentes) aos quais se referem. <i>Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade. [...] Não se flexionam em grau os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. [...] A significação em si absoluta, de certos adjetivos impede modificações ou flexões de grau: eterno, infinito, imenso, onipotente, quadrado, redondo [...]</i></p> <p>a. Grau Comparativo: no comparativo, que pode ser de igualdade, inferioridade ou superioridade, compara-se a mesma qualidade (ou característica) atribuída a dois ou mais seres, ou, então, comparam-se duas ou mais qualidades (ou características) atribuída ao mesmo ser.</p>	<p>TL: Adjetivo comparativo/ superlativo. Favorecimento. Favoritismo, predileção, preferência.</p>

	b. Grau Superlativo: o grau superlativo destaca a expressão máxima da qualidade (ou característica) do ser de forma absoluta, isto é, sem nenhuma referência a outro ser ou grupo de seres (<i>grau superlativo absoluto</i>) ou, então, exalta essa qualidade do ser em relação a um determinado grupo (<i>grau superlativo relativo</i>).”		
Fonte: Alma ^c rī, 2002, v.10, p. 60.	Fonte: Haury, 2014, p. 620.		Fonte: Sabbagh, 2011, p. 188.
Ex.: 1. عَدْنَانُ وَكَمَالٌ طَيِّبَانِ. لَكِنَّ عَدْنَانَ أَطْيَبُ مِنْ كَمَالٍ. 2. الْعِلْمُ وَالْمَالُ نَافِعَانِ. لَكِنَّ الْعِلْمَ أَفْضَلُ مِنَ الْمَالِ. 3. الشَّابُّ أَكْثَرُ إِندِفَاعاً مِنَ الشَّيْخِ.	Ex.: “Nada para mim é <u>tão belo como</u> o movimento e as sensações.” (comparativo de igualdade) “E uma ideia não pode ser <u>menos bela do que</u> a outra.” (comparativo de inferioridade) “Há um País imenso <u>mais real do que</u> a vida que o mundo mostra ter [...]” (comparativo de superioridade) “Por trás disso estavam as minhas sensações <u>vivíssimas</u> .” (superlativo absoluto sintético) “Num dia <u>excessivamente nítido</u> [...]” (superlativo absoluto analítico) “O Brasil é <u>a mais cobiçável</u> das presas.” (superlativo relativo)		
TR:	In ₁₉₆₅	<i>Comparative and superlative. Elative</i>	Remissiva: الإِسْمُ، الْمُشْتَقُّ

1. °Adnān e Kamāl são bons, mas ḥAdnān é melhor do que Kamāl. 2. O conhecimento e o dinheiro são úteis, mas o conhecimento é mais útil do que o dinheiro. 3. O jovem é mais impetuoso que o idoso.					
Pt ₁₇₇₄	Comparativo e superlativo	In ₂₀₀₅	<i>Comparative and superlative</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Le nom de supériorité, Le superlatif, appartenant à la forme أَفْعَل</i>
Pt ₂₀₀₇	Comparativo e superlativo	In ₂₀₁₁	<i>Comparative and superlative</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>The afalu of superiority. Noun of preeminence; the form afbalu of preeminence, comparative and superlative adjective</i>
In ₁₈₅₉	<i>The noun of preeminence; the form afbalu of preeminence, comparative and superlative adjective</i>	ES ₁₉₉₂	<i>Elativo. Comparativo e superlativo</i>	Dic ₁₉₈₃	-
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Comparatifs et superlatifs</i>	Dic ₁₉₉₃	-

O termo **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl* compõe o grupo dos nomes derivados de verbo e sua formação depende de algumas condições especiais mencionadas na definição terminológica. Antes, porém, de retomarmos a natureza morfológica desse nome, pensemos em seu valor semântico. A tradição gramatical árabe diz que, quando dois entes compartilham uma característica (física ou psicológica) e são colocados lado a lado, usamos **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl* para indicar que tal atributo é superior, ou inferior, ou mais intenso em um ser que em outro.

Morfologicamente, há seis condições específicas para formação desse nome as quais passamos a listar e detalhar:

1. Apenas o verbo triconsonantal desprovido de letras servis pode derivar **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl*, segundo o paradigma **أَفْعَلَ** 'afʿal. Os verbos derivados precisam de um auxiliar que indicará a intensidade, para mais ou menos, da característica avaliada, seguida do nome da ação verbal no acusativo indeterminado. Vejamos os exemplos:

Temos aqui dois verbos triconsonantais:

حَسُنَ ← أَحْسَنَ

“ser bom” que forma o adjetivo

كَبُرَ ← أَكْبَرُ

“melhor” e o segundo “ser grande”,

derivando “maior”, de acordo com o

paradigma **أَفْعَلَ** 'afʿal.

Nesses dois exemplos, os verbos são derivados, ambos com cinco letras.

إِحْتَرَمَ ← أَكْثَرَ إِحْتِرَامًا

Reparem que eles necessitam de um

suporte para derivar de “respeitar” para

“mais respeitoso”, no primeiro caso, e

“esforçar-se” para “menos esforçado”,

no segundo.

إِجْتَهَدَ ← أَقَلَّ إِجْتِهَادًا

2. O verbo de origem precisa ser completamente conjugável quanto ao tempo/ aspecto perfectivo, imperfectivo e modo indicativo, subjuntivo, apocopado e imperativo. Há verbos conjugados apenas no perfectivo, por exemplo, e desses não se derivam **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl*;
3. Ele precisa ser da voz ativa, pois verbos passivos não derivam **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl*;
4. É preciso que o verbo e o sujeito veiculem uma informação juntos relativamente completa, mesmo antes de ser adicionado o complemento da ação verbal, como por exemplo, em⁴⁶:

⁴⁶ Essa é a definição de verbo *tāmm* تَامَّ.

Temos em “O menino comeu...” sujeito e verbo informando a ação completa de comer, mesmo sem sabermos o que foi comido.

أَكَلَ الْوَلَدُ

Em “O menino estava...”, o sujeito não é suficiente para completar a informação verbal, a informação é vaga, logo, esses verbos semelhantes a kâna não derivam اسم التفضيل ism attafḍīl.

كَانَ الْوَلَدُ

5. Verbos afirmativos podem formar o termo em estudo, porém os anteceditos por partículas de negação não dispõem dessa possibilidade;
6. A penúltima condição diz respeito à capacidade de diferenciação, isto é, o verbo de origem deve ser capaz de demonstrar diferentes níveis ou gradações da característica assemelhada entre os seres envolvidos na comparação, por exemplo,

Do verbo “ser belo” deriva o adjetivo “mais belo”, evidenciando uma diferenciação na “quantidade” de beleza entre dois entes comparados.

جَمَلٌ ← أَجْمَلُ

O verbo “morrer” não permite tal diferenciação, por isso não deriva esse adjetivo.

مَاتَ ← X

7. A última condição é que o adjetivo formado não seja um adjetivo permanente ou الصِّفَةُ الْمُشَبَّهَةِ بِاسْمِ الْفَاعِلِ aṣṣiffa almuṣabbaha bism alfāʿil do tipo أَفْعَلُ ’afʿal. É comum, em árabe, diferentes classes ou subclasses de palavras compartilharem o mesmo paradigma. Os adjetivos permanentes do paradigma أَفْعَلُ ’afʿal expressam características inerentes ao ser, como por exemplo, uma necessidade especial do tipo “ser cego” ou “ser surdo”, além de ser também o paradigma das cores. Outra maneira de distinguir entre uma e outra subclasse é que اسم التفضيل ism attafḍīl possui um adjetivo permanente formado de acordo com o paradigma فَعِيل faʿīl logo, كَبِيرٌ ← أَكْبَرُ ou جَمِيلٌ ← أَجْمَلُ “grande → maior” e “belo → mais belo”, respectivamente.

Quanto ao comportamento sintático desse termo, observamos uma lacuna de descrição nas gramáticas árabes nativas pesquisadas. Das quatro selecionadas, apenas três abordam o tema, dessas três gramáticas, apenas uma descreve-o sintaticamente. Alḥawṣ (1998, v.2, p. 418-420) prevê quatro possibilidades e usos sintáticos, são eles:

- a) Em uma comparação entre dois entes, *إِسْمُ التَّفْضِيلِ* *ism attafḍīl* virá indeterminado e seguido da preposição *مِنْ* *min*:

Observamos uma estrutura de comparação, muito semelhante ao processo comparativo português, em que a altura de duas pessoas está sendo comparada. Note que em ambas as línguas a estrutura também é semelhante: adjetivo de superioridade + conjunção/preposição.

سَعِيدٌ أَطْوَلُ مِنْ خَالِدٍ.

Sa'id é mais alto (do) que āālid.

- b) Se *إِسْمُ التَّفْضِيلِ* *ism attafḍīl* vier determinado pelo artigo *ال* *al*, deverá, então, concordar em gênero, número e caso com o substantivo ao qual qualifica:

A estrutura exemplificada assemelha-se ao nosso superlativo relativo, porque a qualidade de ser o melhor é destacada dentre um conjunto de seres, mesmo que implicitamente.

O melhor homem.

الرَّجُلُ الْأَحْسَنُ.

A oportunidade magnífica.

الْفُرْصَةُ الْعُظْمَى.⁴⁷

- c) Caso *إِسْمُ التَّفْضِيلِ* *ism attafḍīl* seja o primeiro termo de uma estrutura indeterminada de إضافة *'idāfa*, ele deverá ficar no masculino singular e o termo de comparação concordará com o substantivo em gênero e número:

Ao traduzirmos os exemplos ao lado, percebemos, uma vez mais, a estrutura de superlativo relativo, em português.

O livro é o melhor
companheiro.

الْكِتَابُ خَيْرٌ⁴⁸ جَلِيسٍ.

الْمَرْأَةُ أَحْسَنُ صَدِيقَةٍ لَزَوْجِهَا.

A mulher é a melhor amiga de seu marido.

⁴⁷ Apesar de em “A oportunidade magnífica” haver uma ideia superlativa, “magnífica” é uma palavra com grau normal em português.

⁴⁸ A palavra خَيْرٌ *hayr* “bem” é a forma para o *إِسْمُ التَّفْضِيلِ* *ism attafḍīl* “melhor”, porque houve afêrese do fonema inicial أَ ‘a, da mesma forma como se dá em شَرٌّ *šarr* “mal”.

- d) Para a última possibilidade sintática, o autor diz que se o **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl* for o primeiro termo de uma estrutura determinada de **إِضَافَة** *’idāfa*, ele deverá ser masculino e singular, como no caso anterior. O termo de comparação concordará com o substantivo em gênero e número:

Ao traduzirmos esses exemplos também percebemos a estrutura de superlativo relativo, em português.

O amigo é o melhor companheiro.

الصَّدِيقُ خَيْرُ الْجَالِسِ.

الصَّدِيقَانِ خَيْرُ الْجَالِسِينَ.

Os dois amigos são os melhores companheiros.

Sabemos que o comparativo e o superlativo, em português, referem-se à flexão de grau que, segundo Castilho e Elias (2015, p. 228), “é a intensificação ou atenuação de traços predicativos”, tal flexão é tradicionalmente direcionada para a classe dos adjetivos, mas Azeredo (2010, p. 172) alerta que a flexão de grau também incide sobre advérbios (“cedíssimo”) e verbos (“João come mais do que Pedro.”). Observamos, em árabe, que os nomes derivados e nomeados pela tradição gramatical de **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl* intensificam ou atenuam traços predicativos do substantivo que o acompanham, incidindo, então, sobre o que podemos chamar de adjetivos. Outra semelhança percebida entre o português e o árabe, quanto ao processo estudado, é que para a formação do superlativo acrescentamos o artigo definido à forma comparativa: “mais bonito” > “o mais bonito”; أَجْمَلُ > الْأَجْمَلُ *al’ajmal*.

Tendo em vista os exemplos apresentados na descrição acima, é possível verificar que há semelhanças no processo de intensificar ou atenuar características em ambas as línguas. Decerto, a língua portuguesa apresenta um aparato mais elaborado para execução de tal tarefa, contudo, podemos veicular as mesmas nuances significativas empregando as ferramentas morfossintáticas árabes. Vejamos à qual conclusão chegam os arabistas pesquisados.

Abrantes (1774) nomeia o capítulo X de sua obra de “Do comparativo”, no qual estuda o tema. O autor português afirma que o comparativo e o superlativo formam-se do “positivo”, o qual é definido por Bechara (2009, p. 148) como o “que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade”, então, o positivo árabe seria صَغِير *ṣaġīr* “pequeno” e o comparativo/ superlativo, أَصْغَر *aṣġar* “menor”. Abrantes afirma, em seguida, que comparativo e superlativo também podem formar o positivo, contrariando a tradição gramatical árabe a qual prevê que tanto o adjetivo quanto o

comparativo/ superlativo são derivados de verbos. Em um capítulo bastante resumido, Abrantes descreve o termo quanto sua morfossintaxe e semântica básicas, e a única indicação para o uso superlativo é quando o adjetivo estiver absoluto, ou seja, quando a característica for ressaltada sem nenhuma relação com outros seres, como em **الله أعلم** Allahu 'a'lamu “Deus é sapientíssimo”.

No capítulo reservado aos “adjetivos verbais” ou nomes derivados de verbos, Wright (1859) estuda o tema ao qual chama de “nome de proeminência” ou “forma **ʾafʿalu** denotando proeminência” ao lado do termo árabe original. Ao longo da explicação, o autor afirma que esse fato linguístico apresenta a mesma significação do comparativo e superlativo inglês.

A descrição de Périer (1911), embora não muito minuciosa, é bastante explicativa, porque o autor faz um paralelo com o comparativo e superlativo francês. Ele apresenta a morfologia do **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl* e como formá-la a partir de raízes trilíteras. O superlativo é apresentado separadamente e, de forma didática, o autor atribui um superlativo relativo e outro absoluto, assim como há em francês. O primeiro constitui a forma comparativa antecedida pelo artigo, já o segundo não é formado a partir de **إِسْمُ التَّفْضِيلِ** *ism attafḍīl* e sim pela posposição dos adjetivos de palavras intensificadoras como **جِدًّا** *jiddan* e **كَثِيرًا** *kaṭīran*.

Haywood e Nahmad (1965) designam o termo árabe como comparativo e superlativo, e admitem o termo concorrente elativo. Eles salientam a formação a partir de raízes trilíteras, mas sem deixar claro se a origem é verbal ou nominal, como fazem os gramáticos árabes. Corriente (1992, p. 244) também chama esse termo de elativo que pode “funcionar bem como comparativo e superlativo”. Como elativo é um caso gramatical não presente em português, espanhol e inglês, as descrições de Corriente e Haywood e Nahmad acabam fomentando dúvidas, ao invés de esclarecer o assunto.

Ryding (2005) refere-se aos equivalentes “comparativo e superlativo” como sendo um padrão nas descrições ocidentais, no entanto, explica que não raramente há a atribuição do termo “elativo”, porque ele significaria uma intensificação do grau da qualidade descrita por um adjetivo. O dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa descreve o termo “elativo” como sendo um “caso (ou declinação) em que deve ficar o complemento de lugar do qual há um movimento de dentro para fora”. Metaforicamente, podemos pensar que se uma qualidade é intensa num ser, ela extravasa-o, e é percebida

por fora. A descrição morfossintática apresentada por Ryding acompanha os demais gramáticos apresentados. Cowan (2007) e Alhawarī (2011) empregam o equivalente padrão e suas descrições são coerentes e estão em consonância com as de seus colegas.

Mediante o exposto, sugerimos manter o equivalente “comparativo e superlativo”, porque observamos paralelismo semântico do processo de intensificação ou atenuação de uma qualidade em ambas as línguas, obviamente, por meio de aparatos linguísticos diversos. Segue o verbete proposto:

Comparativo e Superlativo	<p>É um adjetivo derivado de verbo trilitero. O paradigma tanto para o comparativo como o superlativo é أَفْعَلٌ 'af'al. É usado para intensificar ou atenuar uma qualidade comum a dois seres postos em comparação ou destacar uma qualidade dentre um conjunto de seres.</p> <p>Caso o verbo de onde se origina إِسْمُ التَّفْضِيلِ ism attafḍīl não seja trilitero, utilizamos um auxiliar, como, por exemplo, أَكْثَرُ 'aktar “mais” e أَقَلُّ 'aqall “menos”, posicionando-os antes do nome da ação verbal, isto é, maṣdar do verbo principal, no acusativo indeterminado.</p> <p>O comparativo e superlativo diferenciam-se quanto ao uso e à sintaxe.</p>	ism attafḍīl	إِسْمُ التَّفْضِيلِ
[q.v. الإِسْمُ، المُشْتَقَّ]	<p>1. ḥAdnān e Kamāl são bons, mas ḥAdnān é <u>melhor</u> do que Kamāl.</p> <p>2. O jovem tem <u>maior</u> ímpeto que o idoso.</p> <p>3. O <u>melhor</u> homem.</p>	<p>1. عَدْنَانٌ وَكَمَالٌ طَيِّبَانِ. لَكِنَّ عَدْنَانَ أَطْيَبُ مِنْ كَمَالٍ.</p> <p>2. الشَّابُّ أَكْثَرُ إِنْدِفَاعاً مِنَ الشَّيْخِ.</p> <p>3. الرَّجُلُ الْأَحْسَنُ</p>	

- b) Equivalência aproximada: nesta hipótese, acreditávamos, a princípio, que utilizaríamos unicamente a ficha terminológica 2 para analisar os termos teste, cuja a equivalência fosse aproximada, contudo, sentimos a necessidade de utilizar também a primeira ficha, como pode ser verificado no terceiro termo desta seção.

I الاسم alism

Termo gramatical	Possível equivalência ₁ em Pt	Possível equivalência ₂ em Pt	Proposta de harmonização
الاسم alism	Nome	Substantivo	Nome
<p>DT₁: “Aquele que indica significado em si mesmo, não associado ao tempo.”</p> <p>DT₂: “O nome é, semanticamente, uma classe de palavras que significam seres ou propriedades, podendo subdividir-se em substantivo, adjetivo, numeral, pronome pessoal, pronome demonstrativo e pronome relativo. Sintaticamente, só o nome pode ser sujeito de uma oração, ou seja, tema de um comentário. Morfologicamente, a flexão nominal que lhe é característica, permite ao nome expressar as categorias lógico-gramaticais (ou acidentes) de</p>	<p>DT: “Grupo de palavras que se opõe ao verbo pelo valor estático dos seus semantemas. O nome indica as ‘coisas’, quer se trate de objetos ou de noções abstratas, de seres reais ou de espécies:[...]. Na língua portuguesa, os nomes se assinalam morfologicamente pela possibilidade da categoria de gênero e pela indicação do número plural com a desinência –s; em latim possuíam também a categoria dos casos. Em virtude de sua função na frase ou conjugação num sintagma lexical, os nomes se dividem em substantivo e adjetivo, mas muitas vezes há uma forma única, que pode ser no sintagma lexical –</p>	<p>DT: “1. Substantivo é a palavra com que nomeamos os seres em geral. São, por conseguinte, substantivos: a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seres representantes; b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como seres.</p> <p>2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronome</p>	<p>TL₁: Noun, substantive.</p> <p>TL₂: 1. Nombre, apelativo, designación. 2. Sustantivo.</p>

determinação, caso, gênero e número.”		determinado (substantivo), ou determinante (adjetivo) em concordância de gênero e de número com o determinado; [...]. As gramáticas que fazem do adjetivo uma classe independente de vocábulos reservam o termo <nome> para o substantivo. [...]		substantivo, numeral ou qualquer palavra substantivada).”	
Fonte₁: Alhawş, 1987, p. 15. Fonte₂: Corriente 1992, p. 55.		Fonte: Câmara Jr., 1985, p. 177.		Fonte: Cunha e Cintra, 2001, p. 177.	
Fonte₁: Almawrid, 1995, p. 107. Fonte₂: Corriente, 1991, p. 375.					
EX.: فاطمة – ثعلب – قلم		Ex.: Pedro, mesa, verde, verdor, bondade, cavalo.		Ex.: Homem, cidade, árvore, Lisboa, cavalo, velhice, caridade.	
				TR: Fátima – raposa – caneta	
Pt₁₇₇₄	Nome	In₁₉₆₅	<i>Noun</i>	Fr₁₉₁₁	<i>Nom</i>
Pt₂₀₀₇	Nome	In₂₀₀₅	<i>Noun</i>	Voc₁₉₀₈	<i>Nom, substantif</i>
In₁₈₅₉	<i>Noun</i>	In₂₀₁₁	<i>Noun</i>	Dic₁₉₇₃	<i>Noun</i>
In₁₈₆₂⁴⁹	-	Es₁₉₉₂	<i>Nombre</i>	Dic₁₉₈₃	<i>Noun</i>

Verificamos que há consenso quanto à designação do termo الاسم *alim*, em português, inglês, francês e espanhol, uma vez que os gramáticos pesquisados utilizaram o equivalente “nome” para expressar a classe em estudo. Machuel (1908), Almawrid

⁴⁹ Como se trata de dois volumes escritos por Wright, haverá termos discutidos no primeiro, de 1859, e outros no segundo, de 1862.

(1995) e Corriente (1991) indicam o termo “substantivo” como uma opção de equivalência, porém, “nome” continua sendo o equivalente principal que abarca o substantivo e as demais subclasses.

Considerando as definições terminológicas selecionadas e os comentários tecidos no preâmbulo deste capítulo, podemos concluir que الاسم *alism* equivale ao “nome”, porque, semanticamente, ambos referem-se aos seres em geral, coisas, objetos, noções. Quanto à morfologia, eles podem expressar as categorias de gênero e número. O termo الاسم *alism* sofre alterações morfológicas para indicar informações quanto ao caso e à determinação. Conforme mencionou Câmara Jr., em latim, o “nome” assinalava os casos, contudo, essa não é uma categoria remanescente na língua portuguesa. A determinação, em português, não é expressa por meio de flexões nominais, como em árabe, mas sim via a anteposição ao substantivo dos artigos definidos. Sintaticamente, o الاسم *alism* e o “nome” possuem as características comuns de poderem: vir acompanhados de adjetivo; ocorrer como sujeito, objeto direto, vocativo; e ser complemento de uma preposição.

Bohas et al. (2006) afirmam que a subclasse prototípica do الاسم *alism* é o substantivo, porque ele se comporta exatamente segundo as características morfossintáticas e semânticas do núcleo base. Wright e Corriente, por exemplo, indicam ainda o adjetivo, numeral, pronome demonstrativo, pronome relativo e pronome pessoal como subclasses possíveis. Abrantes, por sua vez, assinala apenas o substantivo e o adjetivo como subclasses. Périer enumera como participantes dessa classe o substantivo, o adjetivo, o particípio e o pronome. Nós seguimos o proposto pelos gramáticos citados, acrescentando à lista de subclasses o pronome interrogativo e possessivo.

Propomos, assim, o verbete abaixo para esse termo⁵⁰ principal:

Nome	Semanticamente, trata-se de uma classe de palavras que significa seres ou propriedades, podendo subdividir-se em substantivo (subclasse prototípica), adjetivo, numeral, particípio, pronomes pessoal, demonstrativo, relativo, possessivo e interrogativo. Sintaticamente, o substantivo, pronome pessoal e particípio podem ser sujeito de uma oração. Morfologicamente, a flexão nominal que lhe é característica permite ao substantivo, adjetivo, particípio, numeral e certos pronomes expressarem as categorias de determinação, caso, gênero e número.	Alism	الاسم
-	Fátima – raposa – caneta	فاطمة – ثعلب – قلم	

⁵⁰ Não há referência ao sistema de remissivas, porque se trata do termo de abertura da classe nominal.

II الإعراب al'ī'rāb

Termo gramatical	Possível equivalência ₁ em Pt	Possível equivalência ₂ em Pt	Proposta de harmonização
الإعراب al'ī'rāb	Declinações	Desinência	Variação das desinências de caso (nos nomes declináveis) e de modo (nos verbos imperfectivos) após sua inserção no discurso
<p>DT₁: “A maioria das palavras árabes possuem terminações vocálicas ou gramaticais variáveis, dependendo de sua função na sentença. Em árabe, essa característica é chamada de الإعراب ‘declinabilidade’ (possibilidade de variar as terminações gramaticais de caso ou modo) e a palavra que possui essa característica é chamada de مُعْرَبَةٌ ‘declinável’.”</p> <p>DT₂: “Substantivos, participios e adjetivos árabes, até certo ponto, advérbios possuem flexão ou desinência no final da palavra. Isto é, eles são marcados</p>	<p>DT: “Grupos mórficos em que se dividiam os nomes em latim, de acordo com um dado tema e um paradigma de desinências para os seis casos. A gramática latina distribuía os nomes em 5 declinações. Mas a quarta e a quinta eram secundárias em virtude de conterem poucos nomes e apresentarem várias coincidências de desinências com a segunda e a terceira respectivamente. Além disso, para muitos nomes da quinta, havia uma variante mórfica pertencente à primeira [...]. Por isso, para a evolução românica dos nomes latinos, só contam com as 3 primeiras declinações, caracterizadas no acusativo pelas vogais finais –a (1ª declinação), –o (2ª declinação), –e (3ª</p>	<p>DT: “Segmento fônico com que termina um vocábulo flexional para se caracterizarem as diversas formas do seu paradigma. É outro nome para SUFIXO FLEXIONAL, ou seja, um sufixo referente à derivação, que é sufixo derivacional ou lexical. Em português há desinências: a) nominais para gênero e número que se estende aos pronomes; b) verbais para número e pessoa (desinências número-pessoais) e para tempo e modo (desinências modo-temporais). A categoria de caso, nos pronomes pessoais portugueses, não se expressa por desinências, mas por heteronímia, com vocábulos supletivos. Às vezes se diz TERMINAÇÕES para o conjunto das</p>	<p>TL₁: Análise. Declinação, inflexão, flexão, desinência.</p> <p>TL₂: <i>Uso de las desinências de caso e de modo del árabe antiguo.</i></p>

para o caso, que indica a função sintática da palavra e sua relação com outras palavras na sentença. Em árabe, o termo para a marcação de casos é إعراب 'i'cāb. Quanto à flexão de caso, o árabe se parece com algumas línguas europeias, como alemão, russo e latim.”		declinação). Essas vogais continuam em português [...]”		desinências com o índice temático.”			
Fonte₁: Alḥawārī, 2011, p. 335. Fonte₂: Ryding, 2005, p. 165.		Fonte: Câmara Jr., 1985, p. 89.		Fonte: Câmara Jr., 1985, p. 93.		Fonte₁: Sabbagh, 2011, p. 82. Fonte₂: Corriente, 1991, p. 502.	
Ex.: حَضَرَ الطَّالِبُ الْجَدِيدُ. قَابَلْتُ الطَّالِبَ الْجَدِيدَ. سَلَّمْتُ عَلَى الطَّالِبِ الْجَدِيدِ.		Ex.: Rosa, raiva, dia, lobo, som, fruto, ave, imagem.		Ex.: Lobo/ lob-a, livro/ livro-s		TR: O aluno novo partiu. Encontrei o aluno novo. Cumprimentei o aluno novo.	
Pt₁₇₇₄	Triptoto, diptoto.	In₁₉₆₅	<i>Declension. Triptote, diptote.</i>	Fr₁₉₁₁	<i>Déclinaison. Triptote, diptote</i>	Remissiva: البناء	
Pt₂₀₀₇	Declinação	In₂₀₀₅	<i>Desinential inflexion. Case marking. Triptote, diptote</i>	Voc₁₉₀₈	<i>Explication, déclinaison, flexion, analyse grammaticale</i>	Dic₁₉₉₃	<i>Declension</i>
In₁₈₅₉	<i>Declension. Triptote, diptote</i>	In₂₀₁₁	<i>'Declanibility'. Triptote, diptote</i>	Dic₁₉₇₃	<i>Inflection. Parsing.</i>		
In₁₈₆₂	-	Es₁₉₉₂	<i>Díptoto</i>	Dic₁₉₈₃	<i>Parsing</i>		

Em sua obra, Bohas et al. (2006, p. 54) definem o par contrastivo إعراب *‘i‘rāb* e بناء *binā’*, como sendo, respectivamente, “a variação da vogal final nas palavras após sua inserção no discurso, determinada por operadores discursivos (‘awāmil) que as afetam” e “a ausência dessa variação”. Essa foi a melhor definição encontrada para esses termos dentre o material pesquisado, pois a maioria dos gramáticos arabistas descreve parte do processo, mas não menciona a perspectiva do todo. A maioria das descrições lidas são incompletas, apenas Alhawarī menciona o termo بناء *binā’*, e podem levar a más interpretações, porque, por exemplo, não fica claro para o leitor se إعراب *‘i‘rāb* refere-se à declinação dos nomes ou às desinências dos casos e quais as implicações para a classe do nome (e do verbo). É preciso estudar o assunto em diferentes fontes para compreendê-lo como um todo. Por outro lado, os gramáticos árabes que compõem o *corpus* não explicam, eles prescrevem, apresentam as regras postas pelos gramáticos clássicos e analisam os elementos da sentença sintaticamente.

Todas as palavras árabes, concernentes às três classes, são divididas em مُعْرَبَةٌ *mu‘raba* (relativo a إعراب *‘i‘rāb*) ou مَبْنِيَّةٌ *mabnyyia* (relativo a بناء *binā’*)⁵¹: substantivos, adjetivos, advérbios, partículas, verbos, pronomes, entre outras, pertencem a uma ou outra subdivisão. A tradição gramatical árabe usa o mesmo termo إعراب *‘i‘rāb*, para denotar dois processos: a variação vocálica final nos nomes, ou seja, das desinências dos casos nominais; e a variação modal, nos verbos imperfectivos. Reproduzimos, a seguir, uma tabela explicativa sobre os termos árabes originais e seus equivalentes:

Vogal	u ُ	a َ	i ِ	Ø ∅
Termo técnico	رَفْعٌ <i>raf‘</i>	نَصْبٌ <i>naṣb</i>	جَرٌّ <i>jarr</i>	جَزْمٌ <i>jazm</i>
Nome	Nominativo	Acusativo	Genitivo	-
Verbo	Indicativo	Subjuntivo	-	Jussivo/Apocopado ⁵³

Tabela 23 - Casos nominais e modos verbais, retirada e adaptada de Bohas et al. (2006, p. 54)

⁵¹ Os termos مُعْرَبَةٌ *mu‘raba*/ مَبْنِيَّةٌ *mabnyyia* estão no plural para fins de concordância de ideias. Para se chegar a forma singular de ambas as palavras, basta retirar o *ā*.

⁵² Trataremos nesse momento do primeiro grupo, o segundo será abordado a seguir.

⁵³ “Apocopado” foi a sugestão de equivalente dada por nós no mestrado, mas “jussivo” é o termo encontrado na fonte original.

Embora um único termo إعراب *’iṣrāb*, tenha dois referentes distintos, Bohas et al. salientam que, para os gramáticos clássicos, eles não estavam num mesmo nível. A função da إعراب *’iṣrāb* é marcar os diferentes valores semânticos que afetam o vocábulo⁵⁴ após sua inserção no discurso, e isso funcionaria integralmente apenas com os nomes, ajudando o leitor, por exemplo, a distinguir entre o sujeito e o objeto de uma sentença verbal. De acordo com os autores, o argumento principal é que sem a إعراب *’iṣrāb* uma sequência se tornaria ambígua, ou interpretável apenas por meio da ordem canônica, em que o sujeito, normalmente, precede o objeto, no entanto, esse seria um inconveniente para a liberdade dos poetas. Assim, رَفَعَ *rafʿ*, em primeiro lugar, marcaria o sujeito de uma sentença verbal (فاعل *fāʿi l*); o نَصَب *naṣb*, o objeto (مفعول به *mafʿūl bihi*); o جَرَّ *jarr*, o último elemento da construção de إضافة *’iḍāfa*; as outras funções sintáticas possíveis de acordo com o relacionamento das palavras no nível da sentença seriam secundárias.

Já no caso dos verbos imperfectivos, os gramáticos clássicos concluíram que o papel da إعراب *’iṣrāb* era simplesmente formal, morfológico, e não semântico, como nos nomes. Por meio de sua forma, identificou-se a semelhança entre o verbo imperfectivo e seu particípio ativo (um nome), devido à possibilidade de variação vocálica final. Descreveu-se, também, uma lista de elementos que podem governar o verbo e causar a alteração da vogal final, e, conseqüentemente, do modo verbal. Para Bohas et al., essa decisão, na verdade, é um sintoma da falta de interesse da tradição gramatical árabe na semântica do sistema verbal.

Ao observarmos as duas definições terminológicas árabes, extraímos dois conceitos-chave: declinação e desinência. Palavras são divididas em declinações a partir de semelhanças formais. Cada declinação possui sua desinência própria (terminação ou sufixo flexional), em cada um dos casos. Percebemos, então, que se trata de ideais diferentes, mas que se perpassam. Acreditamos que esse seja o motivo para opções de equivalência tão heterogêneas, conforme verificamos na ficha acima.

⁵⁴ Usamos o termo vocábulo segundo definição de Welker (2004, p. 23) “[...] unidades do discurso, ocorrendo nos textos [...]”.

Substantivos, adjetivos e participios árabes podem se declinar em até três casos: رَفْعَ rafʿ, نَصْبَ naṣb e جَرَّ jarr, a depender de sua função ou posição na sentença, porém, é preciso ficar atento às características morfológicas dos nomes, pois há aqueles que são completamente declináveis, ou seja, aceitam as três diferentes marcações de caso, chamados pelos especialistas ocidentais de triptotos; aqueles que só aceitam duas terminações, denominados de diptotos; e há palavras que aparentemente não se declinam, expressando os três casos por meio de uma única forma, as terminações estariam “escondidas” por questões morfológicas, as quais serão estudadas no momento propício. Os gramáticos árabes nomeiam os nomes que aceitam as três terminações aparentes de مَنْوَعَةٌ مِنْ munṣarifa e os que só aceitam duas desinências para os três casos de مَمْنُوعٌ مِنَ الصَّرْفِ mamnūʿa min aṣṣarf, que literalmente significam “declinado” e “proibido de declinação”.

Não constitui nosso objetivo aqui descrever minuciosamente quais nomes se declinam completamente, ou de forma parcial. Essas informações podem ser encontradas nos manuais de gramática apontados nessa tese, nos importa *a priori* a ideia presente no termo em estudo. Contudo, apresentamos uma visão geral de como cada arabista expôs o assunto a fim de auxiliar o leitor em suas pesquisas pessoais.

Abrantes aborda o assunto no capítulo IX, dedicado ao estudo dos casos, e nessa seção, o autor português subdivide os nomes em triptotos e diptotos, conceitua-os e lista todas as particularidades de declinação. Não há menção a إِعْرَابٌ iʿrāb ou بِنَاء bināʾ, assim como em Cowan, que se dedica ao tema na lição V, em que trata da declinação. Na referida lição, o arabista divide três declinações: pertence à primeira a maioria dos substantivos e adjetivos, tanto no singular como no plural externo, que se flexionam nos três casos, com suas terminações originais; à segunda pertence a maioria dos nomes próprios, certos adjetivos e plurais externos que não admitem nunação. Nessa declinação, há duas desinências apenas (أَلَاءٌ e أَلَاءُ), pois نَصْبَ naṣb e جَرَّ jarr são igualmente marcadas nos nomes próprios, substantivos e adjetivos indeterminados. A terceira declinação possui uma única terminação para os três casos, determinado/indeterminado. A descrição de Cowan é clara e de fácil compreensão, o inconveniente, a nosso ver, é que autor omite o par contrastivo acima, um conceito importante para o aprendizado e entendimento do funcionamento da língua.

Wright é uma referência ainda hoje para os especialistas ocidentais modernos. Ele aborda o assunto no subcapítulo dedicado à declinação dos nomes, subdivide-os em *triptotes* e *diptotes*, apresentando uma lista longa e completa sobre todas as possibilidades de declinação. Périer segue o mesmo caminho, mas divide as declinações em cinco. Corriente, ao explicar as anomalias morfológicas da flexão nominal, toca no tema de forma particularizada, sem mencionar os termos “declinação”, إعراب, ’iʿrāb, بناء binā’, ele vai tecendo considerações sobre as alterações morfológicas do nome e o que as motivam, citando somente o termo *diptoto*. Haywood e Nahmad dedicam 1/3 de página ao assunto e definem إعراب, ’iʿrāb como “declinação”, sem tecer maiores explicações para o leitor,

As melhores descrições do ponto de vista do aprendiz estrangeiro pela riqueza de informações e clareza de sua apresentação foram encontradas em Ryding e Alhawarī. Ambos mencionam o termo إعراب, ’iʿrāb, designando-o por meio de uma paráfrase, uma vez que “declinação” ou “desinências/terminações” não o definem. Ryding não recorda a contraparte بناء binā’, contudo, sua explanação é didática e minuciosa. A autora distingue oito declinações, dentre as quais inclui os nomes مَبْنِيَّة mabnyyia, sem citar o termo. Com uma abordagem morfossintática, ela explica sobre a morfologia dos nomes, sua declinação e a função sintática dos vocábulos nas sentenças.

Alhawarī, talvez por ser árabe, expõe a divisão exatamente como aprendemos no mundo árabe ou encontramos em fontes para nativos. Ele cita a bipartição maior إعراب, ’iʿrāb, بناء binā’, e, a partir daí, tece suas considerações, definindo os elementos pertencentes a cada grupo. As tabelas apresentadas para resumir a teoria dada são claras, autoexplicativas.

Tendo em vista as informações acima, sugerimos o seguinte verbete:

Variação das desinências de caso (nos nomes declináveis) e de modo (nos verbos imperfectivos) após sua inserção no discurso.	Trata-se da flexão desinencial em nomes declináveis e verbos imperfectivos, marcando o caso, nos primeiros, e o modo, nos segundos. Os nomes árabes podem ser subdivididos em مُعَرَّبَةٌ <i>mu^craba</i> , declináveis, e مَبْنِيَّةٌ <i>mabnyyia</i> , indeclináveis. A maioria dos substantivos, adjetivos e participios são declináveis.	al'i ^c rāb	الإعراب
[البناء، q.v. الفعل المضارع]	O aluno novo partiu. Encontrei o aluno novo. Cumprimentei o aluno novo.	حَضَرَ الطَّالِبُ الْجَدِيدُ. قَابَلْتُ الطَّالِبَ الْجَدِيدَ. سَلَّمْتُ عَلَى الطَّالِبِ الْجَدِيدِ.	

III أسماء المكان والزمان 'asmā' almakān wazzamān

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt	Proposta de harmonização
أَسْمَاءُ الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ 'asmā' almakān wazzamān	Substantivo comum	Substantivo de lugar ou de tempo
<p>DT: “Nome de lugar: é um nome derivado do verbo que assinala o local de acontecimento da ação verbal.</p> <p>Nome de tempo: é um nome derivado de verbo que assinala o tempo de acontecimento da ação verbal.”</p>	<p>DT: “Substantivo é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos <i>objetos substantivos</i>, isto é, em primeiro lugar, substâncias (<i>homem, casa, livro</i>) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidade (<i>bondade, brancura</i>), estados (<i>saúde, doença</i>), processos (<i>chegada, entrega, aceitação</i>) [...] SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes à dada classe: <i>homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa</i>. [...]”</p>	<p>TL⁵⁵: زَمَان – tempo, época, momento.</p> <p>مَكَان – local, lugar, paradeiro, espaço, sítio, ponto.</p>
Fonte: Alma ^{arī} , 2002, v. 10, p. 64.	Fonte: Bechara, 2009, p. 112-113.	Fonte: Sabbagh, 2011, p. 354 e 672.
<p>Ex.:</p> <p>مَلْعَب ← مَكَان اللَّعْبِ</p> <p>مَسْبَح ← مَكَان السَّبَّاحَةِ</p>	<p>Ex.: Entrega, chegada, segunda-feira.</p>	

⁵⁵ A primeira palavra desse sintagma terminológico significa “nomes” e é o plural da palavra إسم ism. Serão traduzidas nesse campo as duas outras palavras que compõem o sintagma.

مَطَّع ← زَمَانُ طُلُوعِ الشَّمْسِ مَغْرَب ← زَمَانُ غُرُوبِ الشَّمْسِ					
TR: Estádio → local do jogo Piscina → local de nadar (o) Amanhecer → o momento do nascer do sol (o) Anoitecer → o momento em que o sol está se pondo		In ₁₉₆₅	<i>Noun of place and time</i>	Remissiva: الاسم، المشتق	
Pt ₁₇₇₄	Nome de lugar e de tempo	In ₂₀₀₅	<i>Noun of place</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Nom de lieu et de temps</i>
Pt ₂₀₀₇	Nome de lugar e/ou de tempo	In ₂₀₁₁		Dic ₁₉₇₃	<i>Noun of place, nomen loci. Noun of time, nomen temporis</i>
In ₁₈₅₉	<i>Nomina loci et temporis</i>	Es ₁₉₉₂	-	Dic ₁₉₈₃	<i>Toponymic</i> -
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Nom de lieu et temps</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Noun of place. Noun of time.</i>

O termo que estudamos pode confundir alunos estrangeiros, porque sua definição iguala-se, basicamente, a de outros dois termos, **darfā** *almazān* *ظَرْفَا الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ*, **wazzamān, os quais serão detalhados quando o tema **almazfūl** *المَفْعُولُ فِيهِ* *fīhi* for analisado; e porque nos manuais nativos pesquisados não são encontradas notas que resumam e expliquem as diferenças e semelhanças existentes entre ambos os termos.**

A teoria gramatical árabe assim define os termos:

É o nome derivado de verbo <u>que assinala o lugar do acontecimento da ação verbal.</u>	إِسْمُ الْمَكَانِ ism almakān
É um nome acusativo <u>que indica o lugar do acontecimento da ação verbal.</u>	ظَرْفُ الْمَكَانِ <u>darf</u> almakān

Tabela 24 - Definição de إِسْمُ الْمَكَانِ ism almakān e ظَرْفُ الْمَكَانِ darf almakān.

Observamos a equivalência de semas nas definições apresentadas que diz respeito ao fato de ambos os termos indicarem “o lugar de acontecimento da ação verbal”. O diferencial está na oração principal dos enunciados, em que se assinala que o primeiro termo faz parte do grupo dos nomes derivados de verbo, podendo flexionar-se em qualquer um dos três casos árabes, a depender do seu papel sintático. Já o segundo termo, não é um nome derivado de verbo e estará sempre flexionado no caso acusativo. Vejamos os exemplos abaixo.

جَبَلٌ عَرَفَاتٍ مَوْعِدُ الْحُجَّاجِ.

O vocábulo مَوْعِدُ é derivado do verbo وَعَدَ, que significa “prometer”. Nesse caso, o substantivo derivado indica o local do acontecimento da promessa daqueles muçulmanos que peregrinam à Meca e se encontram no monte.

Monte Arafat é o lugar da promessa dos peregrinos.

مَرَّ بِمَجْلِسِ النَّوَابِ رَجُلٌ مُهِمٌّ.

A construção مَجْلِسِ النَّوَابِ significa “parlamento”, no entanto, o vocábulo sublinhado, etimologicamente, significa “o local onde se sentam e se reúnem”. Essa é uma palavra derivada do verbo trilítero جَلَسَ “sentar”, logo, o substantivo derivado indica o local do acontecimento da ação verbal.

Caminhou pelo Parlamento um homem importante.

يَقِفُ الرَّجُلُ أَمَامَ الْبَيْتِ.

Nesses dois exemplos, temos os vocábulos فَوْقَ e أَمَامَ que indicam o lugar onde o homem e o urso estão parados. Contudo, nenhuma dessas palavras indicativas, de onde se deu a ação verbal, é derivada de verbo. Repare, também, que ambas são regidas em acusativo, independente de sua posição na sentença.

O homem está parado em frente à casa.

يَقِفُ الدَّبُّ فَوْقَ السَّيَّارَةِ.

O urso está parado em cima do carro.

Vejamos a contraparte temporal:

É o nome derivado de verbo <u>que assinala o tempo do acontecimento da ação verbal.</u>	إِسْمُ الزَّمَانِ ism azzamān
É um nome acusativo <u>que indica o tempo do acontecimento da ação verbal.</u>	ظَرْفُ الزَّمَانِ <u>darf</u> azzamān

Tabela 25 - Definição de إِسْمُ الزَّمَانِ ism azzamān e ظَرْفُ الزَّمَانِ darf azzamān.

Verificamos aqui a mesma equivalência e variação de semas nas definições apresentadas, o que muda é que esses termos acima indicam o tempo em que ocorre a ação verbal e não mais o local. Vejamos os exemplos abaixo:

O vocábulo مُجْتَمِعٌ é derivado do verbo اجْتَمَعَ, que significa “reunir”. Nesse exemplo, o substantivo derivado indica o momento de reunião dos peregrinos.

مُجْتَمِعُ الْحُجَّاجِ يَوْمَ عَرَفَةَ.

A reunião dos peregrinos é no dia de Arafa.

Vimos que o vocábulo مَوْعِدٌ é derivado do verbo وَعَدَ, nesse caso, a melhor acepção para o substantivo derivado é “horário”, que indica o momento em que o jovem vai ao correio. Repare que uma mesma palavra pode significar lugar ou tempo, de acordo com o contexto em que está inserido.

كَانَ الشَّابُّ يَأْتِي إِلَى مَكْتَبِ الْبَرِيدِ فِي مَوْعِدٍ مُنْتَظِمٍ.

O jovem vinha ao correio no

horário regular.

Os vocábulos صَبَاحًا e شِتَاءً são nomes acusativos que indicam, respectivamente, “quando cai a chuva” e “nasce o sol”, isto é, o momento de acontecimento da ação verbal. Entretanto, nenhum desses vocábulos derivam-se de verbos.

تَتَسَاقَطُ الْأَمْطَارُ شِتَاءً.

A chuva cai no inverno.

تُشْرِقُ الشَّمْسُ صَبَاحًا.

O sol nasce de manhã.

Concluímos, então, que a diferença fundamental entre أَسْمَاءُ الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ 'asmā' almakān wazzamān e ظَرْفَا الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ darfā almakān wazzamān não está na semântica

dos termos e sim na sua morfossintaxe, em que os primeiros são obrigatoriamente substantivos derivados de verbos trílteros ou com mais de três letras radicais, e os segundos são, também obrigatoriamente, nomes acusativos. Semanticamente, os pares são bastante semelhantes, uma vez que indicam ora o lugar, ora o momento em que se dá a ação expressa pelo verbo.

Como dissemos, أسماء المكان والزمان 'asmā' almakān wazzamān são nomes derivados de verbos triconsonantais ou com mais de três letras radicais e, para cada caso, há um paradigma específico. Verbos de três letras formam esses substantivos segundo o paradigma مَفْعَل maf'āl ou مَفْعِل maf'il. Já verbos com mais de três consoantes radicais, formam esses substantivos de acordo com o paradigma مُـ ـ ـ ـ de اسم المفعول ism maf'ūl ou participípio.

As noções de tempo e lugar, em português, geralmente, são expressas por meio da heterogênea classe dos advérbios que, na maioria das vezes são empregados para “localizar no tempo e no espaço os objetos a que fazemos referência em nossos discursos” (AZEREDO, 2010, p. 193). Ainda segundo o autor citado, os advérbios, normalmente, estão ancorados na situação comunicativa ou no próprio texto, como, por exemplo, “aqui, lá, ontem, hoje”. Tal função não está restrita aos advérbios. Empregamos, por exemplo, substantivos e adjetivos para executar esse papel, como nas orações: “Domingo, nos vemos na missa.” ou “Esse é um trabalho provisório.” em que os termos sublinhados indicam uma circunstância de tempo; e em “Segundo números oficiais, Fercal é a cidade satélite mais perigosa de DF.”, temos um adjetivo localizando espacialmente a cidade citada. Da mesma forma, vimos que o termo árabe em análise são nomes, mais precisamente, substantivos que localizam no tempo ou no espaço o objeto referido no discurso e onde e quando se deu a ação do verbo de origem.

Vejamos como os gramáticos arabistas se posicionaram quanto ao tema. Abrantes (1774) chama أسماء المكان والزمان 'asmā' almakān wa azzamān de “o nome de lugar e de tempo”. Com um enfoque basicamente morfológico, Abrantes descreve todas as regras de formação desse nome. Wright (1859, p.119) utiliza um termo árabe concorrente não mencionado nas gramáticas nativas pesquisadas, أسماء الظرف 'asmā' 'adḍarf ou “o nome da circunstância”. Ao justificar esse termo, ele diz que o lugar e o tempo são “embarcações nas quais a ação e o estado estão contidas”. Wright propõe um equivalente em latim, que significa “os nomes de lugar e tempo”, e descreve como se dá

a derivação desse nome a partir do verbo trilítero primitivo e dos verbos com mais de três letras.

A definição de Périer (1911) para o “nome de lugar e tempo” é morfossemântica, porque ele o define como sendo um nome derivado do imperfectivo do verbo que indica o lugar e o tempo em que a ação se produz. Haywood e Nahmad (1965) também denominam o termo em estudo de “nome de lugar e tempo”. Percebemos, no entanto, uma preocupação maior com os estudantes, talvez, por isso, eles enfoquem a semântica e o uso do termo, ao invés de focarem apenas na formação desses nomes derivados.

Corriente (1992) não faz menção ao termo. Ryding (2005, p. 86) desconsidera a segunda possibilidade do termo, isto é, a noção temporal, e classifica-a apenas como “nome de lugar”. Ela afirma que “certos paradigmas fazem menção ao lugar onde atividades específicas de verbos ocorrem” e, a partir daí, ela descreve esses paradigmas.

Cowan (2007) chama o termo de “nome de lugar e/ou de tempo”, apresentando os paradigmas possíveis derivados de verbos trilíteros, bem como a forma comum de plural مَفَاعِلَ mafā'il. O autor alerta que o nome derivado pode funcionar como nome de lugar ou de tempo, e que somente a prática ou a consulta ao dicionário indicará realmente de qual significado se trata. Os exemplos dados são bons, porque mostram a lexicalização de certos nomes, como, por exemplo, مَجْلِسَ majlis “lugar de se sentar” que se lexicalizou em “conselho”, ou مَدْرَسَة madrasa “lugar de estudo e leitura” que se tornou “escola”, contudo, todos os exemplos ilustram apenas o nome de lugar, o que acaba gerando uma lacuna na compreensão do leitor mais atento.

Alhawarī (2011, p. 246) diz assim “o nome de tempo e de lugar são normalmente derivados de verbos para indicar o tempo ou lugar da ação verbal, embora a forma derivada seja mais usada como um nome de lugar”. Encontramos aí uma justificativa para Ryding não mencionar o nome de tempo e para Cowan não ter citados exemplos com essa acepção.

Partindo-se do princípio de que foram encontrados exemplos plausíveis tanto como circunstancial de tempo e de lugar nos manuais nativos, manteremos ambas as acepções. No entanto, ao invés de considerar o equivalente “nome”, propomos que seja especificado como “substantivo”, já que vimos nos exemplos traduzidos que se trata dessa classe de palavras. Sugerimos o equivalente “substantivo de lugar ou de tempo”,

assinalando que a conjunção alternativa “ou” foi preposta a “e”, porque, quando o nome derivado é inserido na situação comunicativa, pode indicar a noção temporal ou locativa.

Substantivo de lugar ou de tempo	<p>É um nome derivado de verbo, tríltero ou com mais de três letras, que indica o lugar ou o momento do acontecimento da ação verbal. O leitor distinguirá se o nome se refere ao tempo ou ao lugar da ação verbal pela situação comunicativa.</p> <p>Morfologicamente, dos verbos trílteros derivam-se os paradigmas مَفْعَل maf'al, caso a vocalização da segunda radical no imperfectivo seja - fatha ou - damma, e مَفْعِل maf'il, caso a vocalização da segunda radical no imperfectivo seja - kasra. Os verbos com mais de três letras radicais formam esse nome seguindo o paradigma do particípio ou اسم المفعول ism almaf'ul — مُفْعَلٌ — مُفْعِلٌ . Sintaticamente, esses substantivos podem ser flexionados em quaisquer dos três casos nominais, a depender de sua função na sentença.</p>	'asmā' almakān wazzamān	اسْمُ الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ
[الاسم، المشتقّ q.v.]	<p>1. Estádio → local do jogo</p> <p>2. Piscina → local de nadar</p> <p>3. (O) Amanhecer → o momento do nascer do sol</p> <p>4. (O) Anoitecer → o momento em que o sol está se pondo</p>	<p>1. مَلْعَبٌ ← مَكَانُ اللَّعْبِ</p> <p>2. مَسْنَجٌ ← مَكَانُ السَّيَاحَةِ</p> <p>3. مَطْلَعٌ ← زَمَانُ طُلُوعِ الشَّمْسِ</p> <p>4. مَغْرَبٌ ← زَمَانُ غُرُوبِ الشَّمْسِ</p>	

	<p>5. Deus fez os dias da peregrinação uma <u>promessa</u> para reunir os muçulmanos. (substantivo temporal)</p> <p>6. O Monte Arafat é o local da <u>promessa</u> dos peregrinos. (substantivo locativo)</p>	<p>5. جَعَلَ اللهُ أَيَّامَ الْحَجِّ مُوعِدًا لِتَجْمُعِ الْمُسْلِمِينَ.</p> <p>6. جَبَلُ عَرَفَاتٍ مُوعِدُ الْحُجَّاجِ.</p>	
--	---	--	--

- c) Não-equivalência: nesta hipótese, acreditávamos também que a ficha terminológica a ser utilizada seria a ficha 3, para não-equivalências, no entanto, observamos que, após a análise de certos termos que julgávamos haver equivalência, a expectativa não foi alcançada.

I الجَمْع التَّكْسِير aljam^c attaksīr

Termo gramatical		Possível equivalência em Pt		Proposta de harmonização	
الجَمْع التَّكْسِير aljam ^c attaksīr		Ø		Plural interno	
<p>DT₁: “[...] temos o plural fracto, que é formado de acordo com padrões variáveis mediante às alterações de vogais dentro e fora da raiz formada por consoantes.”</p> <p>DT₂: “O plural quebrado ou interno é altamente característico em nomes e adjetivos árabes. Ele envolve uma mudança de padrões vocálicos dentro das letras radicais da palavra em si, como em inglês <i>man/men, foot/feet, mouse/mice</i>. Ele pode envolver também a afixação de uma consoante extra (normalmente o <i>hamza</i> ou <i>waw</i>)”[...].</p>				<p>TL: Fracionamento, fragmentação, fratura, quebra, quebramento.</p>	
<p>Fonte₁: Cowan, 2007, p. 29.</p> <p>Fonte₂: Ryding, 2005, p. 144.</p>		<p>TR: Escola – escolas</p> <p>Caneta – canetas</p> <p>Espada – espadas</p> <p>Homem – homens</p>		<p>Fonte: Sabbagh, 2011, p. 195.</p>	
<p>Ex.: مدرسة – مَدَارِس</p> <p>قَلَم – أَقْلَام</p> <p>سَيْف – سُيُوف</p> <p>رَجُل - رِجَال</p>		<p>In₁₉₆₅</p>	<p><i>Broken plural</i></p>	<p>Remissiva: الإِسْم، الجَمْع السَّالِم</p>	
<p>Pt₁₇₇₄</p>	<p>Plural fracto</p>	<p>In₂₀₀₅</p>	<p>“Broken” <i>internal plural</i></p>	<p>Voc₁₉₀₈</p>	<p><i>Pluriel irrégulier</i></p>

Pt ₂₀₀₇	Plural fracto ou interno	In ₂₀₁₁	<i>Irregular or “broken” plural</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Broken or fractus plural</i>
In ₁₈₅₉	<i>Broken plural</i>	Es ₁₉₉₂	<i>Plural fracto o irregular</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Broken plural</i>
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Pluriel irrégulier</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Broken plural</i>

Esse plural é o mais comum para a maioria de substantivos, adjetivos e participios árabes, e não o plural externo, com uma formação previsível. Embora não haja uma regra prevista para a forma final dos nomes que se flexionam segundo esse tipo de plural, os gramáticos reconhecem que há uma regularidade nas estruturas dos “padrões vocálicos” ou paradigmas em que a raiz consonantal será inserida. Isso porque para se formar esse plural, “quebra-se” a integridade da base consonantal trilítera ou quadrilítera para inserir afixos (prefixos, infixos e sufixos). Esses afixos, também são chamados de “letras servis”, porque assumem uma função gramatical, e foram reunidos pelos gramáticos, como ferramenta de ensino/ aprendizagem da língua, na seguinte palavra mnemônica سألتمونيها sa’alt^umūnīhā, como recorda Cowan (2007, p. 33).

Tanto os gramáticos pesquisados, como os professores de árabes aconselham que um estudante aprenda, desde o início, as formas de singular e plural paralelamente, para que, com o uso, o aprendiz fixe as formas correspondentes. Mesmo assim, a maneira mais segura para determinar as formas de plural é consultar um bom dicionário geral de língua. Ryding (2005, p. 144-156) disponibiliza uma descrição clara, explicativa, coerente e completa sobre os diferentes paradigmas desse tipo de plural. Embora a leitura sobre tais paradigmas seja indicada, memorizá-los de forma descontextualizada, é decerto uma árdua tarefa.

Diferentemente do árabe, em língua portuguesa, o processo de pluralização das palavras se dá por meio da inserção de sufixos, marcas de plural, no radical singular. Há, todavia, uma palavra em nosso idioma que possuiria um plural em seu interior, trata-se do pronome “qualquer”, cujo plural é “quaisquer”. A explicação etimológica é que essa palavra se forma da junção do pronome *qual* e da 3ªp. singular do verbo *querer*, *quer*. Assim, de acordo com a regra, a consoante lateral de *qual* cai e, em seu lugar, entra a marca de plural *-is*, por isso *quaisquer*. Esse seria o plural português mais próximo à ideia do الجَمْع التَّكْسِير aljam^c attaksīr.

Terminologicamente, observamos que as opções de designação variam entre “quebrado”, “fracto”, “interno”. Os dois primeiros termos dizem respeito à ruptura, quebra ou fracionamento da raiz consonantal para a inserção dos afixos, entretanto, acreditamos que, ao ler “quebrado”, o consulente iniciante visualize primeiramente a acepção concreta desse adjetivo, o que pode gerar dúvidas. “Fracto” não faz parte do inventário lexical da língua portuguesa, por isso, também foi descartado como equivalente. Optamos por caracterizar esse plural com o adjetivo “interno”, porque há um paralelismo didático com o termo atribuído ao “plural externo”; e, por mais que o leitor seja iniciante, ao se deparar com o termo “plural interno”, acreditamos que ele será capaz de inferir, ao menos, a essência desse plural, que se dá por meio de alterações no interior da palavra.

Segue o verbete em questão:

Plural interno	O plural interno é extremamente comum na língua árabe e não mera exceção à regra do plural externo. Ele é formado pela inserção de afixos (prefixo, infixo e/ou sufixo) na raiz consonantal de substantivos, adjetivos e participípios masculinos ou femininos. Os padrões vocálicos formados pelos afixos são chamados de paradigmas, e, por serem muitos, aconselha-se a pesquisa em dicionário de língua para determinação do plural exato. Sintaticamente, a concordância entre substantivo inanimado, plural (cujo gênero no singular seja masculino ou feminino) dá-se com adjetivo feminino e singular.	aljam ^c attaksīr	الْجَمْعُ التَّكْسِير
[الاسْمُ، الْجَمْعُ السَّالِمُ q.v.]	مَدْرَسَة – مَدَارِس	Escola – escolas	

	قَلَمٌ – أَقْلَام	Caneta – canetas	
	سَيْفٌ – سِيُوف	Espada – espadas	
	رَجُلٌ – رِجَال	Homem- homens	

II التَّنْوِين attanwīn

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt	Proposta de harmonização
التَّنْوِين attanwīn	Artigo indefinido	{-n} de indeterminação, <i>nunação</i>
DT: “Quando as três vogais breves (sinais diacríticos) são escritas duplicadas no final da palavra, por exemplo: كَلْبٌ, كَلْبًا, كَلْبِ, representam as três terminações dos três casos (nominativo, acusativo e genitivo) de um nome ou adjetivo <i>indefinido</i> completamente declinado [...]. A segunda vogal é pronunciada “n”. [...] Este processo de dobrar a vogal final é chamado de <i>tanwīn</i> ou de <i>nunação</i> como foi denominado por orientalistas, ou seja, relativo ao nome da letra <i>n</i> em árabe (nūn).”	DT₁: “Dá-se o nome de ARTIGOS [indefinidos] às palavras [...] <i>um</i> (com as variações <i>uma, uns, umas</i>), que antepõem aos substantivos para indicar: [...] b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie a qual não se fez menção anterior: [...] O artigo indefinido provém do numeral latino <i>unus, una, unum</i> , que exprimia unidade. Esse valor numeral, embora enfraquecido em “um certo”, transparece ainda hoje nos diversos empregos das formas do singular (<i>um, uma</i>), principalmente no mais comum deles, qual seja, o de apresentar o ser ou o objeto expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida. [...]”	TL₁: <i>Nunação</i> (mecanismo de indeterminação dos nomes em árabe) <i>Gram.</i> TL₂: El morfema /n#/ de indeterminación.
Fonte: Cowan, 2007, p. 15.	Fonte₁: Cunha e Cintra, 2001, p. 205, 237.	Fonte₁: Sabaggh, 2011, p. 206. Fonte₂: Corriente, 1991, p. 792.
Ex.: كَلْبٌ كَلْبًا كَلْبِ	Ex.: A obra atrasou em virtude de uns operários terem se acidentado.	
TR: um cachorro (nominativo), (acusativo),	In₁₉₆₅ <i>Nunation</i>	Remissiva: الاسم، التَّنْكِرة

(genitivo), respectivamente.					
Pt ₁₇₇₄	<i>Attanuino</i>	In ₂₀₀₅	<i>Nunation or Tanwīn</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Nunnation, tanouine</i>
Pt ₂₀₀₇	<i>Tanwīn</i> ou <i>nunação</i>	In ₂₀₁₁	<i>Nunation</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Nunation, tenwin, tanwin</i>
In ₁₈₅₉	<i>Tènwīn</i> or <i>nunation</i>	Es ₁₉₉₂	<i>{-n} de indeterminación</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Nunation</i>
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Tanouine</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Modulation</i>

O termo التَّنْوِين *attanwīn* nada mais é do que o morfema que expressa a indeterminação em árabe, isto é, que torna os nomes indeterminados, e que, simultaneamente, indica em qual dos três casos o nome está flexionado. Em árabe, o substantivo isolado é tido como indeterminado, não específico, inexato, como os exemplos apresentados na ficha. Quando inserido num contexto, o nome, a depender de sua função na sentença, seleciona uma das terminações vocálicas indicativas dos três casos, que podem ser: duplas: {-un} *—*, {-an} *—* e {-in} *—*, quando for indeterminado; ou simples {-u} *—*, {-a} *—* e {-i} *—*, quando o substantivo for determinado. Lemos em Cowan (2007, p. 15) que “a duplicação da vogal escrita produz um efeito fonético de vogal + som ‘n’”, e a esse processo a tradição ocidental costumou chamar de *nunação*, nosso próximo termo.

Podemos compará-lo, semanticamente, com os ‘artigos indefinidos’ portugueses, por causa da propriedade de indicar indeterminação do substantivo, ou melhor, “falta de notoriedade, desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.” (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 211)

Observamos, na ficha acima, que arabistas transpuseram para suas línguas o conceito de التَّنْوِين *attanwīn*, que significa ser “relativo ao nome da letra *n*”, como *nunação*, um neologismo terminológico formal a fim de suprir a lacuna existente nas línguas ocidentais. Dos gramáticos pesquisados, apenas dois tiveram um comportamento diferente dos demais: Corriente e Addaḥḍāḥ. Este optou pelo equivalente *modulation*, talvez pelo fato de haver uma variação fonética, uma ondulação de tons das terminações

{-un} َـ, {-an} َـ e {-in} َـ. Aquele criou um equivalente morfológico e chamou o termo em análise de {-n} *de indeterminación*.

Seguiremos a proposta de Corriente, mas manteremos o termo *nunação* já que se encontra consagrado nos estudos sobre a língua árabe. A seguir, vide a proposta do verbete:

{-n} indeterminação, <i>nunação</i> .	de	É o processo de duplicação da vogal final dos nomes: {-un} َـ, {-an} َـ e {-in} َـ A segunda vogal é pronunciada como “n”. A presença da <i>nunação</i> indica indeterminação. As três terminações indicam, simultaneamente, os casos (nominativo, acusativo e genitivo) de um substantivo, adjetivo ou particípio <i>indeterminado</i> completamente declinado.	attanwīn	التَّنْوِين
[الإسم، النكرة، q.v.]		Um cachorro (nominativo), (acusativo), (genitivo), respectivamente.	كَلْبٌ كَلْبًا كَلْبٍ	

III الرَّفْع arrafʿ

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt	Proposta de harmonização
الرَّفْع arrafʿ	Ø	Nominativo
<p>DT₁: “Nominativo ou independente, marcado com {-u} final (seguido de {-n} de indeterminação, se houver; é o caso em que se encontra todo o nome que não depende sintaticamente de nenhuma outra palavra.”</p> <p>DT₂: “A flexão nominativa (tipicamente <i>-u</i> ou <i>-un</i>, <i>-ūna</i> no sufixo de plural masculino externo, ou <i>-āni</i> no sufixo de dual) tem cinco funções-chave. Ela marca o sujeito da sentença verbal, sujeito e predicado de sentenças equacionais, certos advérbios de lugar, o vocativo e formas de citação.”</p>		TL: No regime de sujeito. <i>Gram</i>
<p>Fonte₁: Corriente, 1992, p. 65.</p> <p>Fonte₂: Ryding, 2005, p. 169.</p>	<p>TR:</p> <p><u>Muhammad</u> escreveu.</p> <p>O <u>livro</u> foi escrito.</p> <p>As <u>informações</u> estão erradas.</p> <p>Ó <u>Rashid</u>.</p>	Fonte: Sabbagh, 2011, p. 628.
<p>Ex.:</p> <p>كَتَبَ مُحَمَّدٌ.</p> <p>كَتَبَ الْكِتَابُ.</p>	<p>In₁₉₆₅ <i>Nominative</i></p>	<p>Remissiva: الإِعْرَابُ، الْفِعْلُ الْمُضَارِعُ المَرْفُوع</p>

المَعْلُومَاتُ خَائِطَةٌ. يا رَشِيدُ.					
Pt ₁₇₇₄	Nominativo	In ₂₀₀₅	<i>Nominative</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Nominatif (nom)</i>
Pt ₂₀₀₇	Nominativo	In ₂₀₁₁	<i>Nominative</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Nominative</i>
In ₁₈₅₉	<i>Nominative</i>	Es ₁₉₉₂	<i>Nominativo</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Nominative</i>
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Nominatif</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Regularity. With regular ending</i>

O termo الرَّفْعُ *arrafc* designa o primeiro caso árabe, cuja marca morfológica padrão é o ضَمَّةٌ *ḍamma* {-u} final, para o nome singular determinado, ou seguido pelo {-n} de indeterminação, quando assim o for. Se o nome estiver no dual ou plural (determinado ou indeterminado), temos ainda as terminações {-āni} e {-ūna}, respectivamente.

Verificamos que الرَّفْعُ *arrafc* possui um termo concorrente, المَرْفُوع *almarfūc*, usado para denominar o caso em si ou para qualificar tanto o nome declinado, como o modo verbal indicativo. Por esse motivo, indicamos na remissiva, além do termo principal الإِعْرَاب *al-ʿirāb*, outro relativo aos verbos imperfectivos, para que o leitor fique atento ao fato de que esse termo se aplica à classe dos nomes, mas a dos verbos também.

Observamos na ficha terminológica acima que há consenso entre os especialistas pesquisados a respeito do equivalente “nominativo”, com exceção de Addaḥḍāḥ que sugere o termo “regularidade” como equivalência. No entanto, ao ler o verbete proposto no dicionário da nomenclatura gramatical árabe (1993, p. 305), ele define “regularidade”, em sintaxe, como sendo a situação natural da palavra independente, livre da influência de outros elementos numa sentença, marcada pelo morfema {-u}, situação essa chamada por Corriente de “independente” e por Ryding de “forma de citação”.

Para definir esse termo, Corriente e Ryding apresentam características morfológicas e sintáticas específicas. Essas dizem respeito às funções possíveis que os nomes podem executar numa sequência, como sujeito, predicado de sentenças equacionais (ou “frases nominais”, termo a ser discutido adiante), vocativo. Aquelas consistem no morfema final {-u} (seguido de {-n} de indeterminação, se houver) para

nomes substantivos, adjetivos, particípios masculinos e femininos no singular. Ryding salienta também as terminações nominativas para o plural externo masculino e o dual.

Ryding diz que “certos advérbios” estão no caso nominativo, isso porque a autora inova a classificação e não separa as unidades lexicais árabes em مُعْرَبَةٌ *mu‘raba* (relativo a إِعْرَابٌ *‘i‘rāb*) ou مَبْنِيَّةٌ *mabnyyia* (relativo a بِنَاءٌ *binā’*). Para nós, tais advérbios, como, por exemplo, مُنْذُ *mund-u* (desde), هَيْتُ *hayt-u* (onde), são classificados como مَبْنِيَّةٌ *mabnyyia*, porque não variam sua terminação final.

Não possuímos, em língua portuguesa, um sistema de marcação de casos, como havia em latim. A função sintática do vocábulo é determinada por sua posição na sentença e por sua relação com os elementos circundantes. Um resquício dos casos latinos pode ser encontrado, em nosso idioma, quando estudamos, por exemplo, o pronome pessoal do *caso reto*, aqueles que ocupam a posição de sujeito da oração.

Mattoso Câmara Jr. (1985, p. 69) divide os casos remanescentes, nas línguas indo-europeias modernas, em reto, ou nominativo, para o sujeito; e oblíquo, para adjuntos e complementos. Em árabe, الرَّفْعُ *arraf‘* ou المَرْفُوعُ *almarfū‘*, apesar de indicarem primariamente a função de sujeito, conforme lemos em Bohas et al. (2006, p. 54), podem indicar outras funções também, por isso, não optamos pelo equivalente “caso reto”.

Decidimos manter o equivalente “nominativo” para designar esse caso, mesmo com as considerações de Haywood e Nahmad (1965, p. 33) para o fato de que, às vezes, a tradução para inglês, e, por que não para outras línguas indo-europeias, da terminologia dos casos pode conduzir a interpretações equivocadas ao comparar as funções sintáticas do árabe com as de outro idioma, que podem não ser equivalentes. Se observarmos as orações abaixo:

Mesma função em ambas as línguas: SUJEITO verbal

اتَّفَقَ الوزراء على التعاون.

Os ministros concordaram com a cooperação.

Função: SUJEITO nominal e PREDICATIVO do sujeito

المَعْلُومَاتُ خاطئة.

As informações estão erradas.

Função: VOCATIVO

يَا رَشِيدُ

Ó Rashīd!

Função: SUJEITO passivo

كُتِبَ الْكِتَابُ

O livro foi escrito.

Verificamos que, das cinco funções sintáticas apontadas para o nominativo em árabe, em três delas, a saber, sujeito verbal, nominal e passivo, há equivalência direta com o português. A segunda sentença, chamada por Ryding de “equacional”, possui a estrutura de Nome (determinado) + Nome (indeterminado), ambos no caso nominativo, em que o segundo nome atribui um comentário a respeito do primeiro. Não há verbo explícito, porque o verbo “ser”, em árabe, normalmente não é escrito no presente, mas facilmente interpretável. Essa estrutura assemelha-se diretamente com as nossas compostas por sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito, em que tanto o nome indeterminado, da estrutura árabe, quanto o predicativo do sujeito atribuem um comentário ao sujeito.

O vocativo português é uma função sintática que descende do caso vocativo latino. Usado no discurso direto, ele consiste num “chamamento, invocação ou interpelação referente a pessoas, animais ou seres personificados, tratados como 2ª pessoa do discurso” (HAUY, 2014, p. 1154). Em árabe, o equivalente ao vocativo da língua portuguesa, isto é, النداء *annidā'* é também expresso pelo caso nominativo.

A cautela sugerida por Haywood e Nahmad é necessária, por se tratar de sistemas diferentes e dotados de particularidades, contudo, seguiremos o equivalente “nominativo” já harmonizado entre os especialistas ocidentais para o termo em estudo, principalmente, porque observamos pelos exemplos citados que não há incoerência para seu emprego. Assim, propomos o seguinte verbete:

Nominativo	<p>Trata-se do caso que exprime a função sintática de sujeito (nominal ou verbal), predicativo do sujeito, vocativo, sujeito passivo.</p> <p>Morfologicamente, possui as terminações de: <i>damma</i> ضَمَّة {-u} — ou seguido de {-n} — de indeterminação, se houver; {-ūna} وْنَ no plural masculino externo; ou {-āni} اَنِ no dual, determinado e indeterminado. O termo concorrente المَرْفُوع <i>almarfū</i>^c pode designar tanto o nome declinado no nominativo, quanto o verbo imperfectivo no modo indicativo.</p>	arraf ^c	الرَّفْع
[q.v. الإعراب، الفعل المصارع المرفوع]	<p><u>Muhammad</u> escreveu.</p> <p>O <u>livro</u> foi escrito.</p> <p>As <u>informações</u> estão <u>erradas</u>.</p> <p>Ó <u>Rashid</u>.</p>	<p>كُتِبَ مُحَمَّدٌ.</p> <p>كُتِبَ الْكِتَابُ.</p> <p>الْمَعْلُومَاتُ خَائِطَةٌ.</p> <p>يَا رَشِيدُ.</p>	

3.2 Da Partícula

Como sugerimos apenas 4 termos referentes à partícula para compor a nomenclatura de um dicionário terminológico, analisamos 3 deles como exemplo, sendo um para cada possibilidade. A classe da partícula é, naturalmente, menos numerosa do que as outras duas partes do discurso, por isso validamos as três possibilidades levantadas com apenas um exemplo, diferentemente do que ocorreu com as demais categorias.

Os termos analisados são:

Equivalência direta	Proposta de harmonização:
حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr	Preposição
Equivalência aproximada	Proposta de harmonização:
الْحَرْفُ alḥarf	Partícula (preposição, conjunção, advérbio, interjeição)
Não-equivalência	Proposta de harmonização:
الأَحْرُفُ الْمُشَبَّهَةُ بِالْفِعْلِ al'aḥruf almušabbahat bilfiʿl	Partícula 'inna e suas semelhantes

Tabela 26: Termos tese da classe da partícula

a) Equivalência direta:

I حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt	Proposta de harmonização
حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr	Preposição	Preposição
<p>DT: “De acordo com a teoria gramatical árabe, preposições não derivadas são os marcadores verdadeiros e fundamentais de localização e direção, também chamadas de حُرُوفُ الْجَرِّ ḥurūf aljarr, “partículas de atração”, porque elas atraem um substantivo (nome ou adjetivo) no caso genitivo ou um pronome sufixo. Essas preposições são um grupo limitado e invariável de itens lexicais.”</p>	<p>DT₁: “Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE). [...] Quanto à forma, as PREPOSIÇÕES podem ser a) SIMPLES, quando expressas por um vocábulo; b) COMPOSTAS (ou LOCUÇÕES PREPOSITIVAS), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma PREPOSIÇÃO SIMPLES (geralmente <i>de</i>).”</p> <p>DT₂: “Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência, isto é, não aparece sozinha no discurso [...], que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.”</p>	<p>TL: <i>Preposición.</i></p>

Fonte: Ryding, 2005, p. 366.		Fonte₁: Cunha e Cintra, 2001, p. 555. Fonte₂: Bechara, 2009, p. 296.		Fonte: Corriente (1992, p. 153)	
Ex.: 1. أَكَلْتُ بِالْمِعْلَقَةِ. 2. الْقَلَمُ عَلَى الطَّائِلَةِ. 3. وَقَعَ الطِّفْلُ عَنِ السَّرِيرِ.		Ex.: 1. Vou <u>a</u> Roma. 2. Todos saíram <u>de</u> casa. 3. Concordo <u>com</u> você. 4. Casa <u>de</u> Pedro. 5. Ai <u>de</u> mim! 6. Alguns <u>de</u> vocês.			
TR: 1. Comi <u>com</u> a colher. 2. A caneta está <u>sobre</u> a mesa. 3. A criança caiu <u>da</u> cama.		In ₁₉₆₅ <i>Preposition</i>			
Pt ₁₇₇₄	Preposição	In ₂₀₀₅	<i>Preposition</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Préposition</i>
Pt ₂₀₀₇	Preposição	In ₂₀₁₁	<i>Preposition</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Preposition</i>
In ₁₈₅₉	<i>Preposition</i>	ES ₁₉₉₂	<i>Preposición</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Preposition</i>
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Préposition</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Letter of reduction</i>

Considerando o panorama geral da ficha terminológica acima, notamos que apenas o dicionário de Addahāh (1993, p. 246), o qual atribui ao termo árabe o equivalente *letter of reduction* ou “letra de redução”, destoa das demais obras pesquisadas. Acreditamos que tal opção designativa tenha sido motivada por dois aspectos, basicamente: a) a tradução literal do termo حَرْف *harf*, que, em português, pode ser traduzido como letra ou partícula; e b) o fato de que estas partículas, (e não letras, nesse contexto), ao antecederem nomes (substantivos, adjetivos, pronomes), levam-nos

para o caso genitivo, cuja marca é o – kasra, uma terminação subscrita ao radical, daí, talvez, venha a acepção “redução”, já que “reduzir” pode ser sinônimo de “submeter”.

Quanto à abordagem dos gramáticos nativos, observamos que, em nenhuma das obras pesquisadas, os autores apresentaram um enunciado capaz de definir o termo em estudo, ao contrário, a definição foi dada a partir dos exemplos do que é considerado حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr pela tradição gramatical. Contudo, há em Alḥawṣ (1998, v. 2, p. 497-511) uma análise dos valores semânticos de cada uma das 17 حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr apontadas, como, ilustrado a seguir:

Valor semântico	Tradução	حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf 'aljarr	
Instrumento. Causa, explicação.	Por, com, em, a	بِـ	1
Finalidade temporal e espacial.	Até, para	إِلَى	2
Superioridade (concreta ou figurada)	Sobre	عَلَى	3
Distanciamento. Aposição, explicação.	De. Sobre	عَنْ	4
Circunstancial (local ou temporal).	Em, a	فِي	5
Início do objetivo, origem.	De	مِنْ	6
Especialização. Posse. Explicação.	Para, de	اللام	7
Comparação, semelhança.	Como	الكاف	8
Finalidade temporal e espacial.	Até, para	حَتَّى	9
Juramento.	Por	تَاءِ الْقَسَمِ	10
		وَإِوَاءِ الْقَسَمِ	11
Início do objetivo, origem.	Desde	مُنْذُ	12

		مَدَّ	13
Aumento ou diminuição.	Quão! Talvez, quicá.	رُبَّ	14
Exceção.	Exceto	خَلَا	15
		عَدَا	16
		حَاشَا	17

Tabela 27 - Preposições e valores semânticos, adaptação de Alḥawṣ (1998, v. 2, p. 497-511).

Os estudiosos salientam que os valores semânticos variam de acordo com o contexto, a oração em que a حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr está inserida, por exemplo:

نَعْلَبُ الْكُرَّةَ فِي الْمَلْعَبِ. e نَعْلَبُ الْكُرَّةَ فِي الْمَسَاءِ.

a) Jogamos bola à tarde.

b) Jogamos bola no estádio.

Nos exemplos acima, temos a mesma حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr, entretanto, com sentidos diversos: em a) a partícula فِي fī significa “a”, cujo valor semântico é localização temporal; já em b) a mesma partícula significa “em” e o sentido é espacial. Tal propriedade ocorre e é compartilhada com outras das partículas citadas na tabela 27, por esse motivo, os gramáticos alertam para os valores semânticos possíveis, assim como observamos em português.

حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr caracteriza-se, sintaticamente, por modificar o caso do termo subsequente a ela na oração, que deve ser, obrigatoriamente, um nome (equivalente a substantivo, pronome, adjetivo, em português), levando-o para o genitivo. Assim, a partícula e o nome genitivo juntos são regidos por um termo antecedente à própria partícula, que pode ser um verbo ou nome derivado de verbo, como maṣḍar e o particípio, por exemplo.

A tradição árabe costuma dividir, ainda, as partículas estudadas em dois grupos: a) as chamadas de الأصلية *alaṣlyyia*, as quais seriam as listadas de 1 a 8, e poderiam ser consideradas equivalentes às preposições essenciais da língua portuguesa, pois sua função será sempre levar o nome (substantivo, pronome, adjetivo) subsequente para o caso genitivo; b) as chamadas de الزائدة *azzā'ida*, numeradas de 9 a 17, as quais a depender do contexto comunicacional, podem assumir outras funções na língua, como, por exemplo, conjunção. Não encontramos, no entanto, uma regularidade e consenso nessa divisão entre os autores árabes pesquisados, como também, não encontramos, no material pesquisado, um critério claro que justifique a classificação.

Quanto aos gramáticos ocidentais pesquisados, Abrantes (1774), em sua descrição sobre as partículas, não utiliza o termo árabe حَرْفُ الْجَرِّ *ḥarf aljarr*, citando diretamente a equivalência “preposição”. A análise que o gramático português faz, parte de sua língua materna em direção ao árabe, e evidenciamos isso pelo comentário tecido na página 279, quando o autor menciona que os árabes exprimem as demais preposições portuguesas por meio de advérbios, ou seja, nomes regidos em acusativo, como, por exemplo, مَعَ *ma'a* “com”, تَحْتَ *taḥta* “sob”, فَوْقَ *fawqa* “sobre”. Abrantes classifica as partículas em geral em “separadas”, unidades lexicais independentes, e “ligadas”, aquelas prefixadas ao nome regido. Ao discutir sobre as preposições, o autor acaba sendo repetitivo, acrescentando ao leitor apenas a tradução de cada item.

Wright (1859), ao contrário de Abrantes, menciona o termo árabe e o equivalente “preposition”, ao lado do seguinte aposto “partículas de atração”, ou seja, partículas que regem o caso genitivo (p. 224). O autor apresenta e explica, também, o termo concorrente حُرُوفُ الْخَفْضِ *hurūf alḥafḍ* ou “partículas de redução”, semelhante ao referenciado por Addaḥāḥ. A justificativa dada é exatamente a marca vocálica do genitivo. O gramático divide as preposições em ligadas e separadas, e denomina os nomes acusativos citados por Abrantes de “preposições de segunda classe” (p. 226).

Na abertura do estudo morfológico das partes do discurso, Périer (1911) divide a partícula árabe em “artigo, conjunção, preposição, advérbio e interjeição”, conforme salientamos previamente. Quando do estudo das preposições, o gramático francês descreve o valor semântico das principais preposições a seu ver, que inclui os números de 1 a 9 da tabela acima, além de dois nomes acusativos que, segundo a tradição árabe não são classificados como partícula, a saber, مَعَ *ma'a* “com” e دُونَ *dūna* “sem”. Haywood

e Nahmad (1965) consideram a preposição como a primeira subclasse das partículas árabes e mencionam tanto o termo árabe como seu equivalente em inglês. A descrição segue a linha dos gramáticos anteriores, inclusive o fato de incluir o nome acusativo مَعَ ma‘a “com”, que em árabe é denominado de ظَرْفُ مَكَان *ḍarf makān* e rege outros nomes no genitivo, no grupo das preposições.

Corriente (1992) denomina os itens listados 1 a 9 na tabela acima em nomes acusativos⁵⁶, cujo sentido é locativo, de “preposições próprias” e posiciona-os dentro do grande grupo chamado de “classe das preposições (ou funcionais com regência nominal)” (p. 205). Ryding (2005) apresenta uma proposta classificativa coerente com relação à tradição árabe, uma vez que a autora separa as preposições árabes em dois grupos: a) as preposições verdadeiras, isto é, aquelas listadas de 1 a 9 e 12 na tabela acima; e b) as semipreposições, ou seja, aqueles nomes acusativos que regem os nomes subsequentes, levando-os para o genitivo, e que possuem o valor semântico de localização temporal e espacial (ظَرْفُ مَكَان و ظَرْفُ زَمَان *ḍarf makān wa ḍarf zamān*). Ryding (2005, p. 386) apresenta dois argumentos para justificar o termo “semipreposição”. Segundo ela, esses elementos, apesar de regerem nomes no genitivo, não podem ser considerados preposições verdadeiras, porque a) são derivados de raízes trilíteras e b) podem ser precedidas por autênticas preposições, formando sintagmas preposicionais. Com essa proposta terminológica, a autora conseguiu diferenciar teoricamente esses dois itens gramaticais, que na tradição árabe são classificados diferentemente, embora tenham funções semelhantes.

Cowan (2007) aborda de maneira concisa as informações partilhadas pelos demais gramáticos pesquisados e não apresenta o termo original árabe. Ao invés disso, o autor apresenta apenas seu equivalente em inglês, que foi traduzido para o português. Não encontramos, também, uma enumeração do que a tradição árabe considera preposição. Há, porém, exemplos que ilustram o uso sintático e a morfologia desses elementos. No entanto, na página 46, o gramático alerta que há um grupo de elementos tidos por preposição, mas que, na verdade, são os nomes acusativos que localizam a mensagem transmitida no tempo e no lugar.

⁵⁶ Os nomes acusativos citados por Corriente (1992, p. 205-206) foram: مَعَ ma‘a, عِنْدَ ‘inda, بَيْنَ bayna, دُونَ dūna, لَدَى ladā.

A abordagem de Alhawarī (2011) acompanhou a descrição de Périer, Haywood e Nahmad e Corriente, ao mesclar as verdadeiras preposições com nomes acusativos. O autor chama حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr de “partícula de genitivo”, sinalizando o papel sintático que esses elementos exercem na oração, e descreve o significado de cada um, bem como seu uso.

Não é raro encontrar em livros, manuais e sites sobre o ensino de língua árabe enunciados que definem os termos حَرْفُ ḥarf “partícula” e حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr da seguinte forma: “partícula” seria qualquer palavra vazia de sentido, exceto se inserida num contexto; e “preposição” seria uma partícula que rege nomes, levando-os para o genitivo, e a marca de genitivo é o — kasra. Decerto que essas definições remontam aos primeiros gramáticos árabes, os quais se basearam nas definições aristotélicas para a classe das conjunções gregas, contudo, Castilho (2010, p. 583) questiona o fato de gramáticos da língua portuguesa, da mesma forma, afirmarem que as preposições são “vazias de sentido”. Para ele, essa afirmação dá-se devido à dificuldade de identificar o sentido nessa classe, por isso que, em sua gramática, o autor assume que “cada preposição possui um significado base, de localização espacial e temporal”, mesmo que não tenhamos consciência disso. “Vazias de sentido” seriam, portanto, signos com apenas o significante, o que não ocorre nem com as preposições portuguesas, nem com seu equivalente em árabe. Vejamos os exemplos:

Cheguei de Recife.

تَوَقَّفَ الْحَافِلَةُ عَلَى الْجِسْرِ.

O ônibus para sobre a ponte.

Cheguei a Recife.

تَوَقَّفَ عَنْ إِزْعَاجِ الْآخَرِينَ.

Pare de importunar os outros.

Podemos verificar nos exemplos acima que, ao alterarmos as preposições, modificamos também o sentido das orações em ambos os idiomas, por esse motivo, não poderíamos afirmar que as preposições não possuem sentido.

Diante do exposto, observamos que o termo حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr equivale à preposição da língua portuguesa, logo, propomos o seguinte verbete:

Preposição	São partículas que regem os nomes (substantivos, pronomes, adjetivos), levando-os para o caso genitivo, cuja terminação é — <i>kasra</i> . Há preposições consideradas “verdadeiras” e as “semipreposições”, aquelas que também regem nomes no genitivo, contudo, a tradição gramatical considera-os nomes acusativos que indicam tempo e lugar. As preposições verdadeiras são: بِ، كَ، لِ، مِنْ، إِلَى، عَنْ، عَلَى، فِي، حَتَّى، مُنْذُ Algumas semipreposições são: مَعَ، أَمَامَ، بَيْنَ، بَعْدَ، دُونَ، فَوْقَ، تَحْتَ، قَبْلَ، وَرَاءَ، خَلْفَ، عِنْدَ، غَيْرَ.	ḥarf aljarr	حَرْفُ الْجَرِّ
[الحرف q.v.]	1. Comi <u>com</u> a colher. 2. A caneta está <u>sobre</u> a mesa. 3. A criança caiu <u>da</u> cama.	1. أَكَلْتُ بِالْمِعْلَقَةِ. 2. الْقَلَمُ عَلَى الطَّائِلَةِ. 3. وَقَعَ الطِّفْلُ عَنِ السَّرِيرِ	

a) Equivalência aproximada:

I الحَرْف alḥarf

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt	Proposta de harmonização
الحَرْف alḥarf	Partícula	Partícula (preposição, conjunção, advérbio, interjeição)
<p>DT₁: “O que indica significado, caso esteja ligada a outra palavra no discurso, porém, se não estiver ligada e for pronunciada sozinha, então, não haverá significado nela.”</p> <p>DT₂: “A Partícula, terceira parte da oração Arabiga, como fica dito, per si só propriamente não he significativa; mas requer sempre o auxilio do Verbo, ou do Nome, para significar perfeitamente alguma cousa, e he indeclinável: ella contém em si algumas Proposições, Conjunções, Interjeições, e também muitos Adverbios, e he junta, ou separada.”</p>	<p>DT: “Vocábulos de pequeno volume fonológico e de função auxiliar num sintagma, como o artigo, os pronomes adverbiais átonos, certos advérbios e os conectivos. Muitos são clíticos e ficam em próclise ou ênclise, sendo, pois, formas dependentes.”</p>	<p>TL: Letra, grafema. Partícula <i>Gram.</i></p>
<p>Fonte₁: Alḥawṣ, 1987, v.1, p. 15.</p> <p>Fonte₂: Abrantes (1774, p. 261).</p>	<p>Fonte: Câmara Jr., 1985, p. 188.</p>	<p>Fonte: Sabbagh, 2011, 257.</p>

Ex.: 1. رَأَيْتُ أَحْمَدَ وَسُعَادَ فِي مَدِينَةِ الْأَلْعَابِ. 2. تَظْهَرُ الْأَزْهَارُ نَحْوَ الثَّمَارِ عَلَى الشَّجَرَةِ. 3. يَا سَائِقَ الْحَافِلَةِ، تَقَدَّمْ. 4. هَلْ الْوَلَدُ غَائِبٌ؟		Ex.: Vendem-se casas. Ela é <u>que</u> sabe das coisas. Vou ver-me livre de <u>ti</u> .			
TR: 1. Vi 'Ahmad e Su'ād no parque de diversões. 2. As flores florescem e, <u>em</u> <u>seguida</u> aparecem os frutos <u>nas</u> árvores. 3. <u>Ó</u> motorista do ônibus, avance. 4. (Acaso) O menino está ausente?		In ₁₉₆₅	<i>Particle</i>	Remissiva: -	
Pt ₁₇₇₄	Partícula	In ₂₀₀₅	<i>Letter (of the alphabet), particle, function word</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Lettre, consone, particule</i>
Pt ₂₀₀₇	Partícula	In ₂₀₁₁	-	Dic ₁₉₇₃	<i>Particle</i>
In ₁₈₅₉	<i>Particle</i>	Es ₁₉₉₂	-	Dic ₁₉₈₃	-
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Particule</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Letter</i>

Iniciamos a análise do termo الحَرْف alḥarf no preâmbulo deste capítulo. Vimos que este termo representa a terceira parte do discurso árabe, juntamente com o nome e o verbo, e que Bohas et al. (2006) chamam-na de classe “residual”, sendo muitas vezes definida como aquilo que não é nem nome, nem verbo. Owens (1988) esclarece, ainda, que a dificuldade de limitar critérios morfológicos e sintáticos que ajudariam na definição dessa categoria dá-se devido à heterogeneidade presente nela, uma vez que não há comportamento morfossintático único.

A definição dos gramáticos árabes proposta para essa classe não varia substancialmente uma da outra, pois o critério básico empregado para definir esse termo foi o semântico, segundo o qual as “partículas” precisam estar inseridas num contexto para gerar sentido; descontextualizadas, elas não teriam significado. Isso não quer dizer que as partículas sejam “vazias de sentido”, na verdade, elas geram sentidos diferentes a depender do contexto comunicacional em que estiverem inseridas, da mesma forma como ocorre com as preposições, de acordo com Castilho (2010, p. 583).

Quanto aos gramáticos arabistas, Corriente (1992), Alhawarī (2011), Ryding (2005) e Cowan (2007) não definem o termos, apenas subtermos de الحَرْف alḥarf, no entanto, os últimos dois autores fazem referências a ele em suas obras e utilizam o equivalente “partícula”, “letter” e “particle”. Encontramos nos autores dos dicionários terminológicos consultados, acepções correspondentes à partícula, letra e consoante, pois, de fato, essas são acepções possíveis para o termo, uma vez que sua significação varia de acordo com a situação comunicacional.

Abrantes (1774), Wright (1859), Périer (1911) e Haywood e Nahmad (1965) abordaram o termo الحَرْف alḥarf como a terceira parte do discurso árabe e sugerem classes equivalente em português, inglês e francês que seriam abrangidas por essa categoria maior, a saber, o artigo, a preposição, a conjunção, a interjeição e alguns advérbios. Por esse motivo, cremos que esse termo tenha equivalência aproximada em relação à língua portuguesa e não seja um equivalente direto, mesmo tendo sido registrado o verbete “partículas” por Câmara Jr. (1985) em seu dicionário de termos linguísticos do português. A equivalência aproximada pode ser justificada porque não há, na língua portuguesa, uma classe de palavra única que corresponda à categoria árabe, e sim, classes que juntas equivaleriam ao que a tradição gramatical chama de الحَرْف alḥarf.

Considerando a definição de Câmara Jr. para o termo, “partículas” correspondem a “vocábulos de pequeno volume fonológico e de função auxiliar num sintagma” (1985, p.188), são formas dependentes de elementos essenciais da oração, assim como os artigos, por exemplo, classe sinalizada apenas por Périer (1911, p. 14). Para a tradição gramatical, o artigo árabe ال al é considerado uma “partícula de significação” (حَرْفٌ مَعْنَى ḥarf maʿnà), prefixada a substantivos e adjetivos e sua contribuição é unicamente semântica, por acrescentar o traço de + determinação, contudo, não há alteração do caso nominal, logo, a sintaxe do vocábulo permanece inalterada. Há, entretanto, diversas partículas que, além

de agregar traços semânticos à sentença, alteram o caso do nome subsequente, como, por exemplo, *إِنَّ وَأَخَوَاتَهَا* 'inna wa 'aḥawāt^uhā, próximo termo a ser analisado.

Câmara Jr. mencionou os conectivos como integrantes das partículas do português. Em árabe, conjunções também fazem parte da classe de الحَرْف alḥarf, como, por exemplo, الحَرْف العطف alḥarf al'atf “partícula coordenativa”, como em:

Su'ād e Muhammad comem o alimento.

سُعاد وخالِد يأكلان الطَّعام.

Há, ainda, as duas subclasses que integram a categoria “mãe” das partículas: a interjeição e certos advérbios, chamados de “semipreposição”, como visto na análise anterior. Já que esses advérbios são parte do estudo da preposição, não será indicado como uma subclasse de fato.

Sendo assim, propomos que nesse verbete, haja o equivalente ao termo principal e, entre parênteses, sejam registradas todas as subclasses incluídas nessa categoria maior, da seguinte forma:

Partícula (artigo, preposição, conjunção, interjeição)	Trata-se da terceira parte do discurso árabe, juntamente com o nome e o verbo. São subclasses da partícula: artigo, preposição, conjunção, interjeição. Semanticamente, cada partícula possui um sentido próprio, que é atualizado quando da sua inclusão na sentença. O comportamento morfossintático da classe é bastante heterogêneo dentre as subclasses, não sendo	alḥarf	الحَرْف
--	---	--------	---------

	possível traçar um padrão geral.		
-	<p>1. Vi 'Ahmad e Su'ād <u>no</u> parque de diversões.</p> <p>2. As flores florescem e, <u>em seguida</u> aparecem os frutos <u>nas</u> árvores.</p> <p>3. <u>O</u> motorista do ônibus, avance.</p> <p>4. O menino está ausente?</p>	<p>1. رَأَيْتُ أَحْمَدَ وَسُعَادَ فِي مَدِينَةِ الْأَلْعَابِ.</p> <p>2. تَظْهَرُ الْأَزْهَارُ ثُمَّ الثَّمَارُ عَلَى الشَّجَرَةِ.</p> <p>3. يَا سَائِقَ الْحَافِلَةِ، تَقَدَّمْ.</p> <p>هَلِ الْوَلَدُ غَائِبٌ؟</p>	

b) Não-equivalência:

I الأَحْرُفُ الْمُشَبَّهَةُ بِالْفِعْلِ al'aḥruf almušabbahat bilfiʿl

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt	Proposta de harmonização
الأَحْرُفُ الْمُشَبَّهَةُ بِالْفِعْلِ al'aḥruf almušabbahat bilfiʿl	Ø	Partícula 'inna e suas semelhantes
<p>DT₁: “Essas partículas iniciam frases nominais, levando o sujeito nominal para o acusativo, [...], e o predicativo para o nominativo, [...]. Chama-se partículas semelhantes ao verbo, porque elas possuem o valor semântico de verbos, como veremos, e porque elas são invariáveis e terminadas em — <i>fathā</i>, como os verbos no perfectivo, e porque elas levam o sujeito nominal para o acusativo e o predicativo para o nominativo, assim como o verbo leva o sujeito verbal para o nominativo e o complemento para o acusativo.”</p> <p>DT₂: “Elas são chamadas de partículas semelhantes ao verbo, porque se parecem sintaticamente com o verbo <i>nāqış</i> no perfectivo, levando o sujeito nominal para o acusativo e o predicativo para o nominativo.”</p>		TL: “As partículas semelhantes ao verbo”
Fonte₁: Alḥaṭīb e Jaṭal, 1993, p. 99.	TR:	Fonte: Tradução nossa

Fonte: Alḥawṣ, 1998, v. 2, p. 106.		1. <u>De fato</u> , a ciência é útil. 2. Passei a achar <u>que</u> a leitura é divertida. 3. <u>É como se</u> a enfermeira fosse uma mãe que zela pelos doentes. 4. O sucesso é maravilhoso, <u>mas</u> a chegada a ele é difícil. 5. <u>Oh se</u> o campo fosse perto. 6. <u>Talvez</u> o tempo esteja bom.			
Ex.:		In ₁₉₆₅	-	Remissiva: الحرف	
1. إِنَّ الْعِلْمَ مُفِيدٌ. 2. وَجَدْتُ أَنَّ الْقِرَاءَةَ مُمْتِعَةٌ. 3. كَأَنَّ الْمَرْضَى أُمٌّ تَرعى الْمَرْضَى. 4. النَّجَاحُ جَمِيلٌ لَكِنَّ الْحُصُولَ عَلَيْهِ صَعْبٌ. 5. لَيْتَ الْمَلْعَبَ قَرِيبٌ. 6. لَعَلَّ الطَّقْسَ جَمِيلٌ.					
Pt ₁₇₇₄	-	In ₂₀₀₅	The particle 'inna and her sisters	Voc ₁₉₀₈	أخوات إِنَّ Les analogues de إِنَّ
Pt ₂₀₀₇	-	In ₂₀₁₁	'Inna and its sisters	Dic ₁₉₇₃	إِنَّ وأخواتها 'Inna and its sisters
In ₁₈₅₉	-	Es ₁₉₉₂	-	Dic ₁₉₈₃	-
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	-	Dic ₁₉₉₃	أخوات إِنَّ Sisters of "Indeed"

Os quatro gramáticos árabes pesquisados descreveram esse ponto gramatical e utilizaram, sem exceção, o termo principal الأَحْرُفُ الْمُشَبَّهَةُ بِالْفِعْلِ al'ahṛuf almuṣabbahat bilfi'l ao invés do termo concorrente إِنَّ وَأَخَوَاتُهَا 'inna wa 'aḥawāt^uhā, ou seja, “'inna e suas irmãs”. Entre os autores ocidentais consultados, observamos uma configuração

terminológica diferente, uma vez que a preferência foi pelo termo concorrente ao principal. Até mesmo os autores dos dicionários terminológicos apontados registraram a segunda opção.

الأَحْرُفُ الْمُشَبَّهَةُ بِالْفِعْلِ al'aḥruf almušabbahat bilfiʿl, ou “partículas semelhantes ao verbo”, são assim chamadas, porque, sintaticamente, regem tanto o sujeito como o predicativo de frases nominais, e alteram o caso original do sujeito (o nominativo), levando-o para o acusativo, assim como os verbos fazem com seu complemento direto, que é regido em — fatḥa, terminação acusativa.

Retomando o comentário de Bohas et al. (2006, p. 53), no qual os autores confirmam, uma vez mais, a tese levantada sobre circularidade do sistema linguístico árabe ao citar que o funcionamento dessas partículas é análogo ao do verbo *kāna* e seus semelhantes ao regerem o sujeito e o predicativo de frases nominais. Para eles, trata-se de um desvio da classe da partícula que tangencia a classe do verbo.

Já na tradição gramatical árabe, seis partículas⁵⁷ são descritas como pertencentes a esse grupo, e todas iniciam frases nominais, levando o sujeito para o acusativo e o predicativo para o nominativo. São elas:

⁵⁷ Encontramos em Alḥaṭīb e Jaṭal (1993) e Alḥawṣ (1998) menção a um sétima integrante, chamada de لَا النَّافِيَةُ لِلْجِنْسِ *lā annāfyia liljins* “absolutamente não”, como, por exemplo, em لَا رَجُلٌ فِي الْحَفْلَةِ, ou seja, “Absolutamente, não há homem na festa.” A mesma não foi incluída nessa análise, porque não houve consenso, nem entre os gramáticos árabes, nem entre os não árabes.

Valor semântico	Partícula
<p>“Certamente, de fato”. Esta partícula inicia as frases nominais, dando a acepção de certeza do enunciado descrito.</p> <p style="text-align: center;">De fato, a ciência é útil. إِنَّ الْعِلْمَ مُفِيدٌ.</p>	<p>إِنَّ 'inna</p>
<p>Esta partícula possui também o valor semântico confirmação, certeza, assim como a anterior, podendo ser traduzido por “de fato que, certamente que”, ou apenas “que”. A diferença está no uso, uma vez que conecta orações, sendo a segunda uma frase nominal.</p> <p style="text-align: center;">وَجَدْتُ أَنَّ الْقِرَاءَةَ مُمْتِعَةٌ. Passei a achar <u>que</u> a leitura é divertida.</p>	<p>أَنَّ 'anna</p>
<p>Esta significa “como se” e possui a função de comparar os dois membros da oração.</p> <p style="text-align: center;">كَأَنَّ الْمُمْرِضَةَ أُمًّا تَرَعَى الْمَرْضَى. É <u>como se</u> a enfermeira fosse uma mãe que zela pelos doentes.</p>	<p>كَأَنَّ ka'anna</p>
<p>Esta partícula possui a função de retificar o que foi dito na oração anterior, logo é um conectivo equivalente às conjunções adversativas do português.</p> <p style="text-align: center;">النَّجَاحُ جَمِيلٌ لَكِنَّ الْحُصُولَ عَلَيْهِ صَعْبٌ. O sucesso é maravilhoso, <u>mas</u> a chegada a ele é difícil.</p>	<p>لَكِنَّ laki'anna</p>
<p>A acepção desta partícula pressupõe o desejo de acontecimento do enunciado, no entanto, há um grau de impossibilidade para tal, podendo ser traduzida por “oh, se, quem dera que...”.</p> <p style="text-align: center;">لَيْتَ الْمَلْعَبَ قَرِيبٌ. Ó, <u>se</u> o campo fosse perto.</p>	<p>لَيْتَ layta</p>

<p>Comumente traduzida por “talvez” e variantes, esta partícula expressa o desejo de um acontecimento possível.</p> <p><u>Talvez</u> o tempo esteja bom. <u>أَعْلَى الطَّقْسِ جَمِيلٌ.</u></p>	<p>لَعَلَّ la'alla</p>
---	----------------------------

Tabela 28 – Partículas إِنَّ 'inna e suas semelhantes e os valores semânticos

Entre os gramáticos ocidentais, percebemos que a abordagem desse tópico gramatical foi distinta daquela proposta pela tradição árabe. Abrantes (1774) não reserva um termo específico para se referir ao tópico em estudo, na realidade, o gramático português cita algumas dessas partículas, como إِنَّ 'inna e أَنَّ 'anna, na análise das conjunções. Da mesma forma, Wright (1859), reúne essas partículas no estudo das conjunções, sem mencionar o termo árabe, ou agrupá-las de acordo com o papel sintático. No segundo volume publicado em 1862, Wright descreve o comportamento de إِنَّ 'inna e أَنَّ 'anna, mais uma vez, sem delimitar um termo específico para elas.

Périer (1911) e Haywood e Nahmad (1965) também não atribuem um termo próprio para esse grupo de partículas, chamando-as de conjunções (disjuntivas, subordinativas, causais). Igualmente, Cowan (2007) não estabelece um termo para nomear essas partículas em suas línguas, mas as analisa quando estudas as orações nominais e verbais.

Apenas Ryding (2005) e 'Alhawarī (2011) empregam o termo concorrente إِنَّ 'inna wa 'ahawāt'hā para designar essas partículas e as estudam como pertencentes a um grupo de mesmo comportamento sintático. A diferença é que Ryding não considera semelhantes a إِنَّ 'inna a partícula كَأَنَّ ka'anna, e, em seu lugar, a autora inclui لِأَنَّ li'anna “porque”, o que na realidade é uma fusão da preposição لِ li “para, por” + أَنَّ 'anna “que”.

Sugerimos a utilização de ambos os termos árabes como entrada deste verbete, sendo adotado como “termo principal” aquele empregado nos manuais gramaticais árabes, e como “termo concorrente” a opção designativa dos autores ocidentais. Como este tópico gramatical não encontra equivalência na língua portuguesa, optamos pelo seguinte neologismo terminológico “a partícula 'inna e suas semelhantes”, porque se trata

de uma designação clara e objetiva ao consulente, remetendo imediatamente a esse grupo de partículas que possuem igual comportamento sintático, ao mesmo tempo em que há uma remissão implícita ao “verbo *kāna* e seus semelhantes”, os quais, na classe dos verbos, analogamente, regem sujeito e predicativo de frases nominais. Sendo assim, segue o verbete para esse termo:

Partícula <i>'inna</i> e suas semelhantes	Trata-se de um grupo de seis partículas que possuem o mesmo comportamento sintático, a saber, elas iniciam frases nominais e regem o sujeito e o predicativo, levando o primeiro para o caso acusativo e o segundo para o nominativo.	al'aḥruf almuṣabbahat bilfi'l 'Inna wa 'aḥawāt ^u hā	الأحرف المُشَبَّهة بِالْفِعْلِ (Termo concorrente) إِنَّ وَأَخَوَاتُهَا
[الحرف. q.v.]	<p>1. De <u>fato</u>, a ciência é útil.</p> <p>2. Passei a achar <u>que</u> a leitura é divertida.</p> <p>3. <u>É como se</u> a enfermeira fosse uma mãe que zela pelos doentes.</p> <p>4. O sucesso é maravilhoso, <u>mas</u> a chegada a ele é difícil.</p> <p>5. <u>Oh, se</u> o campo fosse perto.</p> <p>6. <u>Talvez</u> o tempo esteja bom.</p>	<p>1. إِنَّ الْعِلْمَ مُفِيدٌ.</p> <p>2. وَجَدْتُ أَنَّ الْقِرَاءَةَ مُمْتِعَةٌ.</p> <p>3. كَانَ الْمَرْضَى أَمْ تَرعى الْمَرْضَى.</p> <p>4. النَّجَاحُ جَمِيلٌ لَكِنَّ الْخُصُولَ عَلَيْهِ صَعْبٌ.</p> <p>5. لَيْتَ الْمَلْعَبَ قَرِيبٌ.</p> <p>6. لَعَلَّ الطَّقْسَ جَمِيلٌ.</p>	

3.3 Do Verbo

As 3 ilustrações propostas a seguir foram extraídas da dissertação (CAFFARO, 2013), no entanto, devido às reformulações feitas nas fichas terminológicas e nos procedimentos metodológicos para fins de elaboração de um dicionário bilíngue de termos gramaticais, revisamos os termos analisados e adaptamo-los aos novos objetos.

Os termos verbais revisados são:

Equivalência direta	Proposta de harmonização:
الفِعْلُ alfiʿl	Verbo
Equivalência aproximada	Proposta de harmonização:
الفِعْلُ الْمَاضِي alfiʿl 'almāḍī	Perfectivo
Não-equivalência	Proposta de harmonização:
الأَفْعَالُ النَّاقِصَةُ al'afʿāl annāqiṣa	o verbo kāna e seus semelhantes

Tabela 29: Termos verbais revisados

a) Equivalência direta:

I الفِعْل alfiʿl

Termo gramatical	Possível equivalência em Pt		Proposta de harmonização
الفِعْل alfiʿl	Verbo		Verbo
DT: “O que indica o significado de um acontecimento associado a um tempo.”	DT: “1. VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo: [...] 2. O VERBO não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja <i>privativa</i> , pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela <i>função obrigatória</i> de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.”		TL: Ação, ato, fato, efeito. Verbo.
Fonte: Alḥawṣ, 1987, p. 16.	Fonte: Cunha e Cintra, 2001, p. 379.		Fonte: Sabbagh, 2010, p. 516.
Ex.: ذَهَبَ جِهَادٌ مَعَ أَبِيهِ إِلَى شَاطِئِ الْبَحْرِ وَشَاهَدَا صَيَادًا مَاهِرًا كَانِ يَصْطَادُ السَّمَكَ.	Ex.: Um dia, Aparício <u>desapareceu</u> para sempre. A mulher <u>foi educada</u> por minha mãe. Como <u>estavam</u> velhos! <u>Anoitecera</u> já de todo.		
TR: Jihād e seu pai <u>foram</u> para a beira do mar e <u>viram</u> um	In ₁₉₆₅	<i>Verb</i>	Remissiva: -

hábil pescador que <u>pescava</u> peixe.					
Pt ₁₇₇₄	Verbo	In ₂₀₀₅	<i>Verb</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Action, acte. Verbe</i>
Pt ₂₀₀₇	Verbo	In ₂₀₁₁	<i>Verb</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Verb</i>
In ₁₈₅₉	<i>Verb</i>	ES ₁₉₉₂	<i>Verbo</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Verb. Action</i>
In ₁₈₆₂	-	Fr ₁₉₁₁	<i>Verbe</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Verb</i>

Em Caffaro (2013, p. 35), analisamos o termo ora apresentado e percebemos que havia semas concordantes entre as definições terminológicas de **الفعل** *alfi^l* e “verbo”, principalmente, no que diz respeito a indicar um acontecimento que se dá em determinado momento de uma linha temporal. Ambos os aspectos (acontecimento + tempo) fundamentam as definições dos termos árabe e português.

Embora não esteja expresso na definição do termo árabe, sabemos que **الفعل** *alfi^l*, morfolologicamente, também é uma forma variável que se flexiona em pessoa, número, tempo/ aspecto, modo, assim como o “verbo” português. Além disso, observamos que há consenso quanto às designações adotadas pelos autores ocidentais pesquisados. Por esses motivos, seguimos a harmonização já presente que considera o termo “verbo” um equivalente direto de **الفعل** *alfi^l*. A seguir, nossa sugestão de verbete:

Verbo	Indica um acontecimento que transcorre em determinado momento numa progressão temporal. Morfolologicamente, trata-se de uma forma variável que se flexiona em pessoa, número, tempo/ aspecto e modo. Quanto à sintaxe, de uma forma geral, ocupa	<i>alfi^l</i>	الفعل
-------	---	-------------------------	--------------

	a função de predicado de frases verbais.		
-	Jihād e seu pai <u>foram</u> para a beira do mar e <u>viram</u> um hábil pescador que <u>pescava</u> peixe.	ذَهَبَ جِهَادٌ مَعَ أَبِيهِ إِلَى شَاطِئِ الْبَحْرِ وَشَاهَدَا صَيَّادًا مَاهِرًا كَانَ يَصْطَادُ السَّمَكَ.	

b) Equivalência aproximada:

I الفِعْلُ الْمَاضِي alfī' l almāḍī

Termo gramatical		Possível equivalência ₁ em Pt		Possível equivalência ₂ em Pt		Proposta de harmonização
الفِعْلُ الْمَاضِي alfī' l almāḍī		Perfectivo		Pretérito Perfeito do indicativo		Perfectivo
DT: “O que indica um fato completo e transcorrido num tempo anterior (...)”.		DT: “(...) representa-se uma ação pontual, acabada, isto é, uma ação cujo começo coincide com seu desfecho, tornando-se irrelevantes as fases de seu desenvolvimento. Temos aqui o <i>aspecto perfectivo</i> (...)”		DT: “Representa o fato como concluído e situa-se num intervalo de tempo anterior a um ponto de referência presente. (...) O pretérito perfeito é o tempo característico da narração de ações que compõem um episódio situado em época anterior ao momento da enunciação.”		TL₁: <i>Pasado, pretérito, transcurrido. Perfectivo [gr.].</i> TL₂: Passado, pregresso, decorrido. Pretérito <i>Gram.</i>
Fonte: Alḥatīb & Jaṭal, 1992, p. 142.		Ex.: encontrei/ absorveu/ amarraram		Ex.: morei/ voltaram/ chegou		Fonte₁: Corriente, 1991, p. 723. Fonte₂: Sabbagh, 2011, p. 585.
Ex.: 1. كَتَبَ سَامِرٌ الْوُضِيَّةَ. 2. قَرَأَ سَمِيرٌ دَرْسَ النُّحُو.		Fonte: Castilho, 2010, p. 419.		Fonte: Azeredo, 2010, p. 359.		TR: 1. Sāmīr <u>escreveu</u> a tarefa de casa. 2. Samīr <u>leu</u> a lição de gramática.
Pt₁₇₇₄	Pretérito	In₂₀₀₅	<i>Past time</i>	Fr₁₉₁₁	<i>Parfait</i>	Remissiva: الفِعْلُ

Pt ₂₀₀₇	Perfectivo	In ₁₉₆₅	<i>Perfect</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Passé Prétérit</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Past verb</i>
In ₁₈₅₉	<i>Perfect</i>	In ₂₀₁₁	<i>Past</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Past Preterite</i>		
In ₁₈₆₂	-	Es ₁₉₉₂	<i>Perfectivo</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Past</i>		

A busca por um possível equivalente em português para o termo árabe *الفعل الماضي* *alfi' l almāḍī* pauta-se, basicamente, na seguinte questão: “a língua árabe é aspectual ou temporal?” (LIMA, 2017, p. 98).

Na dissertação, investigamos os conceitos de tempo, aspecto e modo em ambas as línguas e chegamos à conclusão de que o tempo é uma “categoria que indica se o fato é anterior, simultâneo ou posterior ao momento da enunciação, tendo como referencial o sujeito enunciador”; já o aspecto consiste na “duração do processo verbal, independente da época em que esse processo ocorre”; e o modo, por sua vez, refere-se à “atitude ou ponto de vista do enunciador em relação ao objeto de sua comunicação” (CAFFARO, 2013, p. 76). Vimos também que, embora os primeiros gramáticos ocidentais que descreveram o árabe a considerassem uma língua de fundo aspectual (um completo, acabado e outro incompleto, inacabado, no momento da enunciação); os gramáticos árabes primitivos e seus sucessores já haviam considerado, junto ao aspecto, a noção de tempo, ou seja, o acontecimento de determinado fato dentro de uma linha temporal.

Observamos ainda que não há um consenso entre os autores ocidentais pesquisados quanto à designação dos termos relacionados ao tempo/ aspecto árabe, como é o caso de *الفعل الماضي* *alfi' l almāḍī*, chamado de “tempo passado”, “pretérito”, “perfeito” ou “perfectivo”. Lipiński (1997, p. 335) aconselhou o uso da noção de tempo existente nas línguas europeias a fim de traduzir de maneira inteligível o aspecto semítico, já que a formação dos tempos nas línguas semíticas modernas, como o Árabe Moderno Padrão, desenvolveu-se em imitação ao sistema verbal indo-europeu. Por isso, investigamos dois termos portugueses para tentar chegar a um equivalente do termo árabe em estudo, a saber, “perfectivo” e o “pretérito perfeito do indicativo”, o primeiro ligado ao aspecto e o segundo ao tempo do sistema verbal do português.

Verificamos, então, que havia semas concordantes entre a definição terminológica árabe e a dos dois termos portugueses apresentados, isto é, a natureza completa e acabada do aspecto perfectivo e o fato transcorrido em tempo anterior do pretérito perfeito do indicativo. Assim, à época, optamos por empregar o termo “pretérito perfeito”, sem a indicação do modo verbal, para designar o termo *الفعل الماضي* *alfiʿl almāḍī*, porque: a) esse é um termo aparente a qualquer brasileiro escolarizado; b) ele une tanto a categoria de tempo passado (pretérito), como a de aspecto concluído (perfeito); *الفعل الماضي* *alfiʿl almāḍī* apresenta apenas o modo que equivale ao indicativo português, assim, a omissão do modo não acarretaria prejuízo significativo; e) a definição terminológica do “pretérito perfeito do indicativo veicula o mesmo conteúdo da definição árabe.

Contudo, em pesquisa recentemente publicada em português a respeito do tempo e do aspecto árabe, Lima (2017) nos explica que a tendência a considerar que o verbo árabe combina o tempo e o aspecto, simultaneamente, surgiu a partir do trabalho de Comrie (1976). O autor manteve os termos “perfectivo” para designar *الفعل الماضي* *alfiʿl almāḍī* e “imperfectivo” para indicar a contraparte *الفعل المضارع* *alfiʿl almuḍāriʿ*, embora entenda que tais formas não são exclusivamente aspectuais. Na verdade, “em sentenças neutras, sem nenhum advérbio localizador de tempo, as duas formas serão interpretadas: o perfectivo transmite o aspecto perfectivo e o tempo passado; e o imperfectivo, o aspecto imperfectivo e o tempo presente” (LIMA, 2017, p. 100).

Em nota, Lima (2017, p. 97) aponta uma observação de Lyons (1977, p. 704) na qual o autor salienta que a tradição greco-romana distorceu o uso aspectual dos termos latinos “perfeito” e “imperfeito”, que significavam “completo” e “incompleto”, respectivamente, tornando-os palavras que veiculam o sentido temporal, ao invés do aspectual.

Pelo acima exposto, decidimos alterar a proposta de harmonização em português adotada no mestrado: “pretérito perfeito”, e seguir a tendência apontada em Lima (2017) na qual *الفعل الماضي* *alfiʿl almāḍī* indica, simultaneamente, tanto o tempo passado como o aspecto concluído, mantendo o termo utilizado por Comrie (1976), isto é, o “perfectivo”.

Perfectivo	Trata-se de um evento completo, acabado, transcorrido num tempo anterior ao momento da enunciação, tendo como referencial o sujeito enunciador. O termo veicula, portanto, uma dupla perspectiva do verbo árabe: o aspecto concluído e o tempo passado.	alfi'l almāḍī	الفِعْلُ الْمَاضِي
[الفِعْلُ q.v.]	<p>1.S×mir <u>fez</u> a tarefa de casa.</p> <p>2. Samīr <u>leu</u> a lição de gramática.</p>	<p>1. كَتَبَ سامرٌ الوظيفة.</p> <p>2. قَرَأَ سَمِيرٌ دَرْسَ النحو.</p>	

c) Não-equivalência:

I الأفعال الناقصة al'afā'īl annaqiṣa

Termo gramatical	Possível equivalência ₁ em Pt	Possível equivalência ₂ em Pt	Proposta de harmonização
الأفعال الناقصة al'afā'īl annaqiṣa	Verbo defectivo	Verbo de ligação	Verbo <i>kāna</i> e seus semelhantes
DT: “São verbos que introduzem frases nominais (<i>sujeito e predicativo</i>), levam o <i>sujeito</i> para o caso nominativo (...) e o <i>predicativo</i> para o caso acusativo (...)”	DT: “Chamam defectivos os verbos a que <i>faltam algumas formas do paradigma</i> .”	DT: “Estes verbos, que jamais exprimem ação, denominam-se ‘verbos de ligação’ (também conhecidos como ‘verbos copulativos’ ou ‘verbos predicativos’), mas em alguns pontos se assemelham aos verbos auxiliares: formam um conjunto limitado de elementos e indicam basicamente diferenças aspectuais no sentido de ‘conceptualização do estado de coisas’.”	TL: Defectivo (verbo).
Fonte: Alm [°] arī, 2002, vol. 2, p. 50.	Fonte: Azeredo, 2010, p. 183.	Fonte: Azeredo, 2010, p. 213.	Fonte: Sabbagh, 2011, p. 706
Ex.: 1. كَانَ الْوَلَدُ مَرِيضًا. 2. أَصْبَحَ الْوَلَدُ مَرِيضًا. 3. مَا زَالَ الْوَلَدُ مَرِيضًا.	Ex.: <i>Colorir:</i> Eu coloro* o desenho. <i>Demolir:</i> Eu demolo* a casa velha.	Ex.: As águas <i>são</i> turvas. As águas <i>estão</i> turvas. As águas <i>ficam</i> turvas. As águas <i>continuam</i> turvas.	TR: 1. O menino <u>estava</u> doente. 2. O menino <u>ficou</u> doente. 3. O menino <u>continua</u> doente.

Pt ₁₇₇₄	Verbos deficiente	In ₂₀₀₅	<i>Defective verbs</i>	Fr ₁₉₁₁	<i>Verbes d'existence (كان et ses analogues)</i>	Remissiva: الفعل	
Pt ₂₀₀₇	As “irmãs” de <i>kāna</i>	In ₁₉₆₅	<i>The verb كان kāna and its sisters</i>	Voc ₁₉₀₈	<i>Verbes incomplets (كان et ses analogues)</i>	Dic ₁₉₉₃	<i>Deficient verb – defective</i>
In ₁₈₅₉	<i>Incomplete, defective or relative kāna</i>	In ₂₀₁₁	<i>kāna and its sisters</i>	Dic ₁₉₇₃	<i>Incomplete, defective or relative kāna</i>		
In ₁₈₆₂	-	Es ₁₉₉₂	<i>Verbos modificadores</i>	Dic ₁₉₈₃	<i>Defective verbs</i>		

O termo **الأفعال الناقصة** al’afā’l annaqiṣa compreende 12 verbos que possuem características sintáticas semelhantes, isto é, eles introduzem frases nominais e regem o sujeito e o predicativo, alterando o caso desse último de nominativo para acusativo. A esse grupo de verbos falta a capacidade de referenciar uma ação, por isso a tradição gramatical chama-os pelo termo mencionado acima, que, literalmente, significa “os verbos defeituosos, defectivos”, justamente, porque não indicam um acontecimento, mas apenas acrescentam à sentença nuances semânticas de traços temporais e aspectuais.

Na dissertação, analisamos o termo **الأفعال الناقصة** al’afā’l annaqiṣa e cotejamo-lo em face a dois termos do português a fim de buscar o equivalente mais adequado. Vimos que o termo árabe compartilha características morfossintáticas tanto com os verbos defectivos, como com os verbos de ligação, no entanto, nenhum deles mostrou-se ser apto a designar o termo árabe em português, principalmente, porque: a) apesar de “verbo defectivo” ser comumente usado para designar **الأفعال الناقصة** al’afā’l annaqiṣa em algumas das línguas ocidentais pesquisadas, apenas um traço significativo semelhante foi encontrado entre as definições árabe e portuguesa, isto é, a falta de significação completa, na primeira, e a falta da 1ª pessoa do presente do indicativo; b) embora os verbos de ligação e **الأفعال الناقصة** al’afā’l annaqiṣa compartilhem aspectos importantes, como, por

exemplo, a capacidade de indicar diferenças aspectuais; terem a possibilidade de ser verbos auxiliares; e não exprimirem ação, há diferenças sintáticas profundas entre eles, como a alteração do caso do predicativo (do nominativo para o acusativo) de frases nominais regidas por الأفعال الناقصة al'afā' l annaqiṣa.

Bohas et al. (2006, p. 53) aproximam esse grupo de verbos à partícula 'inna e suas semelhantes, como retomamos anteriormente, devido ao comportamento sintático comum, ou seja, tanto esses verbos como aquelas partículas regem frases nominais e alteram o caso de uma das partes da oração. Como não foi possível encontrar um equivalente em língua portuguesa para expressar devidamente o termo em estudo, reafirmamos a sugestão dada no mestrado do sintagma terminológico “verbo *kāna* e seus semelhantes”. Esse, baseia-se no termo concorrente كَانْ وَأَخَوَاتُهَا *kāna wa aḥawāt'hā*, empregue também pela tradição gramatical árabe. Cremos que esse seja um equivalente claro e aparente ao leitor especializado brasileiro que desejar mais informações. A seguir, encontra-se a sugestão de verbete:

Verbo <i>kāna</i> e seus semelhantes	<p>Trata-se de um grupo de 12 verbos, os quais não possuem a capacidade de referenciar um acontecimento, uma ação. Eles apenas acrescentam nuances temporais e aspectuais à sentença.</p> <p>Sintaticamente, tais verbos introduzem frases nominais, regem o sujeito e o predicativo, e alteram o caso do predicativo do nominativo para o acusativo.</p> <p>Os verbos são:</p> <p>كَانْ <i>kāna</i> (ser/estar); أَصْبَحَ <i>'aṣḥaḥa</i></p>	<p>al'afā' l 'annaqiṣa</p> <p><i>kāna wa</i> <i>'aḥawāt'hā</i></p>	<p>الأفعال الناقصة <i>Termo concorrente</i> كَانْ وَأَخَوَاتُهَا</p>
--------------------------------------	---	--	--

	<p>(amanhecer; tornar-se, ficar); اَمْسَى 'amsà (anoitecer; tornar-se, ficar); ظَلَّ <i>dalla</i> (permanecer); بَاتَ <i>bāta</i> (ficar; tornar-se); صَارَ <i>šāra</i> (ficar; tornar-se); مَا زَالَ <i>mā zāla</i> (permanecer, continuar); مَا فَتَى <i>mā fāti 'a</i> (continuar); مَا انْفَكَ <i>mā anfakka</i> (continuar); مَا بَرَحَ <i>mā bariḥa</i> (continuar); لَيْسَ <i>laysa</i> (não ser/estar) مَا دَامَ <i>mā dāma</i> (continuar, durar).</p>		
[q.v. الْفِعْل]	<p>1. O menino <u>estava</u> doente. 2. O menino <u>ficou</u> doente. 3. O menino <u>continua</u> doente.</p>	<p>1. كَانَ الْوَلَدُ مَرِيضًا. 2. أَصْبَحَ الْوَلَدُ مَرِيضًا. 3. مَا زَالَ الْوَلَدُ مَرِيضًا.</p>	

Neste terceiro capítulo, analisamos 12 termos teste da classe do nome e da partícula com o objetivo de exemplificar os procedimentos metodológicos para fins da elaboração de um dicionário bilíngue da terminologia gramatical árabe. Retomamos a pesquisa desenvolvida no mestrado, revisando 3 termos da classe do verbo, seguindo os novos objetivos traçados, e iniciamos o capítulo com uma introdução às características principais de cada uma das três partes do discurso árabe, a saber: o nome, o verbo e a partícula, segundo Owens (1988) e Bohas et. al (2006).

Considerações Finais

Este trabalho se propôs a delinear as bases teóricas e metodológicas para a elaboração de um dicionário de termos gramaticais árabes em português. Para isso, retomamos a tripartição do discurso árabe (nome, verbo e partícula) na busca dos termos mais frequentes de cada classe, presentes em gramáticas modernas. Assim, chegamos a um grupo de 68 termos ligados à categoria do nome, 4 à da partícula. Como investigamos o verbo, no mestrado, mantemos os 26 termos verbais já selecionados e estudados.

No capítulo I, revisamos historicamente o início dos estudos linguísticos desde os gregos; observamos, também, como esses conhecimentos foram transpostos para a gramática latina e, conseqüentemente, como influenciaram a sistematização da gramática portuguesa e árabe. Concluimos que, em língua portuguesa, o discurso foi, primeiramente, dividido em *nome, artigo, pronome, advérbio, verbo, preposição e interjeição*; em árabe a primeira divisão, mantida até os dias de hoje, é mais concisa, classificando as partes do discurso em: *الإسم ism, الفعل fi'l e الحرف harf*, respectivamente, *nome, verbo e partícula*. Entender como se deu a separação das partes do discurso foi importante para este trabalho, porque há quem considere que os gramáticos árabes primitivos importaram o modelo grego estabelecido por Aristóteles, o qual ainda hoje figura nas gramáticas tradicionais do árabe. Vimos que, quando os primeiros tratados árabes foram escritos, o pensamento grego sobre a linguagem era corrente e circulava no mundo antigo, no entanto, os escritos aristotélicos foram traduzidos apenas posteriormente, quando a gramática já se encontrava sistematizada.

O capítulo II foi destinado, basicamente, a recuperar as bases teóricas e os procedimentos metodológicos estabelecidos no mestrado e, a partir deles, apontar o percurso específico para esta tese, cujo objetivo é orientar a elaboração de um dicionário de termos gramaticais, conforme relembramos anteriormente. Por esse motivo, as fichas terminológicas, que serviriam para analisar cada termo selecionado para compor a nomenclatura do dicionário, foram revisadas, e nelas, inserimos novos campos, como, por exemplo, as remissivas e a tradução dos exemplos em árabe, a fim de complementar o padrão do verbete escolhido a saber: entrada, transliteração, definição terminológica, equivalente, um exemplo em árabe, sua tradução e a remissiva.

No capítulo III, desenvolvemos a análise dos termos selecionados para testar e ilustrar os procedimentos metodológicos delineados no capítulo anterior. Partindo da hipótese levantada, isto é, a) equivalência direta; b) equivalência aproximada; e c) não-equivalência, selecionamos 9 termos da classe do nome (3 para cada possibilidade) e 3 termos ligados à partícula (1 para cada possibilidade), para que fossem analisados até a redação do verbete, o qual comporia a macroestrutura do dicionário terminológico a ser preparado. Quanto à classe do verbo, buscamos, na dissertação, um exemplo para cada possibilidade, assim, recuperamos a análise já feita e corrigimos o que achamos necessário, de acordo com pesquisas publicadas recentemente.

Os termos nominais testados e que tiveram os verbetes redigidos foram:

Equivalência direta:	Proposta de harmonização:	Página
المُؤَنَّث almu'annaṭ	Feminino	91
التَّصْغِير attaṣḡīr	Diminutivo	95
إِسْم التَّفْضِيل ism attafḏīl	Comparativo e Superlativo	100
Equivalência aproximada	Proposta de harmonização:	Página
الإِسْم alism	Nome	109
الإِغْرَاب al'iṣrāb	Variação das desinências de caso (nos nomes declináveis) e de modo (nos verbos imperfectivos) após sua inserção no discurso	113
أَسْمَاءُ الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ 'asmā' almakān wazzamān	Substantivo de lugar ou de tempo	120
Não-equivalência	Proposta de harmonização:	Página
الْجَمْعُ التَّكْسِير aljam' attaksīr	Plural interno	128
التَّنْوِين attanwī	{-n} de indeterminação, <i>nunação</i> .	132
الرَّفْع arraf'	Nominativo	135

Quanto à classe da partícula, os termos teste foram:

Equivalência direta	Proposta de harmonização:	Página
حَرْفُ الْجَرِّ ḥarf aljarr	Preposição	141
Equivalência aproximada	Proposta de harmonização:	Página
الْحَرْفُ alḥarf	Partícula (preposição, conjunção, advérbio, interjeição)	149
Não-equivalência	Proposta de harmonização:	Página
الأحْرُفُ الْمُشَبَّهَةُ بِالْفِعْلِ al'aḥruf almušabbahat bilfiʿl	Partícula 'inna e suas semelhantes	154

Já em relação aos verbos, revisamos os termos indicados abaixo e redigimos os referidos verbetes:

Equivalência direta	Proposta de harmonização:	Página
الْفِعْلُ alfiʿl	Verbo	161
Equivalência aproximada	Proposta de harmonização:	Página
الْفِعْلُ الْمَاضِي alfiʿl 'almāḍī	Perfectivo	164
Não-equivalência	Proposta de harmonização:	Página
الأَفْعَالُ النَّاقِصَةُ al'afʿāl annāqiṣa	o verbo kāna e seus semelhantes	168

Acreditávamos que utilizaríamos a ficha terminológica 1 para investigar apenas a possibilidade a), a ficha 2 para a possibilidade b), e a ficha 3 para a possibilidade c), no entanto, verificamos que, nem sempre, essa sugestão foi comprovada, na realidade, o que guiou a escolha de uma ou outra ficha terminológica foi a realidade de cada termo. Assim, por exemplo, na análise do termo أَسْمَاءُ الْمَكَانِ وَالزَّمَانِ 'asmā' almakān wazzamān, ("Substantivo de lugar ou de tempo") utilizamos a ficha 1, mesmo sendo o termo

representante da hipótese b); ou ainda em التّوين attanwīn, exemplo da possibilidade c), contudo, foi usada a ficha 1 para fins de estudo.

É preciso ainda salientar que, quando a pesquisa desta tese estava bem no início, tínhamos por objetivo a elaboração, de fato, do dicionário bilíngue da terminologia gramatical árabe-português, projeto que era e continua sendo inédito no Brasil. Por isso, selecionamos a nomenclatura mais adequada ao público-alvo pensado, isto é, os professores e alunos de língua árabe no Brasil, totalizando 98 termos (68 do nome, 26 do verbo e 4 da partícula). Contudo, com aproximadamente, 50% do *corpus* analisado, o volume do material já ultrapassava 400 laudas, sendo que, antes de sua escrita, deveria passar por testes e, diante do gigantismo do material, não haveria tempo hábil para testar com sujeitos o resultado (os verbetes redigidos pós-análise), como é de praxe numa pesquisa científica; levando em conta, por exemplo, variáveis como: nível de proficiência em língua árabe do consulente, idade, origem, objetivo de consulta, grau de clareza e entendimento (satisfação), monorreferencialidade do equivalente em português, sugestões, entre outros. Cremos que a fase de teste com sujeitos seja essencial para garantir a efetividade do dicionário pretendido, pois nosso objetivo maior não é publicar um dicionário inédito, e sim, contribuir efetivamente para os Estudos Árabes no Brasil, com um material de referência que seja sério e que venha ajudar aos estudantes e professores de língua árabe em nosso país. Por esses motivos, optou-se por traçar as bases metodológicas para a elaboração de um dicionário terminológico e postergar para uma etapa posterior, sua execução.

Acreditamos que esta tese tenha aberto o caminho e pavimentado a estrada rumo ao estabelecimento desta área de pesquisa no Brasil. Esperamos ter contribuído para o desenvolvimento dos Estudos Árabes, em geral, e para o ensino da língua em particular.

Referências Bibliográficas

- ADDĪN ‘AM ‘ALĪ, Tāj. *Annūr lmuḏī’ fī lqawā‘d wali ṭrāb walbalāġah wal‘urūd wali mlā.* Damasco: Dār Ifikr, 2006.
- ALḤATĪB, Ḥasān & JAṬAL, Muṣṭafā. *Alluġatu al‘arabiyatu liġayri almuta‘aṣiṣīn - alkitābu al‘alwalu.* Damasco: Mudīriyat al kutub almaṭbū‘āt aljamiyat, 1992-1993.
- ALḤAWS, ‘Aḥmad. *Qiṣatu-li‘rāb, ‘uslūb mutaṭawwir fī-lqawā‘id wa-li‘rāb.* Damasco: Aṭṭab‘at arrābi‘at, 1987.
- ALMA‘RĪ, Šawqī. *Almawsū‘a an-naḥawyya lmaysara: bīuslūb ta‘alīmī mutamayazī.* Damasco: Dār lḥārit, 2002, v. 1-10.
- ABRANTES, Fr. António Baptista. *Instituições da língua arabiga para o uso das Escolas da Congregação da Terceira Ordem.* Lisboa: Regia Officina Typografica, 1774.
- AL-KAROURI, AbdulMuneim M. *The inflectional morphology of verbs in classical arabic.* Khartoum University Press, 1996.
- ALONSO, Nieves Paradela. *Manual de Sintaxis Árabe.* Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 2005.
- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* São Paulo: Publifolha, 2010, 3. ed.
- BAALBAKI, Ramzi. Review of books: *Al-Mubarrad’s refutation of Sībawayhi and the subsequent reception of the kitāb* by Monique Bernards. In: *Journal of American Oriental Society.* American Oriental Society, v. 119, n. 3, 1999, p. 532-533.
- _____. “Inside the speaker’s mind: speaker’s awareness as arbiter of usage in Arab Grammatical Theory.” In: *Approaches to Arabic Linguistics: presented to Kees Versteegh on the occasion of his sixtieth birthday.* DITTERS, Everhard and MOTZKI, Harald (edited). Leiden/ Boston: E. J. Brill, 2007.
- BAALBAKI, Dr. Rohi. *Al-Mawrid, A modern Arabic–English dictionary.* Beirut: Dar El-Ilm LilMalayin, 1995.
- BAKALLA, Dr. Muhammad et al. *A dictionary of modern linguistic terms: English-Arabic & Arabic-English.* Beirut: Librairie du Liban, 1983.

- BARBOSA, Maria Aparecida. "Dicionário, vocabulário, glossário: concepções." In: *Constituição da Normalização Terminológica no Brasil*/Ieda Maria Alves (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/CITRAT/USP, 2001, 2. ed., p. 23-45.
- BARROS, Lídia A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BATESON, Mary Catherine. *Arabic language handbook*. Washington: Center for Applied Studies, 1967.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna/ Editora Nova Fronteira, 2009, 37. ed.
- BELMOUHOU, Rachid. *Larousse langues orientales. Lire et écrire l'arabe*. Paris: Larousse, 2006.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo (org.). "A ciência da lexicografia." In: *Lexicologia e Lexicografia*. Alfa 128 (suplemento), p. 1-26, 1984.
- _____. "O dicionário padrão de língua." In: *Lexicologia e Lexicografia*. Alfa 128 (suplemento), p. 26-43, 1984.
- _____. "Terminologia e Lexicografia." In: *TradTerm* 7, 2001, p.153-171.
- BOHAS, George, GUILLAUME, Jean-Patrick, e KOULOUGHLI, Djamel. *The Arabic linguistic tradition*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2006
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- BORG, Simon. "The use of grammatical terminology in the second language classroom: a qualitative study of teachers' practice and cognition." In: *Applied Linguistics* 20/1. Reino Unido: Oxford University Press, 1999, p. 95-126.
- BULOS, Afif A. *The Arabic triliteral verbs: A Comparative Study of Grammatical Concepts and Processes*. Beirut: Khayats, 1965.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco e PANTALEONI, Nílvia. "A gramática de João de Barros : contexto histórico e conceitos teóricos." Depósito: 17 set. 2012. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/2012/09/17/a-gramatica-de-joao-de-barros-contexto-historico-e-conceitos-teoricos-estudo-de-ana-lucia-tinoco-cabral-e-nilvia-pantaleoni/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- CACHIA, Pierre. *Dictionary of Arabic grammatical terms, Arabic-English/English-Arabic*. Beirut & London: Librairie du Liban & Longman, 1973.

- CAFFARO, Paula da Costa. *Para uma padronização em português da terminologia morfossintática do verbo árabe*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2013.
- CAMARA, J. Mattoso Jr. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- _____. *Princípios da linguística geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010, 1. ed.
- _____ e ELIAS, Vanda Maria. *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. “Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?”, disponível no link <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3029641/mod_resource/content/1/Como%20nasceu%20a%20l%C3%A9ngua%20portuguesa%20-%20Ataliba%20T%20de%20Castilho.pdf>, último acesso em 12/06/2018.
- CENTURION, Rejane e MORAES, Milena Borges de. “Lexicografia e ensino: reflexões necessárias.” In: *Caligrama*. Belo Horizonte: v. 18, n. 2, p. 131-153, 2013.
- CINTRA, Anna Maria Marques *et al.* “Linguagens documentárias e terminologia”. In: *Constituição da Normalização Terminológica no Brasil*/Ieda Maria Alves (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/CITRAT/USP, 2001, 2. ed., p.17-22.
- COMPANY, Houghton M. *The American heritage dictionary*. Boston: New York, 1991, 2nd College Edition.
- CÔRREA, Roberto Alvim. *Dicionário escolar francês-português/português-francês*. Rio de Janeiro: FENAME/Ministério da Cultura, 1970, 5. ed.
- CORRIENTE, Frederico. *Diccionario Arabe-Español*. Barcelona: Editorial Herder, 1991, Tercera Edición.
- _____. *Gramática Árabe*. Barcelona: Editorial Herder, 1992.
- COWAN, David. *Gramática do árabe moderno: uma introdução*/ David Cowan: tradução de Safa A. A. Jubran. São Paulo: Globo, 2007.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, 11.ed.
- CUNHA, Aline Luiza da. “A lexicografia pedagógica e o léxico especial.” In: *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, n. 5, t.2. Rio de Janeiro: CiCEFiL, 2011, p. 1322-1331.
- DEMAI, Fernanda M. *Um dicionário terminológico da área de ortopedia técnica: descrição e análise*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2006.

- DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri e BOLZAN, Rosane Maria. “A formação docente em lexicografia e a realidade sobre o trabalho com dicionários em sala de aula.” In: *Eutomia: revista de literatura e linguística*. p. 323-345.
- DURAN, Magali e XATARA, Cláudia Maria. “Lexicografia Pedagógica: atores e interfaces.” In: *D.E.L.T.A.* 23:2, 2007, p. 203-222.
- EL-DAHDAH, Antoine. *A pocket dictionary of Arabic grammatical nomenclature*. Beirut: Librairie du Liban Publishers, 1997.
- _____. *A Dictionary of Arabic Grammatical Nomenclature*. Beirut: Librairie du Liban Publishers, 1993.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FINATTO, Maria José B. “Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação”. In: *Temas de Terminologia/Krieger & Maciel* (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001a, p. 434-435.
- _____. “Microestrutura no dicionário terminológico: bases teóricas e orientações metodológicas em direção ao seu tratamento formal”. In: *Temas de Terminologia/Krieger & Maciel* (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001b, p. 285-296.
- GAUDEFROY-DEMOMBYNES, M. & BLACHÈRE, R. *Grammaire de L’Arabe Classique*. Paris: Librairie Orientale et Américaine, 1937.
- HAYWOOD, J. A. & NAHMAD, H. M. *A new Arabic grammar of written language*. London: Lund Humphries, 1965.
- HAUY. Amini Boainain. *Da necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- _____. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Edusp, 2014.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Nomenclatura Gramatical Brasileira: cinquenta anos depois*. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. “Terminologia e ensino de português: um caso exemplar.” In: *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. Nova Fase, nº XVIII, Primeiro semestre de 2016, p. 35-51.

- _____. “Terminologia Gramatical e ensino: novos tempos, velhos problemas.” In: *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. 2009, v. 6, p. 55-69.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.
- JESPERSEN, Otto. *The Philosophy of Grammar*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1992.
- JUBRAN, Safa Abou-Chahla. “Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa.” In: *Tiraz*. USP, Ano 1 (2004). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004, p. 16-29.
- _____. *Árabe e Português: Fonologia Contrastiva*. São Paulo: Edusp/Fapesp/CEAR, 2004.
- JUCÁ (filho), Cândido. *132 restrições ao Anteprojeto de simplificação e unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1958.
- KRIEGER, Maria da Graça; & FINATTO, Maria José Borcomny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KRIEGER, Maria da Graça. “A face linguística da Terminologia.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 22-32.
- KRIEGER, Maria da Graça. “O termo: questionamentos e configurações.” In: *TRADTERM*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/CITRAT/USP, 2001, n. 7, p.111-140.
- KRIEGER, Maria da Graça. “Sobre Terminologia e seus objetos”. In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 34-38.
- _____. “Terminologia revisitada.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 47-60.
- LEFFA, Vilson J. “Metodologia do ensino de línguas.” In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 211-236.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002, 42. ed.
- LIMA, Suely, Ferreira. *Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2017.

- LIPÍŃSKI, Edward. *Semitic languages, outline of a comparative grammar*. Leuven: Peeters, 1997.
- LOGUERCIO, Sandra D. “Da falta de equivalência à paráfrase.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 415-421.
- MACIEL, Anns Maria Becker. “Pertinência pragmática e nomenclatura de um dicionário terminológico.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001a, p. 275-284.
- MACIEL, Anns Maria Becker. “Terminologia, linguagem de especialidade e dicionários.” In: *Temas de Terminologia*/Krieger & Maciel (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP & Editora da Universidade/UFRGS, 2001b, p. 39-46.
- MACHUEL, L. *Principaux termes techniques de la grammaire Arabe*. Tunis: Société Anonyme d’Imprimerie Rapide, 1908.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental*. 2 volumes, 1ª a 4ª séries: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>, 1999 ; 5ª a 8ª séries : <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> , 1998.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf> , 2000.
- MOHAMMAD, Mahmoud Dawood. *The semantics of tenses and aspects in English and Modern Standard Arabic*. Dissertation submitted to the Faculty of the Graduate School of Georgetown University in partial fulfillment for the degree of Doctor of Philosophy in Applied Linguistics. Washington: 1982.
- MOURA, Denilda (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió : EdUFAL.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega na gramática tradicional* [livro eletrônico]: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. São Paulo : Editora Unesp, 2005, 2.ed. rev. e atual.
- _____. “O legado grego na terminologia gramatical brasileira.” In: *Alfa*. v. 55, n. 2, 2011, p. 641-664.
- NOGUEIRA, Cléris Regina. “A diglossia nas comunidades árabes.” In: *Tiraz: revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio/ Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe*. Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. – Ano I (2004). São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2006, p. 32-57.

- OWENS, Jonathans. *The foundation of grammar*. Amsterdam/ Philadephia: John Benjamins Publishing Company, 1988.
- _____. “Models for interpreting the development of Medieval Arabic Grammatical Theory.” In: *Journal of the American Oriental Society*. v. 111, Nº 2 (Apr. - Jun., 1991) p. 225-238.
- PÉRIER, Augustin. *Nouvelle grammaire Arabe*. Paris: Editeur Ernest Leroux, 1911.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- _____. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PIETROFORTE, Antônio V. S. & LOPES, Ivã C. “A semântica lexical.” In: *Introdução à Linguística II: princípios de análise*/ José Luiz Fiorin (org.). São Paulo: Contexto, 2003, p. 111-135.
- ROMAN, André. *Grammaire de l’arabe*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- RYDING, Karin C. *A Reference Grammar of Modern Standard Arabic*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- SABBAGH, Alphonse Nagib. *Dicionário Português-Árabe*. Beirut : Librairie du Liban Publishers, 2004.
- SABBAGH, Alphonse Nagib. *Dicionário Árabe-Português*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional & Almadena Editora, 2011.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006, 27.ed.
- SCHRAMM, Gene. “An outline of Classical Arabic Verb Structure.” In: *Linguistic Society of America*. Language, v. 38, n. 4, (Oct – Dec 1962), p. 360-375. Disponível em: <www.jstor.org/stable/410672>. Acesso em 18 mar. 2010.
- SILVA, Eloiza Teresinha F. da. *Dicionário técnico bilíngue inglês-português da subárea do Check-list*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009.
- SILVA, Thaïs Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001, 4.ed.
- SMART, J.R. *Arabic*. UK: Teach yourself books, 1986.
- SILVA, Fernando de Sousa Ferreira da. *A Nomenclatura Gramatical Brasileira em sala de aula*. Dissertação de Mestrado, 2017.

- SOUSA, Fr. João de. *Vestígios da língua arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes portugueses, que tem origem arabica*. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias, 1789.
- SUBHI, Hamawi (compilação). *Al-Munjed fī-Luġat al-ʿArabyyat al-Muʿāširat*. Beirut: Dār al-Mašriq, 2001, 2.ed.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2005, 10.ed.
- TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VARGENS, João Baptista de Medeiros. *Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia*. Rio Bonito: Almadena, 2007.
- VERSTEEGH, C.H.M. (Kees). *Greek elements in Arabic linguistic thinking*. Leiden: E. J. Brill, 1977.
- _____. “The Arabic Terminology of Syntactic Position.” In: *Arabia*, T. 25, Fasc. 3, Brill, 1978, p. 261-281.
- _____. *Landmarks in linguistic thought III: The Arabic Linguistic Tradition*. London and New York: Routledge, 1997.
- _____. “Linguistic Contacts between Arabic and Other Languages.” In: *Arabic*, T. 48, Fasc. 4, *Linguistique Arabe: Sociolinguistique et Histoire de la Langue*. Brill, 2001, p. 470-508.
- XATARA, Cláudia, BEVILACQUA, Cleci, HUMBLÉ, Philipe (org.). *Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008.
- ZEKRI, Mostafa & BAPTISTA, Jorge. *Manual de Iniciação ao Árabe*. Portugal: Serviços Gráficos da Universidade do Algarve, 2002.
- WEHR, Hans. *A dictionary of modern written Arabic*. New York: Spoken Language Services Inc, 1976, 3rd edition.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. *O uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006.

_____. *Panorama Geral da lexicografia pedagógica*. Brasília: Thesaurus, 2008.

WIGHTWICK, Jane & GAATAR, Mahmoud. *Verbs and Essentials of Grammar*. New York: MacGraw Hill, 2008.

WRIGHT, William. *A grammar of the Arabic language*. London: Convent Garden, v. I (1859) e v. II (1862).